



Editorial

É com grande satisfação que brindamos os nossos leitores com mais um número da **Colloquium: Revista Multidisciplinar de Teologia**. A título de reiteração, a Colloquium é um periódico acadêmico vinculado à Faculdade Batista do Cariri (FBC) que publica textos, fruto de pesquisas na área de Teologia e de outras matrizes epistêmicas que estabeleçam diálogo com o saber teológico. Com isso, pretende-se não apenas fomentar a produção teológica no país, mas estabelecer um ambiente propício ao diálogo e ao debate entre a Teologia e outros campos do conhecimento.

Os dois primeiros artigos deste volume abordam a temática eclesiástico-pastoral. Na abertura, temos a pertinente análise da natureza, limites e desafios do ministério pastoral no artigo *Auto-sabotagem* ministerial de autoria de Almir Marcolino Tavares. Na sequência, Ricardo Ferreira Leite confronta visões distorcidas sobre a inclusão dos homoafetivos e apresenta a noção de evangelho da compaixão como uma reposta equilibrada, bíblica e viável para o problema da inclusão. Na sequência, Mark Franklin Willson redescobre a importância e beleza do paralelismo bíblico no artigo *O paralelismo hebraico: transmitindo graça aos que ouvem*. Temos ainda o artigo de autoria de Igor Guedes apresentando uma análise exegético-teológica da expressão “Filhos de Abraão” na teologia paulina. Fechando esta seção, a articulista Rafaela Cristina Araújo apresenta uma análise histórico-teológica da *Carta a Diogneto*, por meio da qual esclarece o sentido desta que é uma das primeiras apologias do segundo século.

A seção de ensaios é composta por dois textos. No primeiro, José C. Lopes Marques confronta a interpretação clássica de *Cantares* baseada em duas personagens (Salomão e sua amada Sulamita) e, por meio de um exercício poético-imaginativo propõe a existência de três personagens; Salomão (anti-herói), Sulamita (heroína) e o amado da Sulamita (herói). Com isso, ressalta-se o caráter fiel do amor descrito no cântico. O segundo ensaio, de autoria de Azarias Frago Neto, apresenta um estudo comparativo

entre Sêneca e o ensino das Escrituras, tendo como referências temas que aparecem em *A brevidade da vida*, como o tempo, a ansiedade, a sabedoria e a meditação.

Aproveitamos para felicitar a todos aqueles que contribuíram para a realização deste número e desejamos aos nossos leitores uma experiência enriquecedora a partir dos trabalhos aqui compartilhados.

Dr. José Marques

Editor Geral

Instituição responsável: Faculdade Batista do Cariri

Diretor Geral: Almir Marcolino Tavares

Coordenador acadêmico: Vicente Ricardo Ferreira Leite

Secretária acadêmica: Ana Priscila de Almeida Costa Eugênio

Bibliotecária: Ana Taís Borges Costa

Conselho editorial da revista:

Editor geral: Dr. José da Cruz Lopes Marques

Coeditor: Ms. Carlos Alberto Bezerra

Membros:

Dndo. Francisco Dário de Andrade Bandeira

Ms. Antônio Francimar da Silva Lima

Ms. Daniel Soares Simões

Capa: Ms. Daniel Soares Simões

Editoração: Dr. José da Cruz Lopes Marques

239 Colloquium: Revista Multidisciplinar de Teologia
C714 V. 04, Nº 01, 07 agosto de 2020; Crato – CE;
Departamento de Teologia da Faculdade
Batista do Cariri.
Ed. Online
ISSN:2448-2722



AUTO SABOTAGEM MINISTERIAL

Ministerial self-sabotage

Almir Marcolino Tavares*



*O autor tem curso de Teologia pelo Seminário Batista do Cariri, e é graduado e pós-graduado pela Faculdade Kuryos. Tem exercido a docência em teologia há 33 anos no Seminário Batista do Cariri e atuado como pastor pastoral há 31 anos na Igreja Batista do Novo Juazeiro – Juazeiro do Norte-CE. Atualmente, é também diretor do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade batista do Cariri.

E-mail: almirtavar@gmail.com.

RESUMO:

O ministério é uma atividade cheia de tensões e tentações. Algumas pessoas não suportam a pressão e tentam fugir, e um dos modos escolhidos é a auto sabotagem. O objetivo deste artigo é alertar para esta prática. Inter agindo com artigos já publicados o autor delinea o que é a auto sabotagem, suas causas, suas consequências e sugere atitudes e ações que devem ser desenvolvidas para fazer frente a ela. Com isso espera ajudar servos e servas do Reino de Deus a não se abaterem com as frustrações e pressões inerentes à obra de Deus.

Palavras-chave: auto sabotagem, estresse, ministério, fuga, medo.

ABSTRACT:

Ministry is an activity full of tensions and temptations. Some people cannot stand the pressure and try to escape, and one of the chosen ways is self-sabotage. The purpose of this article is to alert you to this practice. Interacting with articles already published, the author outlines what self-sabotage is, its causes, its consequences and suggests attitudes and actions that should be developed to face it. In doing so, he hopes to help servants and servants of the Kingdom of God not to be overwhelmed by the frustrations and pressures inherent in the work of God.

Keywords: self-sabotage, stress, ministry, escape, fear.

INTRODUÇÃO

Lembro-me com pesar de um aluno, pessoa muito agradável, disposição de servo, sociável, com bom talento para a liderança e uma encantadora família. Começou de modo bastante promissor o primeiro pastorado. A igreja manifestava um contentamento singular. O campo logo passou a respeitá-lo e premiá-lo com posições que aumentavam seu círculo de influência. Tudo ia muito além das suas próprias expectativas.

Um casal da igreja afeiçoou-se deles. A amizade cresceu, e a confiança também. Logo aquele irmão começou a emprestar o carro para o pastor. Quando o irmão viajava permitia que sua esposa emprestasse o carro. Isso começou a dar espaço para uma proximidade maior. Um diácono da igreja, terna e discretamente, pediu que o pastor tomasse cuidado. O pastor respondeu: não se preocupe irmão, disso eu sei me defender. A defesa resistiu poucos meses. O desastre ocorreu, um adultério foi cometido, duas famílias foram destruídas, a igreja local sofreu forte decepção e a Igreja de Cristo suportou mais um escândalo. Hoje, aquele pastor está fora do ministério e separado da família.

A autoconfiança nos torna descuidados e isso nos coloca no caminho do fracasso ministerial. Outros caíram por diferentes razões: ganância, pressa em se tornar conhecido e influente, descontentamentos no casamento, e outras mais. Mas eu nunca havia pensado que alguns pastores provocam sua queda, porque desejam deixar o pastorado e não sabem como. Até que o artigo de Stephen L. Woodorth me fez pensar seriamente no assunto¹. A queda pode ser um grito de “eu não aguento mais! Deixem-me sair disso!” A pressão e o desencanto ministerial os levaram a se auto sabotar.

O artigo, a princípio me foi enviado por WHATSAPP como um alerta. Li de modo rápido, no meio dos muitos afazeres destes tempos de isolamento, com aulas de EAD para preparar. Mas ele ficou zunindo em minha mente como uma muriçoca que nos tira o sono. Tentando “matar a muriçoca” voltei a lê-lo com mais vagar. Percebi que era importante para outros também, por isso repassei. Mas o zunido continuava. Vi que seria de muita

¹ Woodorth, Stephen L., PORQUE ALGUNS PASTORES SABOTAM SEUS PRÓPRIOS MINISTÉRIOS. <https://www.christianitytoday.com/pastors/2019/june-web-exclusives/why-do-some-pastors-sabotage-their-own-ministries.html>. Acessado no dia 26 de Maio de 2020, às 19 horas. Stephen L. Woodorth pastor e ordenado vice-presidente da Rede de Educação Teológica Internacional, um braço do ministério da Igreja Evangélica Presbiteriana, World Outreach vivendo na Geórgia.

utilidade para os alunos da classe de Teologia Pastoral. Para isso tinha que pesquisar mais um pouco. O resultado está aqui, não sei se foi um tapa certo na muriquoca. É um artigo baseado em outros, como uma colcha de retalhos (um pouco maior do que o necessário, mas tenho dificuldades em jogar retalhos fora!), com algumas costuras alinhavadas por mim. Espero que ele sirva para aquecer os colegas, se por acaso o frio do desânimo e frustração soprar o desejo da auto sabotagem.

Antecedendo o artigo acima referido, havia um link que me conduziu à trágica notícia do suicídio de um obreiro de cinquenta anos, que fora pastor por vinte anos, além de empreendedor, dirigente de uma organização mundial para divulgação do evangelho e autor de livros. Há quatro anos havia sido demitido da mega igreja que fundara por testemunho inadequado. Ele confessou, pediu perdão, buscou ajuda e foi acolhido por outra igreja que o cercou de cuidados, mesmo com todo esse apoio, a auto sabotagem chegou para ele com uma morte auto infligida².

1 - A AUTO SABOTAGEM MINISTERIAL COMO FUGA PARA NOSSAS DISSONÂNCIAS

Já pensou em mudar de ramo?

Quantas vezes você já pensou em desistir? Já se imaginou fazendo outra coisa na vida? Que lhe desse mais dinheiro? Não fosse tão estressante? Que não sacrificasse tanto a família? Que lhe ajudasse a sentir-se uma pessoa normal? Que não diferenciasses seus filhos dos outros? Que lhe proporcionasse ganhar a vida sem pagar um preço aparentemente tão alto? Eu já. Todas as manhãs de segunda-feira, quando a melancolia pós-sermão me atinge com todas as forças que preferiria ficar na cama por dias. Quando as pessoas julgam meus filhos, adivinham meus motivos e criticam meus ensinamentos. Quando passo noites sem dormir, deitado no sofá, no silêncio e na quietude da casa, me perguntando se há outra coisa na vida que eu possa fazer, ao invés de pastorear as almas das pessoas, homens e mulheres quebrados pelos problemas da vida (WOODORTH, 2019).

Penso que alguns, senão a maioria dos obreiros cristãos convivem com perguntas assim vez ou outra. Parecem viver numa tensão entre o fardo do chamado e o desejo de escapar (WOODORTH, 2019). Penso que várias vezes durante o ministério alguns

² Fonte: Cristian Post. Tradução completa: <https://folhagospel.com/morre-o-pastor-e-escriptor-darrin-patrick-aos-49-anos-por-aparente-suicidio/2020>. Acessado no dia 26 de Maio de 2020, às 19:30hs.

obreiros podem experimentar aquele sentimento que Maurice Druon descreveu como sendo dos governantes

Quando alguém governou os homens por muito tempo, quando acredita ter trabalhado pelo bem comum, quando conhece as penas que custa essa tarefa, e percebe, de repente, que nunca foi nem amado nem compreendido, mas somente suportado, então nasce-lhe uma grande amargura, e pergunta a si mesmo se não haveria melhor emprego a fazer da própria vida (DRUON, 1965, p. 208).

Uns permanecem porque o investimento de vida foi tão alto que não parece vantajoso abandonar, e podem um dia acordar com as almas incendiadas pelo tédio e o cinismo. Alguns, pressionados por esta tensão clamam e buscam a graça, fortalecem-se na graça que há em Cristo Jesus, ao invés de abandonarem o barco da fé e do chamado quando a pressão se torna insuportável, como fizeram Figelo, Hermógenes, Demas e outros³. Enquanto muitos pastores lidam com o encargo do ministério com graça por décadas, por que alguns caem e se queimam em apenas alguns anos? (WOODORTH, 2019).

As razões para isso são: nossa pecaminosidade comum; nosso orgulho; nossa fome por fama que nos impulsiona a nos tornarmos celebridades (e isso pode nos fazer pensar que estamos acima das regras, ou nos fornecer desculpas para deslizes não permitidos aos outros simples mortais); nossa sede por realização que, somada ao engano dos nossos corações nos faz confundir o desejo pelo ministério com os nossos anseios por consumismo, gratificação imediata, influência, realização e descoberta da identidade (ESWINE, 2016, p. 25-32); nosso isolamento, que nos ajuda manter a aparência de intocáveis e inquebráveis; nossa falta de confissão; nossa falta de autorreflexão; e até mesmo nossa hipocrisia, pois há pastores que se acostumaram a fingir e isso se tornou a norma em todas as esferas da sua vida. “Todas estes fatores desempenham um papel no fracasso pastoral. Mas quero sugerir outra opção: alguns pastores sabotam seus ministérios de propósito” (WOODORTH, 2019).

É certo que os pastores não tinham esta expectativa no início do ministério, da mesma forma que não é normal as pessoas casarem já pensando em separar-se. Eles não começaram na liderança esperando que “um dia eu espero ter um caso / roubar dinheiro /

³ 2Tm 1.15; 2.1;4.10

destruir minha família / arruinar minha igreja / causar desilusão em muitos / perder minha alma (NIEUWHOF, 2020).

Embora o normal não seja que os pastores acordem de manhã e decidam cair no pecado nos enganamos se fingirmos que os pastores nunca decidem voluntariamente e intencionalmente falhar. Alguns fazem (WOODORTH, 2019).

Como disse Carey Nieuwhof (2020), o fracasso às vezes é a fuga mais rápida.

Quando comecei o ministério, me encontrei com um pastor que acabara de renunciar por causa de um caso. Ele era 20 anos mais velho, e nos encontramos para almoçar. Perguntei-lhe por que ele tinha um caso, e ele me disse em parte porque não aguentava mais a pressão do ministério, mas não conseguia encontrar uma maneira fácil de sair. O caso o forçou a sair. Anos depois, eu descobriria pessoalmente a dor do esgotamento... Eu estava tão esgotado que uma fuga da minha vida parecia atraente. Pela graça de Deus, eu sabia o suficiente para manter minha cabeça no jogo, mesmo que meu coração tivesse parado de funcionar. Como resultado, durante meus meses mais sombrios, eu continuava dizendo a mim mesmo: "o que você fizer, não faça nada precipitado - não traia sua esposa, não largue o emprego e não compre um carro esportivo.

No ministério lidamos com as realidades mais profundas e determinantes da vida, que produzem resultados eternos. Há uma guerra sendo travada, e no ministério estamos diretamente envolvidos nela. Quando se soma a isso o fato de que em nossa esfera de trabalho os relacionamentos são extremamente importantes e as pessoas são pecadoras, o estresse é extremamente potencializado. Nem todos o suportam e tentam fugir, e a forma da fuga pode ser correr para os braços de tentações que nos assombram há anos, ou outras formas de auto sabotagem.

2 - O QUE É A AUTO SABOTAGEM E COMO ELA OCORRE?

A pessoa comete a auto sabotagem quando empreende uma ação que atrapalha seus planos e metas. Exemplo: quebra uma dieta, resolve se distrair ao invés de concluir uma tarefa, adia uma decisão que necessita urgentemente ser tomada, e assim por diante. A procrastinação, o álcool, o excesso de diversões, exagero na comida, estresse e conflitos interpessoais (HENDRIKSEN, 2017), são modos de auto sabotagem. Além dos resultados mais aparentes, há o problema da sutileza deste comportamento, e como ele produz autodefesa até chegar num ponto quase sem volta.

A Dra Helen Hendriksen(2017) propõe alguns padrões discernidos na auto sabotagem:

1) Sentir-se indigno do sucesso e felicidade

Preferimos a consistência até mais do que o contentamento. Almejamos a consistência, isto é, desejamos que nossas ações estejam sincronizadas com nossas crenças e valores. Quando isso não ocorre, esforçamo-nos para que se alinhem novamente. Sem isso nos sentimos dissonantes. Quando sabemos que não somos tudo que as pessoas que nos admiram imaginam que somos, e ainda assim prosperamos. A dissonância ataca os ouvidos de nossa consciência num nível insuportável. Passamos a desejar o fracasso como um meio de nos libertar deste barulho. O problema nesse caso é a grande separação entre a imagem projetada e o caráter que carregamos.

Se começarmos a acumular vitórias e realizações, ainda assim nos considerarmos defeituosos, inúteis, incapazes ou deficientes, puxamos o plugue para nos livrar da dissonância. Se é ruim fracassar, é ainda pior ter sucesso (HENDRIKSEN, 2017). Os pastores podem sentir-se muito propícios a isso.

Há aqueles que buscam a auto sabotagem como uma maneira de retornar a um senso de equilíbrio. Em um grau ou outro, todo pastor sente a sua própria hipocrisia. Somos chamados a pregar, semana após semana, sobre uma visão do cristianismo que talvez não experimentamos completamente, um amor a Deus que às vezes não sentimos, oração que não praticamos, conselhos sobre pais e casamento que esquecemos de empregar em nossas vidas e lares, perdão que lutamos para dar, uma identidade em Cristo que lutamos para permanecer enraizados. Em meio a essa tensão, os pastores podem procurar uma maneira de equilibrar as expectativas externas dos outros com sua realidade interna. Quanto mais alto o pedestal, mais forte é a atração para baixo (WOODORTH, 2019).

Como um ato catártico o pastor cede à tentação, buscando sentir-se “normal”. Algumas vezes, após grandes realizações ministeriais, uma boa pregação, uma sessão de aconselhamento bem-sucedida, uma conferência, ou eventos assemelhados, o pastor sente-se tentado a cometer algum pecado, como compensação pela admiração provocada. Vi esse princípio se manifestar entre colegas que confessaram ter se retirado para o escritório imediatamente após o sermão para assistir pornografia, engolir um comprimido ou pegar uma garrafa de bebida alcoólica (WOODORTH, 2019).

Também deve ser considerado quanto às quedas nestas situações, o fato de alguns se sentirem muito bem com o sucesso alcançado, o projeto concluído, e até aliviados com a tarefa cumprida, sentem-se realizados, mas como não é uma realização baseada no relacionamento com Deus através de Cristo, a sensação é de um vazio. Então busca-se

uma compensação com outros prazeres, alguns até inofensivos, mas outros pecaminosos. Há também os que, nestes momentos, estão exauridos em suas energias, e mais vulneráveis à tentação.

2) Desejo por manter o controle

O raciocínio é: prefiro eu mesmo me acabar, ao invés de outros me pegarem desprevenido em minhas dissonâncias, e assim ficarei envergonhado. Isso lhe dá a ilusão de estar no controle. Já que vou cair, eu decido como e quando.

É como se a pessoa morasse numa casa, sabendo que mais cedo ou mais tarde irá cair. Toda noite ele adormece com este medo, e no outro dia sai para trabalhar com a incerteza de que encontrará a casa de pé na volta. Para se livrar dessa tensão, decide derrubar a casa ele mesmo. De fato, ele se livrou do problema da insegurança de morar numa casa em risco de cair, mas arrumou um problema bem maior. “Outros podem sabotar-se devido à insegurança. Muitos pastores se sentem impostores, e pode parecer mais fácil falhar moralmente do que enfrentar o potencial de ser demitido por inadequação” (WOODORTH, 2019).

3) Percepção de fraude na vida

Que é a sensação que ocorre quando alguém alcança o sucesso e é elogiado, mas se sente um impostor. A pessoa decidir fazer o mínimo, ficar na média, igual aos outros e passar despercebido, ou continuar se esforçando e abafando o medo de a qualquer momento ser descoberto. Sentir-se uma fraude leva facilmente a procrastinação e diversão - se você se depara com uma tarefa que faz você se sentir uma farsa, é muito mais tentador atualizar o Instagram novamente (HENDRIKSEN, 2017). Stephen Woodorth acredita que foi isso que ocorrem com Darrin Patrick.

É o caso de Darrin Patrick, que passou por três anos de restauração desde que foi demitido da igreja The Journey em 2016. Após anos de aconselhamento, reflexão, oração e arrependimento, Patrick passou a entender que seu próprio ato de auto sabotagem ministerial foi motivado por uma profunda necessidade de ser resgatado e repreendido. Na minha própria história, essa auto sabotagem foi um pedido de ajuda. Estava levantando a bandeira branca e dizendo: "Preciso de ajuda". Eu estava dizendo: "Quero ser conhecido, quero ser aceito, apesar das minhas falhas, quero que as pessoas saibam que tenho lutas, quero que as pessoas saibam o quão difícil é, e quanto sacrifiquei". Talvez o mais importante para Patrick durante sua temporada de restauração tenha sido o conselho que recebeu do fundador do Ministério da CrossPoint, Richard Plass, que

compartilhou com Patrick: “Você está pedindo ajuda desde que era pequeno; você está querendo que alguém venha e seja seu pai, seja seu irmão mais velho. Você está agindo para ser repreendido (WOODORTH, 2019).

Isso me faz lembrar algo que um professor de Pedagogia Cristã me disse uma vez, que algumas crianças cujos pais são omissos na disciplina, agem com indisciplina, porque querem ser disciplinadas. Não aguentam mais serem tratadas como boazinhas, quando de fato sabem que não são. A dissonância interna as faz buscar o equilíbrio provocando algo que lhes castigue.

4) Uso de desculpas aparentes

Só que estas desculpas não tocam no real problema. Quando o fracasso ocorre, a pessoa culpa as ações e não a si mesmo. Sim fui reprovado no exame para o mestrado, mas claro, não tive como estudar. No caso dos pastores, eles não podem alegar falta de conhecimento.

De fato, talvez a maior ironia do fracasso pastoral seja a quantidade de pastores que ensinam, pregam e escrevem, com frequência dedicando-se a condenar os próprios pecados que os levam à sua queda. Os pastores estão em uma posição única para entender a gravidade de sua decisão imoral. É exatamente por isso que suas falhas morais são mais chocantes e é difícil negar que, pelo menos em alguns casos, o fracasso pastoral tem um toque intencional do botão de ejeção (WOODORTH, 2019).

Embora intencional, isso não significa que os motivos estejam claros no momento da ação.

5) Medo do desconhecido

Quando se está acostumado a média, isto é, a não ser notados nem cobrado pelo sucesso alcançado, e o sucesso e sua consequente cobrança na forma de maiores expectativas chegam, eles se fazem acompanhar do assombro por não se estar familiarizado com aquela nova situação. Nem todos têm estrutura para lidar, não necessariamente com o sucesso, mas com a conta que ele apresenta de desgaste, invejas, perdas de privacidade, cobranças maiores e até irreais, e lutas para se manter a posição. Os jovens astros do futebol estão aí para comprovar isso.

Diante disso, a pessoa prefere voltar à casca de tartaruga antiga, pois ali se sentia mais à vontade, menos vulnerável, menos exposta, menos cobrada, as pessoas esperam menos, ou até não esperam nada, isso pode ser mais confortável.

6) Tédio

Algumas vezes estamos tão entediados com a vida, que preferimos provocar algo que cause uma instabilidade, mesmo que seja contra nós mesmos. Alguns de nós, entramos no ministério esperando e desejando realizar grandes coisas para Deus, entendendo grandes coisas da perspectiva mundana, algo espetacular, glamoroso, que mostre nosso valor e importância. Considerarmos o ministério como uma vitrine de exposição dos nossos talentos, ou uma quadra para apresentação de nosso preparo. Durante um tempo, aguardamos até com certa paciência o nosso encontro com um momento épico (ESWINE, 2016, p. 27). Mas esse encontro começa a demorar, e enquanto ele não vem nosso encontro é com as pessoas carentes, debilitadas, muitas vezes exigentes e egoístas, que fomos chamados para cuidar. E isso praticamente todo dia. Descobrimos que o trabalho ministerial é como trabalho de dona de casa: todo dia limpar, lavar, passar quase que a mesma casa, a mesma louça e a mesma roupa. E todo dia a sujeira se renova e o trabalho se repete⁴. Nosso sonho por uma vida que fizesse diferença se parece mais com um pesadelo de uma vida que se torna igual a qualquer outra. A frustração se aproxima, começamos a namorar outros ofícios, queremos sair, mas temos vergonha de reconhecer que não somos chamados. Então, a auto sabotagem começa nos dar as suas piscadelas.

7) O medo do fracasso pode nos impedir de avançar

Pois só fracassa quem tem sucesso, só cai quem sobe. Logo se eu nunca subir, nunca irei cair.

A maioria das pessoas pensa na auto demolição como medo do sucesso. Mas, no fundo, o desespero por realizações não é realmente um medo de ambição e valor próprio - é um medo de fazer o melhor e não ter sucesso, de ser pessoalmente decepcionado e humilhado publicamente, pois tememos que nosso melhor possa não ser bom o suficiente. Este receio

⁴ Tema explorado pelo menos em parte pôs George Bernanos em *Diário de Pároco de Aldeia*.

é tudo que precisamos para nos refugiar em distrações mais simplórias da vida (HENDRICKSEN, 2017).

Mas será que a saída para estes problemas é mesmo buscar algo que me desqualifique? Que desanime as pessoas de esperarem algo melhor de mim? A solução é encontrar o sucesso nos termos bíblicos, ser alguém que teme a Deus e é aprovado por Ele. Nosso sucesso é nos tornarmos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo e isso Deus está operando em nós⁵. Além dos padrões acima mencionado posso acrescentar mais um:

8) Preguiça

Somos inclinados ao comodismo, à permanência em nossa zona de conforto. Qualquer desafio que exija uma porção a mais de esforço nos desanima. Só que nem sempre assumimos ou nem sempre estamos conscientes de que a preguiça é a causa disso. Por isso usamos desculpas para não emprendermos as tarefas e enfrentarmos os desafios. Enxergamos perigos onde não há, como o preguiçoso descrito em Provérbios um leão está lá fora, ele vai me matar⁶, ou ainda alegamos medo e incapacidade como o servo da parábola contada por Jesus⁷. Outra estratégia usada é fazer o serviço, mas de forma negligente, para que as pessoas não nos desafiem mais, pois verão que não somos capazes. Nesse caso, a auto sabotagem se destaca pelo fato de nós mesmos passarmos a acreditar em nossas desculpas. Acabamos por nos convencer de que não temos o talento ou treinamento suficiente, ou que nos falta tempo e recursos, e assim por diante, e vamos deixando escapar as oportunidades de servirmos a Deus e ao próximo, e o comodismo cada vez mais nos domina. Quando enxergamos outros que venceram esse comodismo, falamos para nós mesmos que, se tivéssemos tido as mesmas chances, os mesmos recursos, a mesma capacidade, também teríamos alcançado aquele patamar. Mas a verdade é que nos auto sabotamos, movidos pela preguiça.

⁵ Pv 22.13; 26.13

⁶ Pv 22.13; 26.13

⁷ Pv 22.13; 26.13

3 - COMO EVITAR A SABOTAGEM?

1) Evite o isolamento

Tanto Carey Nieuwhof como S.L Woodorth tratam disso em seus artigos. Vários pastores mencionaram que seu principal fator de frustração, desilusão e, às vezes, desespero é a natureza inerentemente “desumanizante” do ministério (WOODORTH, 2019). Alguns pensam que a solidão é inerente ao ministério. Mas não é. Algumas vezes a missão recebida exige um grau de solidão. Podemos lembrar os exemplos de Jeremias⁸, Paulo em seu último encarceramento⁹, e Jesus que se isolou em momentos de sua vida para orar¹⁰. Mas, nos dois primeiros casos foi uma solidão não buscada, mas imposta pela vontade de Deus e suprida por Ele, no outro uma situação excepcional, e na de Jesus bem esporádica. Todos os três exemplos buscaram e queriam amizades. Em nenhum dos casos foi uma solidão escolhida.

Em nossos dias a solidão tem sido uma escolha por parte de alguns pastores.

Mas a solidão é uma escolha. Ela pode até ser boa, saudável e curativa. Mas o isolamento é uma ferramenta usada pelo inimigo. Quando me isolo, perco o contato com a realidade, me afasto de relacionamentos que dão vida e me exponho a riscos que nunca aconteceriam se eu estivesse em uma comunidade autêntica (NIEUWHOF, 2013).

Sim, o ministério pode ser “desumanizante”, pode acontecer das pessoas não nos verem como pessoas, mas como um papel que deve ser desempenhado, ou mesmo como um ofício, tal qual o do médico, que depois de solucionar o nosso problema, elas não pretendem manter amizades significantes conosco. Mas, isso não precisa necessariamente tornar nossa vida solitária.

A solidão pode ser desanimadora, passa a aparência de que nosso fardo é maior do que outros, e pode nos dar a ideia de pecar em secreto, pois ninguém vai saber. Ela também nos deixa vulneráveis afetivamente, e assim, corremos o risco de sempre que alguém nos acenar com afetividade, logo cairmos em seus braços.

Quando a espiritualidade se torna espiritualização, a vida no corpo se torna carnalidade. Quando líderes eclesiais vivem seu ministério principalmente em suas

⁸ Jr 16.1,2

⁹ 2Tm 1.15; 4.16

¹⁰ Mc 1.35 ; 6.46; Lc 5.16, entre outros.

cabeças e se relacionam com o Evangelho como um conjunto de ideias valiosas a serem anunciadas, o corpo rapidamente se vinga, gritando alto por afeto e intimidade. Os líderes cristãos são chamados a viver a Encarnação, isto é, a viver no corpo, não apenas em seus próprios corpos, mas também no corpo corporativo da comunidade, e a descobrir ali a presença do Espírito Santo (NOUWE apud WOODORTH, 2019).

Carey Nieuwhof, em outro artigo, apresenta algumas maneiras de combater a solidão:

- 1) Admita que a solidão é uma decisão sua.
- 2) Cultive relacionamentos com outros líderes fora de sua igreja, nos quais você confia.
- 3) Cultive um bom relacionamento com algumas pessoas de sua igreja.
- 4) Viva em comunidade. Não seja meramente um oficial que presta serviços religiosos à sua igreja, mas um participante da mesma. Envolver-se com ela. Não permita que seu coração se profissionalize e endureça. Comemore as alegrias dos irmãos, e chore com suas tristezas. Tome cuidado quando você perceber que está parando de se importar. Cuidado quando o que é significativo, como família, amizades e comunhão se tornar mecânico. Lembre-se que paixão é algo desenvolvido e algumas vezes exige esforço (NIEUWHOF, 2020).
- 5) Lute contra o cinismo. O cinismo é simplesmente a desconfiança geral dos outros ou a falta de esperança nas pessoas ou em seus desejos. Na pior das hipóteses, torna-se uma negatividade cansada, ceticismo, desprezo ou desesperança (NIEUWHOF, 2019). Cínicos não mudam o mundo, apesar de afirmarem saber o que está errado com ele. Portanto, atenção, quando não começar mais a acreditar no melhor das pessoas, o cinismo pode estar lhe dominando. Procure luz no meio das trevas, ver flor no meio de espinhos. Muitas vezes elas estão lá, mas estamos tão descrentes quanto a sua existência que não as enxergamos. Mantenha o foco nas pessoas, não as padronize. Lembre-se que as pessoas, mesmo as que amamos, vão sim nos decepcionar, cortar nossos corações, mas nós também já fizemos e fazemos isso com outros. Perdoe e avance. Não fique se lamentando, nem preso às feridas, nem tão pouco não permita que o seu coração se feche para novas esperanças.
- 6) Fale com Deus sobre isso. *Elias pensou que era o único que restava*. 1Rs 19. (NIEUWHOF, 2013).

Lembre-se que companheirismo tem seu bônus e seu ônus. Não existe amizade autêntica e fácil. Ela envolve sacrifícios, tolerâncias, suportar em amor¹¹. Alguns de nós não conseguimos conviver com os que pensam um pouco diferente de nós. Nossa insegurança é tanta, que o pensar um pouco mais pra lá ou prá cá nos amedronta. Aqueles mais experimentados no ministério devem aprender a tolerar as imaturidades entusiasmadas dos que estão no começo da carreira, e com sua paciência, ensinar-lhes a caminharem com paciência e persistência. Construir companheirismo leva tempo.

2) Observe e reflita sobre seus padrões de comportamento

Observe quando, como e porquê a tentação se torna mais forte. Note os padrões que acompanham as suas crises de depressão, raiva, desespero ou derrota. Busque auxílio com pessoas mais experientes e que lhe amam o suficiente para ajudar e lhe confrontar. Converse com estas pessoas sobre seus sentimentos de inadequação, sua culpa por hipocrisia e seu desejo de pular do pedestal. Buscar mais “sucesso”, no ministério, como compensação, apenas agravará o problema (WOODORTH, 2019).

3) Pratique a confissão de seus pecados

Diariamente, confesse seus pecados a Deus. Isso nos impede de nos acostumarmos com eles e acharmos que são pequenos deslizes.

Quando confesso meus pecados, preciso não apenas procurar o óbvio, mas também as rachaduras. Por pecados pequenos que podem se tornar muito maiores. Por motivos que não são puros. Para pensamentos que fogem em direções perigosas (NIEUWHOF, 2020).

Aprendamos que confessar e até chorar por nossos pecados agora diante de Deus, é prejuízo menor do que ter que explicá-los depois para nossa família e igreja.

4) Pense nas consequências

Pensar que uma queda torna a saída do ministério mais fácil é o mesmo que pensar que o divórcio é a saída mais fácil para um casamento problemático. Imagine um piloto de avião, que por vários motivos se encontrasse pressionado em sua vida, e pensa que a

¹¹ Cl 1.12,13

melhor saída é jogar o avião de encontro a uma serra! Ele não encontrou saída nenhuma e causou um desastre de proporções eternas! Penso que isso seria o equivalente a uma auto sabotagem ministerial.

Então, lembre-se dos resultados incendiários causados nas vidas, famílias e igrejas daqueles que caíram. Essa está longe de ser uma saída fácil. Pelo contrário, ela é destruidora, do testemunho de sua igreja, do seu relacionamento com Deus, da sua família, de pessoas que acreditaram na liderança espiritual de um pastor. Pense no rastro que você vai deixar e no prejuízo que causará a sua alma.

5) Aprenda a prestar contas

Considere que há pessoas a quem devemos contas nas respectivas áreas de nossa vida. Esposa, na área conjugal e familiar. Filhos, na área paternal. Amigos, irmãos, e nossa igreja. Portanto, aprendamos a dar satisfações. Nossa vida não é nossa. Deus colocou pessoas ao nosso redor e algumas acima de nós, com propósitos protetores. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras¹². Lembremos que a tarefa de cuidar das pessoas não é apenas do pastor para com os demais, mas de todos, uns para com os outros também, Atentando diligentemente (supervisionando, exercendo o papel de bispo) para que ninguém seja faltoso separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura expor meio dela, muitos sejam contaminados¹³.

6) Entenda que o sofrimento é parte desta vida, e aprenda a sofrer

Não podemos ser utópicos. O céu não é aqui. Logo, mesmo sendo pastores, e até bons pastores, iremos sofrer, talvez até por isso. Seremos caluniados, incompreendidos, traídos, rejeitados, abandonados e sofreremos outras decepções mais. Não somos melhores do que Jesus. “Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a

¹² Hebreus 10.24

¹³ Hebreus 12.15

mim, também perseguirão a vós outros”¹⁴. Além do mais, já fizemos outros sofrerem, e ainda fazemos. Aprenda tratar as feridas sem vomitá-las em público e/ou no púlpito.

Para isso, aprendamos a descansar, nos aconselhar com outros, encontrar refúgio em nossa família. E se for necessário, caso reconheçamos que não podemos permanecer no ministério, podemos sair sem cair.

Você não é sua igreja. Você não é seu ministério. Você não é o único portador do reino em seu canto do mundo. E afastar-se de um papel no ministério de tempo integral não é equivalente de maneira alguma a afastar-se de Deus. De fato, para alguns de vocês, deixar o ministério de tempo integral pode ser um passo em direção a Deus. Toda vez que um pastor escapa do ministério por auto sabotagem, uma comunidade inteira é devastada e a reputação global da igreja é prejudicada. Alguns pastores precisam renunciar ao invés de escapar. Sim, a igreja precisa de pastores, mas também precisa parar de ser atingida por estilhaços quando eles caem (WOODORTH, 2019).

Olhe para além do sofrimento daqui. Tenha por certo que os sofrimentos do tempo presente não se podem comparar com a glória por vir a ser revelada em nós¹⁵.

7) Lembre-se que todo ofício tem seus ossos

Não é só o pastor que sofre ao desempenhar sua tarefa. Suor e fadiga é parte de todo trabalho debaixo do sol desde que o pecado entrou no mundo. Procure ouvir os irmãos de sua igreja, e suas lutas para conseguir o pão de cada dia e manter o lar. Você verá que os problemas podem até ser diferentes, mas ainda doem e fazem sofrer.

Irritam-me alguns relatórios missionários testemunhos pastoreais que enfatizam o sofrimento ministerial quase ao nível de um martírio. Penso se isso não transmite a ideia de que, por estarmos no ministério, temos direito à imunidade de sofrer no ofício. O ministério tem seus ossos, como todo ofício, e tem suas alegrias e privilégios, aluno diferenciados.

Transmitamos esta verdade para a esposa e filhos. Lembro-me de um retiro, no qual uma esposa de pastor foi convidada a dar uma palavra para as seminaristas. A frase mais marcante e repetida por ela foi que: preparem-se, porque esposa de pastor sofre. Sim

¹⁴ João 15.20

¹⁵ Rm 8.18

sofre, mas a esposa de mecânico, a do pedreiro, a do comerciante, a do professor, a do policial, também sofrem. Parece-me uma espécie de vitimização.

8) Alegre-se com as benesses do ministério

O ministério tem dores, mas também tem bons sabores. Desfrute das alegrias, sem a ilusão de que elas serão permanentes. Há momentos que os céus parecem descer, antecipações da glória. Mas são pequenos tira-gosto que devem ser desfrutados com alegria.

Quantos ofícios podem produzir diretamente resultados eternos? Quantos ofícios trabalham diretamente com a verdade? Quantos ofícios podem dedicar a maior parte do tempo para aprendizado das verdades de Deus e relacionamento com Deus em oração? Quantos ofícios podem ajudar pessoas naquilo que elas têm de mais precioso: sua vida eterna, sua família, a criação de seus filhos, e assim por diante? Quantos ofícios podem construir relacionamentos que durarão a eternidade? Quantos ofícios permitem uma camaradagem sincera?

9) Conte as bênçãos

Separe momentos para lembrar as bênçãos de Deus. Lembro-me de uma tarde no gabinete pastoral, na qual me encontrava bem desanimado, achando que era hora de deixar a igreja. Por providência divina se me apresentou um livro sobre liderança. Mesmo desanimado comecei a ler. O autor disse procurava passar a ideia de que ânimo é muito uma questão de perspectiva. Ele ilustrou isso, com o exemplo de dois diários que ele pode ler numa exposição de artigos da Segunda Guerra, especialmente do dia da invasão da Normandia. Um diário era de um soldado da infantaria, o outro de um aviador. O diário do infante dizia: *vamos perder essa guerra. Vis muitos dos meus colegas morrerem, nossos tanques serem imobilizados, o inimigo parece bem entrincheirado. Vamos perder essa guerra!* O diário do aviador, fora escrito no mesmo dia do outro diário, mas dizia o seguinte: *vamos ganhar essa guerra! Depois que vi nossas tropas avançando, nossos aviões destruindo os tanques inimigos, a situação que as tropas deles estão, tenho certeza que vamos vencer essa guerra!* Mesmo dia, mesma guerra, mas ânimos diferentes, por quê? Perspectivas diferentes.

Parei a leitura neste momento e resolvi alistar as bênçãos que Deus estava nos dando na igreja naquele momento. Deu para encher uma folha. Depois reli e disse, é hora de continuar aqui.

Liste as bênçãos, conte para você mesmo o que Deus tem feito.

Se da vida as vagas procelosas são,
se com desalento julgas tudo vão,
Conta as muitas bênçãos, dize-as de uma vez
E hás de ver surpreso, quanto Deus já fez!¹⁶

10) Cuide de sua vida devocional

Enfrentamos uma grande tentação de super valorizar o serviço em detrimento da devoção. Somos muito mais inclinados à Marta, do que à Maria¹⁷. Muitas vezes, mesmo na nossa hora devocional, de oração e meditação nas Escrituras, nossa mente é invadida pelo enxame de deveres e tarefas e perdemos o foco. A sensação que nos acomete é que ali nós estamos perdendo tempo. Que aquele momento precisa terminar o mais rápido possível, para irmos fazer o que de fato é importante. O devocional, algumas vezes, se torna apenas mais um item na agenda, que logo deve ser marcado como realizado, para que nossa consciência se tranquilize, e possamos ir em paz preparar nossos serviços.

Preparar um jantar para Jesus e seus discípulos pode ser mais atrativo do que ficar aos pés de Jesus ouvindo seus ensinamentos porque nos sentimos mais realizados tendo algo palpável e visível para apresentar. Afinal um jantar apreço útil, sentar-se e ouvir não. As pessoas podem nos julgar mais produtivos pelo jantar, pois é algo mensurável que pode ser avaliado. Já estar sentado e ouvindo, além de passar a sensação que não estamos produzindo nada, pode sinalizar que somos preguiçosos.

11) Fortaleça-se na graça de Deus

Lembre que nosso valor não é derivado de nossas realizações ministeriais, mas do amor de Deus por nós, e nada vai nos separar deste amor. Tenha certeza que, mesmo que

¹⁶ Oatmann, Johnson Jr. CONTA AS BÊNÇÃOS, (Trad. Eliza Rivers Smart). Cantor Cristão, hino 329.

¹⁷ Lc 10.38-42

as pessoas não saibam das nossas fraquezas, do nosso senso de inadequação, Deus sabe, e mesmo assim, nos amou.

A razão do nosso sucesso não é nossa capacidade, mas sua presença conosco. A nossa suficiência ou dignidade vem de Deus¹⁸. Quando Deus escolheu Gideão, chamou de de homem valente, ou de valor! E disse para ele: vai nessa tua força! As reações de Gideão nos demonstram que ele poderia ter muitas qualidades, menos valentia e força¹⁹. Mas a presença de Deus supriria aquilo que Deus via nele. Somos sim inadequados para a obra, mas nossa adequação está em Cristo e não em nós.

Nossa alegria deve estar firmada não nos resultados de nosso ministério, nossa maior alegria deve ter outra motivação, “alegrai-vos não porque os demônios se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus”²⁰.

Apele à presença auxiliadora do Espírito Santo, que está para sempre conosco.

Com estes recursos não precisamos de auto sabotagem. E sim de uma profunda confiança na graça de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ministério é sim estressante e provoca sofrimentos. Estar no ministério é estar na frente da guerra, a maior guerra do mundo: entre a verdade e a mentira, entre o Reino de Deus e o reino deste mundo. Mas, nossas atitudes podem intensificar este sofrimento. Se buscarmos no ministério nossa realização pessoal, sucesso diante da sociedade, reconhecimento daqueles a quem servimos ou outros alvos deste tipo, o sofrimento aumentará e poderá nos levar à auto sabotagem.

Quando lembramos que o alvo de Deus é nos tornar semelhantes a Jesus e não nos dar uma vida confortável, ou um ministério glamoroso ou mesmo útil, o desejo de auto sabotagem perde espaço em nosso coração²¹. Colocaremos diante de Deus nossas dissonâncias, clamando que, por Sua graça e pela obra de Cristo, Ele nos torne íntegros,

¹⁸ 2Co 3.5 O termo grego aqui traduzido “suficiência” ou “capacidade”, num forma mais abreviada também foi traduzido por “digno” em outras passagens, Lc 3.16

¹⁹ Jz 6.11-7.11

²⁰ Lucas 10.20

²¹ Ef 4.12,13

e nos faça consonantes, não à imagem que projetamos, ou aquela que os membros e os colegas esperam ver em nós, mas à imagem de Cristo, seu Filho.

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem **conformes à imagem de seu Filho**, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos²².

REFERÊNCIAS:

ESWINE, Zack. **O pastor imperfeito** (Trad. Elizabeth Gomes), São José dos Campos: Fiel, 2016.

DROUN, Maurice. **A rainha estrangulada**. (Trad. Alcântara Silveira"). São Paulo: DIFEL-Círculo do Livro, 1965.

HENDRICKSEN, Helen. **Por que no auto sabotamos?** <https://www.psychologytoday.com/us/blog/how-be-yourself/201710/why-do-we-self-sabotage-0>. Publicado em 2017. Acessado no dia 26 de Maio de 2020, às 19:30hs.

NIEUWHOF, Carey. **Cinco razões pelas quais os pastores falham moralmente (e o que observar em sua própria vida)**. <https://careynieuwhof.com/5-reasons-pastors-fail-morally-and-what-to-watch-for-in-your-own-life/> Acessado no dia 26 de Maio de 2020, às 21:00 hs.

_____. **Como você mata o cinismo dentro de você?** Postado em Agosto 2019 <https://careynieuwhof.com/how-do-you-kill-the-cynicism-inside-you/>. Acessado no dia 26 de Maio às 22:45hs.

_____. **Liderança solitária é uma escolha**. Postado em maio de 2013. <https://careynieuwhof.com/hey-leaders-loneliness-is-a-choice/> Acessado no dia 26 de Maio de 2020 às 22.

_____. **Sinais de um coração endurecido**. <https://careynieuwhof.com/the-early-warning-signs-of-a-hard-heart/>. Postado em abril de 2020. Acessado no dia 26 de Maio de 2020 às 22:30hs.

WOODORTH, Stephen L. **Porque alguns pastores sabotam seus próprios ministérios**. <https://www.christianitytoday.com/pastors/2019/june-web-exclusives/why-do-some-pastors-sabotage-their-own-ministries.html>.

²² Rm 8.29.



O EVANGELHO DA COMPAIXÃO DIANTE DO DESAFIO DE INCLUSÃO DOS HOMOAFETIVOS

The compassion's gospel before the challenge of homoafetive's inclusion

Vicente Ricardo Ferreira Leite*

A
R
T
I
G
O



* Pastor batista há 22 anos. Graduando em Teologia, especialista em Psicopedagogia, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FABAPAR). Além disso, é professor e coordenador acadêmico da Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
pr.ricardoleite@gmail.com

RESUMO:

A questão de como fazer o evangelho chegar as pessoas que, na conjuntura social, são marginalizadas, ainda se projeta como uma sombra tentando eclipsar a proclamação das boas novas a estes grupos a exemplo dos homoafetivos. O próprio Jesus obrigou-se a quebrar este roteiro costumeiro do convívio social ao relacionar-se com pessoas de reputação duvidosa. Pessoas que no contexto social judaico não tinham oportunidades de envolver-se com a comunidade religiosa, e foram recebidas por Jesus, acentuando o fato de que o evangelho é voltado a conduzir o indivíduo ao relacionamento com Jesus. Em outras palavras, não é a mudança que leva ao relacionamento com Cristo, mas o relacionamento que leva a mudança.

Palavras-chave: Evangelho; Compaixão; Homoafetivos.

ABSTRACT:

The question of how to get the gospel to people who are socially marginalized, still projects like a shadow trying to eclipse the proclamation of the gospel to these groups, such as homoafectives. Jesus forced himself to break this customary script of social interaction by relating to people of dubious reputation. People who in the Jewish social context had no opportunity to get involved with the religious community of their day, were received by Jesus, emphasizing the fact that the gospel is aimed at leading the individual to a relationship with Jesus. In other words, it's not change that leads to the relationship with Christ, but the relationship that leads to change.

Keywords: Gospel; Compassion; Homoafectives.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”. (Mt. 9.36).

Será que se pode dizer que o homem está avançando, evoluindo? Será que o homem está mais humano? As pessoas estão mais equilibradas, mais adaptadas à vida, prontas para enfrentar as grandes lutas que este século impõe? De um lado, a ciência e a tecnologia avançam a passos largos. Em pouco tempo muito foi conquistado. Mas sobre a humanidade, pode-se dizer o mesmo?

Um simples olhar ao redor ou a visualização dos noticiários, evidencia um ser humano desorientado. Cada vez mais, as pessoas estão cheias de ocupações, nunca realizaram tanto, mas ao mesmo tempo, sentem que precisam de algo mais. Elas tentam realizar esta busca em dezenas de coisas, como o trabalho, a família, a educação, e até mesmo nas drogas. São indivíduos buscando desesperadamente algo em que se agarrar.

Estes anseios estavam presentes também nos dias de Jesus. Os homens procuravam algo que lhes desse sentido na vida. Religião, trabalho e família eram as respostas principais às suas inquietações. E, da mesma maneira, não era difícil vê-los Tateando, como quem procura algo para se firmar. É neste contexto que Jesus é apresentado, ler os evangelhos remete o leitor a um indivíduo diferenciado, um homem equilibrado, com o mais alto senso de humanidade, envolvendo amor em tudo quanto fazia, procurando relacionar-se genuinamente com todos ao seu redor, independente de classe social, cor, raça ou gênero. Sua conduta reportava-se ao mais alto nível de moralidade e ética, sendo reconhecido até pelos inimigos como alguém justo e honrado¹.

1 – A RELAÇÃO DE CRISTO COM AS MINORIAS DE SEU TEMPO

Jesus aproximava-se das pessoas com o firme propósito de conduzi-las para fora destas angústias e ansiedades, seus olhos avistaram a mesma multidão que a liderança judaica contemplou, mas houve uma gigantesca diferença entre o olhar de Jesus e o dos

¹ Em Lucas 23.4 Pilatos afirma não encontrar em Jesus qualquer dolo que o fizesse réu.

líderes religiosos do Seu tempo. Estes olhavam as pessoas e imediatamente as rotulavam, legando-as ao destino que tal rótulo lhes conduzisse. Jesus, ao contrário, olhava para as pessoas com olhos cheios de compaixão, esta visão alterava a perspectiva, levando-O a ver além do exterior, e até além do estereótipo. Ele se aproximava delas para fazer mais que ajudá-las materialmente, para resgatá-las², para conduzi-las a uma vida realmente plena³.

Este ministério da compaixão é passado a seus discípulos, deles seria a responsabilidade de perpetuar este novo modelo de olhar para a pessoa humana. E não somente deles, mas de cada discípulo de Jesus após eles. Os seguidores de Jesus deveriam olhar as pessoas com o mesmo olhar, distinto olhar, que via além das roupas, das posses, da aparência e da religiosidade. Era um abraço aberto a todos os que estivessem cansados, sobrecarregados, a todos os que estivessem procurando alívio inutilmente⁴.

O ministério da compaixão era amplamente inclusivo. Todos eram bem-vindos, exceto aqueles que não se viam necessitados. Os autossuficientes, os orgulhosos, os arrogantes, os que se auto justificavam não tinham espaço nem lugar, mas todo o pecador reconhecedor de sua carência espiritual que procurava Jesus, era recebido.

Ele recebia mulheres de reputação duvidosa, publicanos, samaritanos⁵, e todos que estivessem à margem da sociedade, desassistidos por aqueles que deveriam conduzi-los no bom caminho. Todos tinham um lugar junto a Cristo, era um ministério de compaixão, de reconciliação, um ministério de resgate e renovação, que transformava aqueles por ele assistidos.

Este ministério é passado de geração a geração. Os seguidores de Jesus Cristo ainda têm esta missão a cumprir, e a questão é: está sendo cumprida? Estariam os pastores, os líderes religiosos, os cristãos, os discípulos de Cristo de modo geral, cumprindo esse

² João 8.36 - Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres (ARA).

³ João 10.10 – “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (ARA).

⁴ Mt 11.28 – “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (ARA).

⁵ Lucas 7.37-39; 5.27; João 4

papel? Quem são os marginalizados de nosso tempo? Quem, hoje, faz parte do grupo posto a margem do sistema religioso?

Sem demora pode-se elencar vários grupos: órfãos, viúvas, prostitutas, presidiários, viciados e pessoas de orientação homoafetiva. A igreja precisa estender o ministério da compaixão a cada um deles. É verdade que alguns destes grupos tem recebido maior atenção, a exemplo de orfanatos, asilos, casas de recuperação e grupos de auxílio presentes na maioria das cidades com presença da igreja de Cristo. Mas, ainda há muito a fazer para diminuir a distância entre a igreja e os grupos ainda marginalizados.

Atualmente, é no contexto homoafetivo que se encontra o maior desafio. Como fazer deste grupo objeto de compaixão? Como ajudar estes indivíduos a buscarem refúgio em Cristo, e encontrar nele o refúgio e a libertação dos pecados? Que caminhos têm sido propostos com a finalidade de ajudar, acolher e restaurar pessoas pecadoras como quaisquer outras a andarem em fidelidade e compromisso com Cristo?

2 – HOMOAFETIVOS E O SISTEMA TRADICIONAL

A história tem apresentado uma perspectiva diferente a cada dia quando o assunto é homoafetividade. Pessoas com orientação sexual diferente do tradicional têm sido alvo de perseguições, violência e discriminação que por muito tempo foram indivíduos legados aos guetos, procurando esconder-se em ambientes por eles criados com a finalidade de encontrar um espaço de liberdade. Geralmente, estes espaços ficavam em ambientes escondidos, em lugares discretos, e nestes ambientes eles conviviam de modo invisível.

Com o passar dos anos, esta situação vem mudando de maneira perceptível, uma vez que a sociedade do século XXI tem observado o avanço do homoafetismo e tem reagido a este de maneiras diversas. Olhando da perspectiva do tradicionalismo, encontramos uma reação que se alinha ao ensejo de manter as estruturas sociais nos moldes da continuidade, que entendem a família como formada pela união entre um homem e uma mulher, e que todo relacionamento sexual deve ser mantido nesta base.

Ruy Laurenti (1984, p. 1), professor titular do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP/USP) e Diretor do Centro da OMS para a Classificação Internacional de Doenças (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças),

FSP/USP, tem demonstrado que na primeira metade do século XX os homoafetivos eram tratados como pessoas doentes. A condição na qual eles se encontravam era produto de uma patologia a ser tratada. Por essa razão, era uma doença classificada no catálogo internacional de doenças – (Classificação Internacional de Doenças – CID). Esta visão de homoafetividade perdurou oficialmente até 1973, quando a Associação de Psiquiatria Americana (APA) retirou a homoafetividade de sua lista de problemas patológicos (DALLAS, 1998, p. 83). Não obstante, a psicanálise ortodoxa ainda considera o ser homoafetivo como doente. Sobre isso, Wunibald Müller afirma:

São sobretudo os psiquiatras da linha psicanalítica que consideram a homossexualidade em si como uma doença. Via de regra eles partem da suposição básica de que a heterossexualidade representa a norma biológica, portanto de que todas as pessoas são heterossexuais, a não ser que ocorra alguma perturbação. (...) essa perturbação pode, por exemplo, assumir a forma de um medo oculto em relação ao outro sexo. (...) Já que se considera este medo como irreal e inadequado, vê-se nessa adaptação, isto é, na homossexualidade, algo de doentio (MÜLLER, 2000, p. 10).

Temos um impasse profundo no que se refere ao diagnóstico médico da questão homoafetiva. Isto porque a decisão de retirar o homossexualismo da lista de doenças não foi uma decisão técnica, nem está baseada em nenhum estudo científico ou mesmo sobre conhecimentos clínicos, antes, foi uma decisão arbitrária embasada tão somente em questões de natureza política (MÜLLER, 2000, p. 9). As constantes investidas e a forma ativa e barulhenta com que a militância homoafetiva lutou para ter seu registro retirado desta lista de classificação foi a razão básica para sua exclusão.

Este impasse tem causado situações constrangedoras, pois uma vez que a decisão foi tomada unilateralmente, os profissionais de saúde se veem obrigados a alinhar suas convicções clínicas à decisão do Conselho, ainda que nenhuma razão médica lhes seja oferecida. Somado a isto, temos a decisão do Conselho Federal de Psicologia proibindo aos psicólogos de “tratar” homoafetivos por causa de sua homoafetividade. Este fato já trouxe algumas páginas jurídicas, pois não demorou para psicólogos serem alvo de processos por tratar de pessoas com esta orientação sexual que buscavam seu auxílio⁶.

⁶ Por exemplo, a psicóloga Marisa Lobo teve sua licença profissional cassada em 23 de maio de 2014 pelo Conselho Regional de Psicologia do Paraná acusada de oferecer a “cura gay” a seus pacientes, fundamentada por dogmas religiosos. (<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-05-23/psicologa-que->

Do ponto de vista das relações sociais a homoafetividade também tem avançado. Já não estão mais legados aos guetos; ao invés disso, andam livremente e exibem sua orientação sexual orgulhosamente, podem ser vistos nas praças, restaurantes, shoppings, e em qualquer outro lugar público, contando até com um evento anual de amplo impacto, a “Parada Gay” de São Paulo, subsidiada pelo governo federal. Estão ocupando cargos públicos e privados sem nenhum impedimento dado a sua opção sexual⁷. Assim, conquistam dia-a-dia o direito de coexistir em um mundo anteriormente marcado pela heterossexualidade como único padrão aceito.

Entre suas conquistas está o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Em 14 de maio de 2013 o Supremo Tribunal Federal – STF – determinou aos cartórios que se realizasse uniões estáveis, para não dizer casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Isso concedia ao indivíduo direitos civis até então somente concedidos aos casais heterossexuais legalmente casados ou com união estável reconhecida, aqueles que estão vivendo juntos a mais de cinco anos.

Entretanto, a intolerância de poucos ainda persiste, cenas de horror acontecem frequentemente em que grupos de indivíduos, aproveitando-se de superioridade numérica, atacam vítimas indefesas, não poucas vezes tirando-lhes as vidas, movidos pela ignorância e pelo preconceito, causando um desserviço à sociedade e promovendo posições radicais dos dois lados. Um exemplo do radicalismo no extremo oposto é a proposta de lei da homofobia, que quer tornar crime até mesmo as opiniões expressas que não coadunam a perspectiva homoafetiva.

As mudanças produzidas pelas reivindicações das militâncias homoafetivas ainda não foram suficientes, porém, para produzir uma aceitação inquestionável do modelo de família, a posição tradicional ainda é constituída por um homem e uma mulher. Por maior

propunha-cura-gay-tem-registro-cassado-no-parana.html). Esta decisão, porém, foi anulada pela Justiça Federal no dia 6 de novembro do mesmo ano, por entender que o Conselho não está acima da constituição que garante liberdade de expressão e religião a todo cidadão brasileiro. (<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-anula-cassacao-de-psicologa-acusada-de-oferecer-cura-gay-efwfc6ynim1lv5q4rvx76kwge>).

⁷ Podemos citar os deputados Clodovil e Jean Willys como exemplo de como os homoafetivos tem conquistado espaço na sociedade moderna.

que seja o espaço conquistado até agora, o modelo tradicional de família ainda é o que aponta um relacionamento heterossexual.

Da perspectiva religiosa, encontramos igrejas bastante dispostas a receber membros de orientação sexual homoafetiva. Igrejas como a Comunidade Metropolitana (Metropolitan Community Church), tem se espalhado ao redor do mundo. Sua proposta é acolher toda comunidade homoafetiva (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais), antes renegada pelas igrejas e denominações tradicionais. Só a referida Comunidade Metropolitana já espalhou mais de trezentas congregações em pelo menos vinte e dois países, contando com um rol de quarenta e três mil membros⁸.

As igrejas tradicionais, por sua vez, estão fechadas a receber membros com essa orientação sexual. Se algum homoafetivo quiser tornar-se membro de alguma delas, antes, precisará comprovar seu afastamento das práticas da homossexualidade, e passar a viver de maneira adequada à convicção bíblica exposta, a qual coloca a heterossexualidade como normativa. Não há espaço para releituras ou novas interpretações daquilo que as Escrituras ensinam sobre sexualidade e qualquer forma que difira deste padrão é pecaminosa.

Voltando a pergunta na introdução deste tópico, será que a forma tradicional com que a igreja tem trabalhado este tema reproduz de maneira adequada o que o olhar de compaixão para com os excluídos deve fazer? Estaria havendo diálogo suficiente entre igreja e homoafetivos? Se não estiver havendo diálogo, sua falta constitui uma forma de auxílio adequado para que os excluídos consigam visualizar o amor de Deus por elas? Haveria outra maneira de diálogo entre estas duas partes?

3 – HOMOAFETIVIDADE E A LIBERDADE POR IMPOSIÇÃO

Será pedir muito um tratamento diferenciado, que recupere os longos anos de perseguição sofridos pelos homoafetivos? Seria merecido que a sociedade como um todo

⁸ Fundada nos Estados Unidos por Troy Perry, reverendo expulso de uma denominação pentecostal omitida em seu histórico, por ser homossexual, em 1968. (<http://mccchurch.org/overview/history-of-mcc/> acessado em 28/08/15).

reestruture seus padrões para que a pessoa de orientação sexual voltada para pessoas do mesmo sexo tenha um ambiente que lhe proporcione tudo quanto desejar? Certamente, estas perguntas teriam respostas diferentes dependendo de a quem elas forem feitas. Se a um fundamentalista, todas as questões seriam respondidas com um assertivo “não”. Se, por outro lado, tivéssemos um militante homoafetivo, haveria um sonoro “sim”. O que fazer para que haja respeito e aceitação mútua num mundo de diferenças que, por vezes, parece irreconciliável? Será que o caminho da compaixão que a igreja precisa deve ser imposto externamente?

Em um mundo que registra mais de sete bilhões de habitantes, a sociedade encontra-se num processo de ditadura de minorias em que os padrões sociais são invertidos para que possa haver um acolhimento a grupos menores, exceções ao padrão da maioria e nesta tentativa de igualar os direitos, desequilibram-se os deveres. Estas minorias ficam desobrigadas das regras que têm norteado a boa convivência das majorias por décadas, quiçá, séculos. Por exemplo, a constituição federal diz, e a boa convivência apoia, que os símbolos de importância religiosa sejam respeitados, independentemente de sua crença. Quem não lembra do episódio do pastor Sérgio Von Helder chutando um símbolo Católico Romano e a repercussão causada? Num estado de direito, respeita-se a religiosidade do próximo, mesmo quando não é a nossa, mas parece haver uma licença velada para que a militância homoafetiva profane os símbolos cristãos, patrocinada por aqueles que deveriam ser os baluartes da constituição.

A compaixão ao homoafetivo tem sido exigida na oferta de cirurgias de troca de sexo. Enquanto milhões de brasileiros sofrem nas longas e desgastantes filas em busca de tratamento cirúrgico que lhes darão maior qualidade de vida, para não dizer mais tempo de vida, a militância homoafetiva exige que a sociedade pague cirurgias de mudança de sexo até de adolescentes, independentemente da vontade dos pais⁹. É argumentada a necessidade de devolver a dignidade, pois o corpo está na alma errada. E o que dizer das mães, não teriam elas o direito de ter cirurgias plásticas das mamas pagas pelo Estado, afinal, após amamentar, sua autoestima é comprometida ao verem suas mamas afetadas pela força da gravidade. E o que dizer do careca? Teria que receber tratamento para

⁹ Lei de identidade de Gênero - PL 5002, proposto pelos deputados Jean Wyllys (PSOL/RJ) e Erika Kokay (PT/DF).

implante de cabelos, afinal, sua dignidade caiu na mesma medida dos seus cabelos. Se algum coerente levanta esta questão e tenta colocar as coisas na ordem correta, o que se escuta é a palavra de ordem da militância: homofobia!

Socialmente, a compaixão tem sido também imposta quando algo mais que a presença do homoafetivo nos diversos meios de convívio social é aceita, bem como o respeito e a dignidade da pessoa humana lhes são dispensados. Mais uma vez, há regras que normatizam a utilização de lugares públicos impostas a todas as pessoas. Todos, exceto aos homoafetivos, ao que parece. Por exemplo, o respeito a ambientes públicos, que leva casais heterossexuais a serem discretos e comedidos nas carícias, tendo ou não indicativos mais libidinosos. Se alguém faz menção de alertar que sejam mais discretos, o coro se forma declarando a palavra de ordem: homofobia!

O cenário religioso não é diferente dos demais. Das igrejas é exigido que acolham o homoafetivo independentemente da interpretação bíblica que aquela igreja possua. Procura-se impor relacionamentos que deveriam ser construídos pela compaixão e não pela imposição. Nas palavras de Dom João de Aviz¹⁰, “o cristianismo não tem de crescer por imposição, mas por atração” (LOPES, 2015, p. 15. Relacionamento feito por imposição não é relacionamento, é constrangimento, que certamente trará consigo mais dissabores que prazer, o que se procura de respeito e de aceitabilidade por parte do mundo homoafetivo não pode ser conquistado pela violência, mesmo que institucionalizada.

Isto parece claramente não ser o caminho da compaixão que o evangelho propõe, até porque perfaz o caminho inverso. O universo homoafetivo procura sua aceitabilidade por força de imposição. Quem sabe devido a alguma falha no processo de diálogo estabelecido pela igreja? Será que o sentimento do indivíduo homoafetivo é exatamente o mesmo, sentindo que lhe é imposto um padrão do qual não há disposição para assumir? Existe, porventura, alguma outra abordagem neste diálogo? Há algum ponto de equilíbrio que possa conciliar posições tão distantes, embora partam do mesmo princípio de imposição? Escolheria Jesus alguma destas duas posições? Pela maneira como os

¹⁰ Dom João de Aviz é cardeal da Igreja Católica Romana. Catarinense, deu entrevista a *Revista Veja* de 8 de abril de 2015, falando sobre a necessidade de amar o pecador como resgate da compaixão que deve ser marca da igreja de Cristo.

Evangelhos O apresentam, é bem provável que Ele surpreenderia a ambos os grupos ao não trilhar nenhum dos dois caminhos.

4 – HOMOAFETIVIDADE E O EVANGELHO DA COMPAIXÃO

Envolver-se com pessoas de comportamento diferente do socialmente aceito provoca que sentimentos no ser humano? Conviver com tais diferenças não parece ser um caminho fácil, apesar do pluralismo cultural de um mundo globalizado. Para muitas pessoas o diferente é repulsivo, principalmente quando seus atos fogem ao que é definido como natural. A pessoa de comportamento homoafetivo tem lidado com isto ao longo da história, e é certo que ainda terá que conviver com um olhar lateral¹¹ em muitos contextos, inclusive no contexto religioso.

Nos dias de Jesus, este olhar lateral estava presente nas diversas interações sociais. De um lado, gentios e publicanos eram tidos como a escória da sociedade judaica. Pessoas flagradas em pecado eram marcadas e marginalizadas em seu convívio social. A segregação social envolvia até mesmo pessoas que eram acometidas de doenças, sendo elas muitas vezes excluídas e condenadas a viverem fora da conveniência da cidade, em lugar geralmente separado exclusivamente para pessoas com problemas semelhantes¹². Esta abordagem volta-se ao questionamento inicial, fazendo lembrar como Jesus olhou a multidão. Seu olhar compassivo e gracioso, mirava aos olhos da alma, vendo muito além do exterior, a ponto de ser impactado pelo desespero de corações aflitos, procurando motivação para vida. Ele nunca abandonou ninguém, mesmo os socialmente excluídos.

Interessante é observar que o evangelho da compaixão muda o foco inicial. Ele não começa com a ideia de rotular alguém como bom ou ruim, vil ou justo, antes de qualquer rótulo, se vê um sentimento profundo direcionado ao próximo. Este conceito se explica a partir da origem do termo, que literalmente fala das entranhas, das vísceras (MOULTON, 1978, p. 373), onde estaria o centro das emoções, local onde seriam produzidos sentimentos profundos como ira, ansiedade, medo e amor, inclusive. Partindo

¹¹ Por olhar lateral quero dizer um olhar de ombros. Um olhar que une, ao mesmo tempo, desprezo e reprovação.

¹² A exemplo dos leprosos.

desta noção, compaixão é mais que piedade simplesmente, antes, é uma emoção comovente que surge no lugar mais íntimo do ser humano, levando-o a agir em prol do objeto de suas emoções (BARCLAY, 2009). Assim, ter compaixão é, antes de tudo, o colocar-se à disposição de envolvimento com o objeto em questão, é ir até ele, é tornar-se a diferença na vida dele.

O sentimento de compaixão sempre motivou Jesus a interagir com o pecador apesar de seu pecado. Não o vemos constrangido em dividir a mesa com pecadores, nem de estender a mão a leprosos, ou de livrar uma adúltera das mãos de seus algozes. Numa frase Ele explica a razão: eu vim “buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). Para realizar satisfatoriamente esta tarefa, Ele está disposto a estender a mão a qualquer pessoa que se veja necessitada. Qualquer um que o buscar encontrará pronto socorro e providencial ajuda para vencer as lutas travadas. Foi assim com os dois cegos, com a mulher cananeia, com o endemoninhado geraseno, com o jovem possesso e com o cego de Jericó; todos eles buscaram Jesus que se compadeceu deles, e foi até eles, criou pontes para o amor de Deus, e resgatou o perdido. Esta tarefa agora compete a seus discípulos.

O evangelho da compaixão deve funcionar como um ímã atraindo o metal ao seu redor. O amor proveniente da alma do cristão é o fator primário que leva as pessoas no mundo a procurarem a Jesus. Quando se ama, genuinamente se fala a linguagem de Jesus, e só é possível fazê-lo porque seu amor foi apresentado primeiro. De modo que o discípulo de Jesus o faz por experiência de causa. Ele está pronto para estender a destra da compaixão porque já foi objeto da mesma. Assim, quando o pastoreio chega ao homoafetivo, chega não mais como detentores da pureza e como os guardiões da verdade e santidade, antes, chega a eles como iguais, pessoas imperfeitas as quais Jesus ama, e se ofereceu por sacrifício. Chega-se a eles como indivíduos que também um dia chegaram sujos e rejeitados, e encontraram compaixão em Jesus Cristo. Seus braços estavam abertos para nos receber, para nos tratar as feridas, para nos limpar e compartilhar seu amor.

É esta a grande diferença. Enquanto se tem como alvo primário mudar a conduta do homoafetivo para encaixá-lo nos padrões religiosamente aceitos, o evangelho da compaixão tem como alvo primário apresentar o indivíduo a Cristo. A mudança propriamente dita é legada a uma posição secundária, que ocorrerá quando um alvo bem mais alto é buscado: conhecer, amar e andar com Jesus (DAVIES; RENTZEL, 1997, p.

36). Mais uma vez se vê uma mudança no foco: não se está atrás de reproduzir padrões ou na conduta normatizada socialmente; mas, quando se observa o relacionamento com Jesus, o foco é lá em cima, no alto, mais precisamente em Jesus. O andar com Cristo leva às mudanças necessárias na vida, não só no comportamento, mas no caráter, na atitude e nos valores. Esta mudança não se consegue sozinho, mas é uma “aventura cooperativa entre Deus e nós mesmos pela força do Espírito Santo” (DAVIES; RENTZEL, 1997, p. 37).

Portanto, o propósito do evangelho da compaixão não é trazer pessoas à presença da igreja. Não se intenciona a agremiação de pessoas ao rol de membros de uma associação. Antes, é levá-las à presença de Deus, através de Cristo Jesus. É conduzir alguém a participar de um relacionamento com Deus, e usufruir deste relacionamento desfrutando do amor que esta parceria traz. Este andar com Deus faz com que o indivíduo, por Ele assistido, comece a dispor sua vida para se adequar ao Seu padrão. Esta tarefa, contudo, não é feita de forma solitária e isolada, o próprio Deus fornece as condições necessárias para que o indivíduo que anda em Sua presença esteja na condição adequada. Foi precisamente por isto que Cristo morreu, para que pecadores possam ter suas feridas curadas e seus pecados lavados pelo sangue do cordeiro.

E quanto a igreja, qual o papel dela? Vários, e bastante importantes. Primeiro, ela é o meio tangível pelo qual a pessoa sentirá o amor de Deus. Enquanto a compaixão motiva o homem a ajudar outro, é o amor que produz a compaixão. A Bíblia apresenta esta verdade com exemplos claros, como o fato de Deus amar “ao mundo de tal maneira”¹³ e entregar seu filho por compaixão para com pecadores. Ou ainda, ilustrada pela parábola do bom samaritano, onde um homem é violentamente atacado por assaltantes, e deixado quase morto a beira da estrada. Alguém ao passar, compadeceu-se de sua situação e o ajudou.¹⁴ A encarnação de Jesus proporcionou um meio tangível de

¹³ João 3.16 (ARA) – “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna”.

¹⁴ Lucas 10.30-37 (ARA) – “Jesus respondeu com uma história: “Um certo judeu que fazia uma viagem de Jerusalém para Jericó foi atacado por bandidos. Estes tiraram suas roupas e seu dinheiro, bateram nele e o deixaram caído meio morto ao lado da estrada. Por acaso, passou um sacerdote judaico; quando ele viu o homem caído ali. atravessou para o outro lado da estrada e passou de longe. Certo judeu ajudante do templo fez a mesma coisa; também deixou o homem caído ali. Porém veio um desprezado samaritano, e quando o viu, sentiu grande pena da vítima. Ajoelhando-se ao lado dele, o samaritano passou-lhe remédio nas feridas e fez curativos. Depois colocou o homem em seu jumento e foi andando ao lado dele até chegarem a uma

sentimos o profundo amor de Deus, da mesma forma como o auxílio do samaritano proporcionou ao cidadão assaltado.

Segundo, ela é o exemplo concreto do que o relacionamento com Deus pode fazer. Pessoas de todos os tipos e dramas, com seus desvios e pecados, reunidas pela compaixão do Senhor, e transformadas através deste relacionamento¹⁵. Vidas que foram resgatadas de um sistema aprisionador, que mantinham seus praticantes subordinados a permanecerem escravizados por tais práticas, mas agora transformadas, libertas dos mais diversos males, são testemunhas vívidas do agir de Deus e do seu efeito libertador, possibilitando a qualquer um, que queira ser ajudado, o ambiente de pessoas que passaram pelas mesmas lutas, nas mais diversas áreas.

Terceiro, intimamente relacionado ao segundo, proporciona um ambiente de apoio e amparo. Sabe-se que lidar com padrões de comportamento não é a coisa mais simples de se mudar. Práticas repetidas por anos estão consolidadas na rotina do indivíduo, de sorte que qualquer mudança demandará um exercício consciente e disciplinado. Não é raro ocorrer recaídas, e quando isto acontece, o sentimento de frustração e derrota se instala. Neste momento, a igreja apresenta o incentivo e o amparo necessários para não desistir da caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o evangelho da compaixão é diferente em tipo e em foco dos modelos polarizados que se apresentam no cenário religioso atual. De um lado, a estrutura tradicional que procura adequar pessoas a seu padrão, independentemente de ter ocorrido um encontro transformador, pessoal e salvífico com Cristo. Do outro lado, aqueles que

hospedaria, onde cuidou dele durante a noite. No dia seguinte entregou ao dono da hospedaria duas moedas e lhe pediu que cuidasse do homem. 'Se a conta dele for além disso', disse ele, 'eu pagarei a diferença na próxima vez que passar por aqui'. Ora, qual destes três você diria que foi o semelhante da vítima dos bandidos? " O homem respondeu: "Aquele que mostrou alguma compaixão". Então Jesus disse: "Sim, agora vá e faça o mesmo".

¹⁵ 2 Coríntios 5.17 (ARA) "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

afirmam não haver necessidade de nenhuma mudança ou adequação a Deus, pois sua preocupação é voltada para nossas almas.

O evangelho da compaixão, por sua vez, procura apresentar ao homem um relacionamento com Deus, e não uma proposta de mudança de comportamento decorrente de uma adequação social. A mudança que ocorre, ocorre por força deste relacionamento, e é consequência dele, não é o relacionamento que ocorre por conta da mudança, mas exatamente o contrário. De modo que, quando este relacionamento ocorre propriamente, as mudanças são realizadas de dentro do indivíduo para fora. Primeiro muda-se o coração, os valores, o caráter, para então mudar os hábitos, o comportamento. O evangelho que despreza esta dinâmica atribui o papel transformador à força da convenção e não da conversão.

REFERÊNCIAS:

BARCLAY, William. **Palabras griegas del Nuevo Testamento: su uso y significado**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, Equipo Internacional E-Sword, 2009. (Arquivo digital).

DALLAS, J. **A operação do erro: o movimento gay cristão**. 1ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

DAVIES, Bob, e RENTZEL, Lore. **Deixando o homossexualismo: uma nova liberdade para homens e mulheres**. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

GALANI, Luan. **Gazeta do Povo: Justiça anula cassação de psicóloga acusada de oferecer “cura gay”**. <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-anula-cassacao-de-psicologa-acusada-de-oferecer-cura-gay-efwfc6ynim1lv5q4rvx76kwge>. Acessado em 28/8/2015.

LOPES, Adriana D. O pecador é para ser amado. Em **Revista Veja**, edição 2.420, ano 48, nº 14, de 8 de abril de 2015.

MOULTON, Harold K. **The analytical greek lexicon revised**. Grand Rapids: Zondervan, 1978.

MÜLLER, Wunibald, **Pessoas homossexuais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ODIA. Psicóloga que propunha ‘cura gay’ tem registro cassado no Paraná. <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-05-23/psicologa-que-propunha-cura-gay-tem-registro-cassado-no-parana.html>. Acessado em 28/08/2015.

REV. SAÚDE PÚBLICA. Homossexualismo e a classificação internacional de doenças. LAURENTI, R. Vol. 18. São Paulo.



PARALELISMO HEBRAICO: TRANSMITINDO GRAÇA AOS QUE OUVEM

Hebrew parallelism: imparting grace to those who hear

Mark Franklin Willson*



* é graduado em História e mestre em Artes. Possui também mestrado em Artes com ênfase em Antigo Testamento pelo Wheaton College (EUA) e especialização em Teologia pela Faculdade Kurios. Professor visitante da Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
willsonbrasil@hotmail.com.

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo fazer uma exposição do fenômeno do paralelismo na literatura do Antigo Testamento, particularmente a poesia, examinando a sua essência, então apresentando as variadas maneiras em que foram criadas linhas paralelas.

Palavras-chave: Paralelismo; Poesia hebraica; Antigo Testamento.

ABSTRACT:

This article has as its purpose to do an exposition of parallelism in the literature of the Old Testament, particularly poetry, examining its essence and then presenting diverse ways in which parallel lines were created.

Keywords: Parallelism; Hebrew poetry; Old Testament.

INTRODUÇÃO

Considere os seguintes provérbios:

Pv 10.15	A riqueza do rico a ruína dos pobres	é a sua cidade forte; é a sua pobreza.
Pv 18.11	A riqueza do rico e como muralha alta	é a sua cidade forte na imaginação dele.

No hebraico, as primeiras linhas são iguais. O primeiro verso exhibe correspondência sintática entre as linhas (sujeito + predicativo || sujeito + predicativo, na ordem *abab*), mas Salomão inverteu a ordem dos paralelos semânticos (“riqueza” + “cidade forte” || “ruína” + “pobreza”, na ordem *abba*). Observe também a diferença de número entre “rico” e “pobres”. Este provérbio é um exemplo claro de paralelismo antitético (28 dos 32 versos em Provérbios 10 apresentam algum contraste). A antítese em 10.15 se torna mais interessante porque se encontra entre dois versos que utilizam termos financeiros para fazer contraste entre o sábio/justo e o néscio/ímpio.

Provérbios 18.11 tem o mesmo pensamento na 1ª linha, mas trabalha a ideia de modo diferente, colocando dois complementos preposicionados na 2ª linha.¹ O verso é um exemplo de paralelismo sinônimo, o sujeito da 1ª linha sendo subentendido na 2ª: a riqueza é cidade forte (metáfora) e é como muralha alta (símile). Salomão acrescenta outro elemento para compensar a omissão do sujeito e, ao fazer isso, ele introduz um outro pensamento, que traz conotações interessantes. A “riqueza do rico é como muralha alta na sua imaginação”. Mas será que é isso na realidade? É possível que o rico esteja enganado? O provérbio anterior, v.10, nos leva a questionar a base da sua confiança.

Esse pequeno exercício serve para mostrar as possibilidades de incorporar a análise poética no estudo da poesia do Antigo Testamento. O presente artigo visa fornecer ao leitor um entendimento melhor do fenômeno de paralelismo na Bíblia Hebraica,

¹ Por questão de espaço e para facilitar as referências às linhas dos versos, usarei as abreviaturas dos números ordinais para tratar das linhas e o número escrito para outras referências.

procurando descrever a sua essência e em seguida, apresentar recursos específicos usados pelos autores bíblicos para criar equivalência entre as linhas poéticas.

1. CONCEITOS BÁSICOS

1.1. Os componentes de um poema

Obviamente, o elemento mais básico é a *palavra*, mas o texto hebraico se organiza ao redor dos verbos e nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Uma ou mais palavras podem exercer alguma *função sintática* na frase, seja sujeito, verbo, objeto, predicativo, adjunto etc. Nós observamos esses elementos especialmente ao tratar de correspondência sintática. Esses componentes são combinados numa *linha* poética, geralmente uma oração com sujeito e predicado, mas às vezes apenas uma parte ou, por outro lado, mais de uma oração. Duas ou três (ocasionalmente quatro) linhas são ligadas em um *verso*. O poeta relaciona as linhas de diversas maneiras e são estas relações que compõem o assunto do paralelismo. Há semelhança entre essas técnicas e as figuras de linguagem, mas estamos tratando aqui de meios de ligar duas ou mais linhas poéticas para formar versos.² Os versos, por sua vez, podem ser agrupados em *estrofes*, mais ou menos equivalentes aos parágrafos da prosa. Às vezes, em poesias maiores as estrofes podem ser agrupadas em seções marcadas por refrãos ou mudança de assunto, orador, ou outro aspecto do texto.

1.2. Aspectos de linguagem

O aspecto *semântico* trata do significado das palavras e frases. Quanto ao aspecto *gramatical*, Adele Berlin (2008, p.62) diz:

...A gramática como um todo—morfologia e sintaxe—é usada não somente para construir sentenças gramaticalmente aceitáveis, mas também se usa para construir paralelismos. Em outras palavras, o paralelismo usa a gramática para um propósito super-gramatical...

O terceiro aspecto de linguagem é o *lexical*, que trata da repetição de raízes, palavras e expressões específicas. Finalmente, o aspecto *fonológico* utiliza os sons, a

² Nem sempre os versos poéticos correspondem aos versículos numerados nas nossas Bíblias. Será muito útil consultar uma versão que organiza todos os textos de poesia em formato poético.

nas palavras repetidas. A bênção do SENHOR sobre a casa de Potifar correspondia à confiança deste em José.

O paralelismo também pode ser visto em passagens legislativas (Lv 18.2-5):

2 Fala aos filhos de Israel e dize-lhes:

Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

3 Não fareis segundo os feitos* da terra do Egito, onde habitastes, (paralelo entre
nem fareis segundo os feitos da terra de Canaã, para onde vos levo; os dois ambientes)
nem andareis nos seus estatutos.

4 Fareis os meus juízos (paralelo indicando
e guardareis os meus estatutos, o novo padrão)
andando neles.

Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

5 Guardareis então os meus estatutos e juízos; (mandamento
os quais, fazendo-os o homem, viverá por eles. e promessa)³

Eu sou o SENHOR.

* (v.3) I.e., “as práticas”, mas é da mesma raiz que o verbo (não pratiquéis segundo as práticas).

Além dos paralelos indicados, podemos observar outras coisas neste texto. Em vv.3-4 cada um dos dois padrões (o pagão e o divino) tem duas frases paralelas com o verbo “fazer”, seguidas de uma terceira frase, que é mais curta e utiliza o verbo “andar”. Os vv.4-5 contêm pelo menos duas repetições estilísticas: os verbos estão em ordem quiástica (“fazer” || “guardar” || “andar” || “guardar” || “fazer”) e os objetos formam uma repetição distribuída que produz outro quiasmo (“juízos” || “estatutos” || “estatutos e juízos”). É certo que, se o texto não fosse estruturado nessas linhas, os paralelos e as repetições seriam obscurecidos. Obscurecidos, sim; eliminados, não. Essa formatação apenas torna mais claro o que já existe. Novamente, as palavras envolvidas nos efeitos poéticos são os conceitos-chave desse trecho. E ainda tem a declaração “Eu sou o SENHOR, vosso Deus”, que também é repetida, formando um quadro ao redor dos dois padrões em vv.3-4, e novamente em v.5 marcando o fim do mandamento inteiro. Essa declaração é a base para todos os mandamentos (cf. Lv 19.2, 3, 4, 10, 12, 14, 16, 18, etc.). É por causa desse relacionamento que a conduta de Israel precisa refletir o caráter do

³ Cf. Pv 3.1-10; 4.10; Sl 37.4.

SENHOR. Outro efeito da linguagem elevada é a de facilitar a memorização da passagem. Muitas pregações hoje em dia também aproveitam paralelos e repetições.

Embora o paralelismo se encontre em muitos lugares, é o elemento essencial na formação de versos poéticos. Como diz Adele Berlin (2008, p.5; veja também p.16),

Há um *continuum* de estilo elevado na Bíblia. Algumas passagens são mais elevadas que outras, mas, até certo ponto, pode-se encontrar este estilo elevado em toda parte. O estilo elevado é em grande parte o produto de dois elementos: concisão e paralelismo. Onde estes dois ocorrem em grande escala, nós temos o que seria chamado de ... poesia; onde estão grandemente (mas nunca inteiramente) ausentes, temos expressão menos poética, que corresponde ao que chamamos de prosa.

2.2. O que é paralelismo?

Mas o que é paralelismo? Como podemos identificá-lo? Estamos tratando realmente de duas perspectivas. Por um lado, podemos observar muitas maneiras pelas quais o paralelismo se manifesta, mas por outro lado é importante entender primeiro o que é na sua essência. O que impulsiona o autor a se expressar de maneira paralelística? Sem ser irreverente, é possível compará-lo à criação do homem. O SENHOR Deus fez o homem do pó da terra, e depois, ele disse: Não é bom que o homem esteja só. Então ele fez a mulher da costela do homem e este, quando a viu, reconheceu imediatamente a ligação entre eles dois. Ela foi tirada dele. Havia semelhanças, de modo que a mulher correspondia ao homem, mas também havia diferenças; ela o complementava e completava. De modo muito parecido, o poeta formula uma frase e então diz: Não é bom que esteja só. Ele faz outra linha que complementa e completa a primeira. O poeta tem “prazer em criar uma parte B que se conecta com A e ao mesmo tempo expande o seu significado” (KUGEL, 1981, p.12). A relação entre as duas partes é muito variada, não há limites, mas não é bom que a primeira esteja só.

B, por ser ligado a A—levando-a adiante, ecoando-a, definindo-a, declarando-a novamente, fazendo contraste com ela, *não importa qual dessas*—tem um caráter enfático de secundar e é isso, mais do que qualquer estética de simetria

ou paralelismo, que está no âmago do paralelismo⁴ bíblico. (KUGEL, 1981, p.51, ênfase do autor).

Existem inúmeras maneiras de ligar as linhas, utilizando figuras de linguagem, tecendo conexões e variações com o significado e a flexão dos termos, com sua função na oração, e relacionando os sentidos e as estruturas das linhas.⁵ Considere os seguintes versos (apesar de traduções diversas nas versões, a 1ª linha de cada um é a mesma):

Sl 96.1	Cantai ao SENHOR cantai ao SENHOR,	um cântico novo, todas as terras.
Sl 149.1	Cantai ao SENHOR	um cântico novo, e o seu louvor, na assembleia dos santos.
Sl 33.3	Cantai ao SENHOR tangei	um cântico novo, com arte e com júbilo.
Sl 98.1	Cantai ao SENHOR	um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas.

Em Sl 96.1, o autor convida os ouvintes a “cantar”, indicando a quem e o que se deve cantar. Na 2ª linha ele repete o convite (verbo e objeto indireto) e identifica quem está sendo convidado (o vocativo “todas as terras”). Em Sl 149.1, depois de dar o mesmo convite, o salmista acrescenta outro objeto direto, o conteúdo do cântico, e um adjunto adverbial indicando onde isso deve acontecer. Na 2ª linha de Sl 33.3, o poeta introduz outra ação, “tanger [um instrumento de cordas]”, e reforça habilidade e alegria ao fazê-lo. No último exemplo, Sl 98.1, depois do convite, ele dá o motivo; é porque o SENHOR, a quem o cântico é dirigido, fez “maravilhas”. O cântico é resposta ao que ele já fez. Este é o único exemplo em que a 2ª linha não repete a 1ª de maneira alguma. Esses exemplos mostram várias relações entre as linhas, mas em cada uma, a linha B complementa e completa a linha A, dando ao poeta a oportunidade de elaborar a ideia em mente.

⁴ Kugel está usando a palavra ‘paralelismo’ de duas maneiras aqui. “Simetria ou paralelismo” se refere às maneiras em que a parte B *corresponde* à parte A. “Paralelismo bíblico” é mais abrangente, indicando toda essa tendência de se expressar em duas partes (ou mais) e inclui as *diferenças* entre elas.

⁵ Veja os comentários sobre Is.1:3 em Berlin (2008, pp.97-98), e sobre outras passagens na seção “O Efeito do Paralelismo” (2008, pp.135-140).

Um dos fenômenos da poesia hebraica é o uso de palavras paralelas. Adele Berlin (2008) nota que os princípios linguísticos na associação de palavras servem muito bem para explicar o mesmo fenômeno na Bíblia hebraica. Há basicamente dois tipos de relação entre elementos paralelos. No primeiro, eles podem ser membros da mesma classe, de modo que um poderia substituir o outro sem necessariamente mexer na estrutura gramatical da frase. Esta se chama de associação *paradigmática*. Por exemplo: “homem-mulher”, “bom-mau”, “orar-fazer uma oração”, dois nomes próprios, uma declaração positiva e outra negativa, um substantivo e um pronome com a mesma função nas suas respectivas frases, verbos paralelos. Como se vê, os dois elementos geralmente são sinônimos ou antônimos.

A outra relação se chama *sintagmática*. Um dos dois elementos determina ou completa o outro, e assim os dois combinam para formar uma unidade maior. Podemos citar os seguintes exemplos: “Balaque-rei de Moabe”, “trono-sentar (sentar no trono)”, “tenda-habitar (habitar em tendas)”,⁶ um substantivo e seu adjetivo ou genitivo (ou outro adjunto adnominal).

Essa distinção se aplica, não somente ao aspecto lexical, mas também a outros aspectos de linguagem. O paralelismo semântico pode envolver sinonímia ou antítese, que são conexões paradigmáticas. Por outro lado, certas relações lógicas são construídas com uma conexão sintagmática, como em certas comparações (“aquele caso é assim || quanto mais este caso”; “melhor isto || do que aquilo”), ou na relação entre causa e efeito (“isto acontece || porque isso aconteceu”; “se fizer isso || vai acontecer aquilo”). No aspecto gramatical, a correspondência sintática é construída geralmente de linhas coordenadas (“um homem faz isso || mas outro homem faz aquilo”, uma associação paradigmática), mas outra maneira de criar o paralelismo é pela subordinação (“o homem que faz A || terá o resultado B”, uma associação sintagmática).

Ao considerar o paralelismo, devemos evitar dois extremos. Por um lado, não devemos ignorar a repetição quando ela realmente existe, tratando cada linha isoladamente. O paralelismo faz parte do contexto da passagem. “Linhas paralelas são

⁶ Nos dois exemplos ‘trono-sentar’ e ‘tenda-habitar’, o hebraico pode estar repetindo a mesma raiz (‘assento-sentar’ e ‘tabernáculo-tabernacular’).

duplamente ligadas; primeiro pelo fato de fazerem parte de um texto coerente (usando conectivos ou não), e de novo pelas equivalências linguísticas que constituem o paralelismo.” (BERLIN, 2008, p.93) Acreditamos que Deus inspirou cada palavra no texto, não de forma isolada, mas dentro do seu contexto de expressões, sintaxe, a ideia da passagem, e o paralelismo.

O outro extremo reconhece repetição na segunda linha, mas ignora seu conteúdo distinto, aquilo que ela acrescenta. Kugel (1981) observa que uma característica do paralelismo é a diferenciação, que serve para integrar a segunda linha à primeira em uma nova unidade. Ou seja, se B é mera repetição de A, então $A=B$; se, porém, B tem diferenças, então $A+B$ forma algo novo e mais complexo. B é o complemento ou completação de A. Uma diferenciação do verbo (e.g., perfeito em uma linha, imperfeito na outra) afirma sua inter-relação, do mesmo modo que frases subordinadas afirmam inter-relação em português. Kugel (1981, p.12) chama de “agudeza” (*sharpness*) as sutilezas potenciais escondidas entre orações justapostas; “é o proveito maior tirado do paralelismo, poderia se dizer o gênio da forma”.

O ponto de partida é o aspecto semântico, pois o poeta tem uma mensagem a comunicar, mas o paralelismo normalmente envolve vários outros aspectos. O poeta também faz uso da gramática, lexicologia e fonologia.

O paralelismo ativa todos os níveis da linguagem, e qual melhor maneira há de observar estes níveis do que de vê-los operando no paralelismo. ... Se, de fato, o paralelismo é o instrumento-chave na construção da poesia, então será impossível compreender a estrutura de um poema, a sua unidade, até descobrirmos quais as coisas nele que são equivalentes e quais estão em contraste. ... Os relacionamentos criados pelo paralelismo nos revelam o significado do poema”. (BERLIN, 2008, p.17).

Obviamente, estamos falando do texto hebraico. Os sons das palavras em hebraico têm um impacto que os sons das palavras equivalentes em português simplesmente não têm. Há certos detalhes e pequenas nuances que facilmente passam despercebidos em uma tradução. Neste trabalho, os versos bíblicos citados foram traduzidos literalmente, para tentar reproduzir o hebraico, mas permanecer no português.

3. ESPÉCIES DE PARALELISMO

3.1. Paralelismo no nível semântico: relações lógicas entre as linhas

O paralelismo no nível semântico cria uma relação envolvendo o significado das linhas do verso, concentrando-se no que a linha como um todo está dizendo, e não tanto nos elementos individuais. Normalmente as linhas contêm elementos paralelos, mas isso não é absolutamente necessário (cf. Pv 4.27). O que podemos notar é repetição e/ou uma relação lógica entre as linhas. Considere o que Salomão fez no livro de Provérbios, tomando uma frase ou declaração e combinando-a com ideias diferentes. “O crisol para a prata, e o forno para o ouro”: Quem é que prova (aprovando ou reprovando)? Qual o ambiente dessa provação? Qual o resultado, seja da aprovação ou da reprovação?

Pv 17.3	O crisol para a prata, e o forno para o ouro; mas aos corações prova o SENHOR.	(Deus; o verbo só aparece na 2ª linha)
Pv 27.21	O crisol para a prata, e o forno para o ouro; e o homem pela boca de quem o louva.	(o homem [que aprova]; a provação fica implícita).

A 1ª linha apresenta uma ideia que queremos entender e então tentamos descobrir o que a 2ª linha faz para complementar e completá-la.⁷ Os seguintes tipos de paralelismo foram observados em quantidade suficiente para serem identificados.

No *paralelismo sinônimo*, a 2ª linha repete o pensamento da 1ª, usando sinônimos. Às vezes é pouco mais do que uma repetição da primeira linha (cf. Jó 28.14; Sl 8.4), mas o autor aproveita o pensamento repetido para desenvolvê-lo de alguma maneira (cf. Sl 29.2). É justamente por causa disso que Kugel (1981, p.41) critica a análise de Robert Lowth (paralelismo sinônimo, antitético e sintético) e seu impacto nos estudos posteriores: “ao recombinar as duas [linhas] em uma só declaração, eles perdem todo o ‘ainda mais’ [da 2ª linha]”. Se não podemos enxergar o que foi acrescentado, precisamos lembrar que a repetição serve para enfatizar o pensamento repetido. Além disso, insere o verso dentro do contexto de outros versos de linhas paralelas.

⁷ Veja a breve lista de paralelos no início da obra de Kugel (1981, pp.4-7).

SI 8.4	Que é o homem, e o filho do homem,	que dele te lembres? que o visites?	
SI 105.17	Adiante deles José	enviou foi vendido	um homem, (verbo ativo com obj. dir.) como escravo; (verbo passivo com sujeito).

No *paralelismo antitético*, a 2ª linha apresenta uma ideia contrária à 1ª. Muitas vezes, para destacar o contraste, a estrutura da 2ª linha corresponde à primeira, mas usa antônimos. A maioria dos provérbios em Pv 10-16 é antitética.

Pv 10.19	No muito falar mas o que modera os seus lábios	não falta transgressão, é prudente.	(má conduta X boa conduta).
----------	---	--	--------------------------------

Existem casos ambíguos, com alguns elementos sinônimos e outros antitéticos:

Pv 11.10	No bem-estar dos justos e, perecendo os perversos,	exulta a cidade, há júbilo.
Pv 29.2	Quando se multiplicam os justos, quando, porém, domina o perverso,	o povo se alegra, o povo suspira.

Qual a ênfase do primeiro exemplo: o júbilo, ou as duas situações contrárias? O segundo, que é claramente antitético, esclarece o primeiro. O paralelismo no nível semântico reside essencialmente na afirmação feita por cada linha, isto é, no predicado da frase. Pv 11.10 apresenta duas situações em que o povo reage da mesma maneira. Essas situações são contrárias, mas as duas linhas fazem a mesma afirmação básica: é sinônimo. Pv 29.2 apresenta duas reações contrárias: é antitético.

Pv 14.10	O coração conhece e da sua alegria	a sua própria amargura, não participará o estranho.	(vb. positivo, obj. negativo) (obj. positivo, vb. negativo).
----------	---------------------------------------	--	---

Este provérbio também exhibe paralelismo sinônimo, destacando a natureza particular das nossas experiências. Os dois exemplos de experiências formam um merisma (os dois lados opostos de um todo).

A principal característica do *paralelismo emblemático* é que uma das linhas apresenta uma metáfora, que seria o “emblema” simbolizando a ideia da outra linha. O poeta pode usar a figura de símile para fazer uma comparação explícita (SI 42.1; cf. tb.

Pv 17.12 [comparação antitética] e 15.11 [comparação gradativa]), ou pode deixá-la implícita (Pv 17.3; cf. Sl 65.7; 84.3-4).

Sl 42.1	<i>Como suspira a corça pelas correntes das águas,</i>	(oração subordinada)
	assim suspira a minha alma por ti, ó Deus.	(oração principal)
Pv 17.3	<i>O crisol para a prata, e o forno para o ouro;</i>	(orações coordenadas; esta
	mas quem prova os corações é o SENHOR.	tradução faz um contraste).

Normalmente no paralelismo emblemático, a ilustração aparece na primeira linha, mas nem sempre.

Sl 119.162 Alegre-me nas tuas promessas,
Como quem acha grandes despojos.

Ocasionalmente encontramos uma comparação que não é emblemática; apresenta duas realidades semelhantes, mas independentes: o *paralelismo comparativo*.

Pv 11.19	Tão certo como	a justiça conduz	para a vida,
	assim	o que segue o mal,	para a morte o faz.

Este verso apresenta uma antítese entre “justiça” e “mal” e suas respectivas consequências, “vida” e “morte”. Menos óbvio é o paralelo entre os verbos. Ambas as linhas exibem a ideia de um guiando o outro. Na 1ª linha é colocada do ponto de vista do mestre: a qualidade de justiça está conduzindo a pessoa (objeto implícito). A 2ª linha, porém, focaliza o discípulo, que segue o mal.

Existem outros tipos de comparação, por exemplo o *paralelismo comparativo antitético*, em que o autor estimula o ouvinte a preferir uma coisa e rejeitar a outra, geralmente com as palavras “melhor... do que...”.

Pv 17.12	<i>Melhor é encontrar-se uma ursa</i>	roubada dos filhotes,	(comp. antit. e
	<i>do que o insensato</i>	na sua estultice.	par. emblem.)

Outros versos comparam duas situações que têm algo em comum, mas na segunda o impacto é maior (“quanto mais...”): *paralelismo comparativo gradativo*. É o argumento

a fortiori, que aparece também na prosa (cf. Dt 31.27; 1Sm 14.29-30). Jesus usou esta figura várias vezes (cf. Mt 6.26, 28-30).

Pv 15.11 O além e o abismo estão descobertos perante o SENHOR,
quanto mais o coração dos filhos dos homens.

Uma relação lógica que é bastante usada é a de *causa e efeito*. Às vezes uma linha é a condição e a outra, a consequência (Pv 23.15). Em outros casos, uma linha, geralmente a 2ª, fornece a razão pela 1ª (Pv 23.9), ou o propósito (Sl 119.11), ou a consequência (Pv 3.6). Normalmente, uma linha é subordinada à outra, mas esta relação também se encontra entre duas linhas independentes (Pv 3.6): uma relação sintática paradigmática exprimindo uma relação semântica sintagmática, pois a 1ª linha é implicitamente uma condição.

Pv 23.15	Filho meu, <i>se</i> o teu coração for sábio, alegrar-se-á também o meu;	(condição... ...consequência)
Pv 23.9	Não fales aos ouvidos do insensato, <i>porque</i> desprezará a sabedoria das tuas palavras.	(razão).
Sl 119.11	Guardo no coração as tuas palavras, <i>para</i> não pecar contra ti.	(propósito).
Pv 3.6	Em todos os teus caminhos, <i>e</i> ele endireitará	reconhece-o as tuas veredas. (consequência).

Todos os exemplos citados até agora têm mostrado paralelismo entre as linhas de um verso. Há possibilidade de ter paralelismo entre versos também.

Pv 2.21-22	Porque os retos e os íntegros Mas os perversos e os aleivosos	habitarão permanecerão serão eliminados serão desarraigados	a terra, nela. da terra, dela.	(linhas: par. sinônimo) (par. antitético entre os versos) (linhas: par. sinônimo)
Is 1.19-20	Se quiserdes, comereis Mas se recusardes, sereis devorados	e me ouvirdes, o melhor desta terra. e fordes rebeldes, à espada.	(linhas: condição/consequência) (par. antitético entre os versos) (linhas: condição/consequência).	

3.2. Paralelismo no nível sintático: correspondência ou subordinação

Neste nível a relação entre as linhas poéticas se encontra na sua estrutura sintática. A poesia hebraica não tem métrica do tipo visto nas línguas ocidentais. As línguas clássicas, o grego e o latim, com suas conjugações e declinações, permitiam maior variação na ordem de palavras, possibilitando arranjos de sílabas tônicas e átonas para formar os vários tipos de métrica. As línguas modernas da Europa desenvolveram uma métrica mais simples, mas que ainda conta as sílabas de cada linha. Mas o hebraico bíblico havia abandonado as declinações dos substantivos e simplificado as conjugações do verbo, colocando restrições na ordem das palavras. Isso e outros fatores criam uma estrutura bastante diferente. Como Kugel (1981, p.248; cf. pp.70-76, 292-302) mostra, seu ponto de partida na formação dos versos é a relação semântica entre as linhas. Na sua análise da estrutura dos versos, O'Connor (1980) focaliza a estrutura sintática superficial. Ele apresenta duas figuras que unem as linhas: a correspondência sintática (*matching*, a repetição da estrutura sintática da 1ª linha) e a subordinação (por exemplo, uma linha é o sujeito da oração e a outra, o predicado, ou uma linha é a oração principal e a outra é subordinada a ela). Nos termos de Adele Berlin (2008), a correspondência sintática seria um paralelismo “paradigmático” e a subordinação seria “sintagmático”. Visto que a estrutura da frase em hebraico é diferente do português, estes recursos muitas vezes ficam obscurecidos na tradução.

Na *correspondência sintática*, os elementos da frase da 1ª linha têm seus correspondentes na 2ª linha, sem considerar partículas (preposições, conjunções, etc.), adjetivos ou genitivos, ou sufixos pronominais.⁸ O poeta cria variação de elementos sintáticos por meio da elipse e/ou do quiasmo (O'CONNOR, 1980, pp.118-129, 391-407), além de variações semânticas, morfológicas ou lexicais. Existem inúmeras possibilidades de ligar e variar as linhas utilizando a sua estrutura sintática. O poeta pode reproduzir a mesma estrutura além da 2ª linha (Sl 19.7-8).

⁸ Usamos as seguintes abreviaturas: S = sujeito, V = verbo, O = objeto (acusativo), Pred = Predicativo, P = preposição com seu complemento, geralmente na função de adjunto adverbial, A = advérbio ou adjunto adverbial sem preposição, Voc = vocativo.

Sl 19.1	Os céus	proclamam	a glória de Deus,	(S V O)
	e o firmamento	anuncia	as obras das suas mãos.	(S V O) ⁹
Sl 19.7-8	A lei do SENHOR	é perfeita	e restaura a alma;	(S Pred V O)
	o testemunho do SENHOR	é fiel	e “ensabiece” os simplices.	(S Pred V O)
	Os preceitos do SENHOR	são retos	e alegram o coração;	(S Pred V O)
	o mandamento do SENHOR	é puro	e ilumina os olhos.	(S Pred V O)
Sl 78.26	Fez soprar	no céu	o vento do Oriente	(V P O)
	e pelo seu poder	conduziu	o vento do Sul. (P V O – quiasmo	parcial).

É chamado de *paralelismo contínuo* o uso de elipse com simetria, quando o autor omite algum elemento da 1ª linha, acrescentando uma palavra ou expressão na 2ª, fazendo compensação e mantendo um equilíbrio entre as linhas. Aparentemente, esta compensação elimina a correspondência sintática, mas os demais elementos das linhas mantêm o paralelismo. Esta figura, além de evitar uma repetição tediosa, possibilita a introdução de outras ideias, imagens, aspectos etc. Como Kugel (1981) indica, o novo elemento não é mera compensação.

Sl 73.9	<u>Contra os céus</u>	desandam	a boca	(P V O)
	<u>e a sua língua</u>	percorre	a terra.	(S V O)
Pv 16.6	Pela misericórdia	<u>e pela verdade,</u>	se expia a culpa;	(P P V O)
	e pelo temor do SENHOR	<u>os homens</u>	evitam o mal.	(P S V O)
Pv 14.1	A mulher sábia	edifica	<u>a sua casa,</u>	(S V O)
	mas a insensata, <u>com as próprias mãos</u>	a derruba.		(S P V)
Is 1.3ª	O boi	<u>conhece (obedece)</u>	o seu possuidor,	(S V O)
	e o jumento,		o dono <u>da sua manjedoura;</u>	(S O).

A 2ª linha de Is 1.3a omite o verbo, mas insere o genitivo no objeto, mostrando o foco de atenção do jumento. Sua obediência é interesseira, inferior. E Israel (v.3b)?

⁹ O poeta repetiu a mesma estrutura, mas variou o número dos vários elementos: “Os céus (plural) proclamam (plural) a glória (singular) de Deus (singular) // e o firmamento (singular) anuncia (singular) as obras (plural) de suas mãos (plural). No hebraico, a 2ª linha realmente inverte a ordem dos elementos, produzindo um quiasmo: SVO || OVS.

O poeta também pode utilizar a *subordinação* para ligar as linhas do verso.¹⁰ A sentença começa na 1ª linha e é concluída na 2ª.

- | | | |
|-----------|---|---|
| SI 78.9 | Os filhos de Efraim, embora armados, trazendo arco,
bateram em retirada no dia do combate. | (sujeito “os filhos”)
(predicado “bateram...”) |
| SI 106.20 | E, assim, trocaram a glória deles (Deus)
pelo simulacro de um novilho que come erva. | (verbo principal + obj dir)
(adjunto adverbial). |

O chamado “*paralelismo*” *climático* combina subordinação com anáfora. Além de começar a sentença na 1ª linha e terminá-la na 2ª, o início da frase é repetido na 2ª linha. Muitas vezes o restante da 1ª linha é um vocativo (“filhos de Deus”, “ó SENHOR”). Às vezes o pensamento se estende ao próximo verso (SI 29.1-2).

- | | | |
|----------------------|---|---|
| SI 29.1 | Tributai ao SENHOR, filhos de Deus,
tributai ao SENHOR glória e força.
Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome,
adorai o SENHOR na beleza da santidade. | (= Ó filhos de Deus, tributai
ao SENHOR glória e força.)
(O segundo verso
elabora o pensamento.) |
| SI 94.3 | Até quando os ímpios, ó SENHOR,
até quando os ímpios exultarão? | (= Ó SENHOR, até quando
os ímpios exultarão?) |
| Ct 4.8 ¹¹ | Comigo do Líbano, noiva minha,
comigo do Líbano vem; | (= Vem comigo do Líbano, noiva minha.
As versões repetem o verbo). |

Às vezes, uma das linhas é uma *oração relativa*, que serve de adjunto ou integrante da outra linha, que é a oração principal.

- | | | |
|----------|---|--|
| Pv 4.18 | Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora,
<i>que</i> vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. | (oração principal)
(subordinada adjetiva) |
| Pv 21.13 | <i>O que</i> tapa o ouvido ao clamor do pobre
também clamará e não será ouvido. | (oração subordinada, o sujeito)
(oração principal, o predicado) |

¹⁰ É possível produzir uma correspondência superficial onde há subordinação (Pv 21.21): “O que segue a justiça e a bondade || achará a vida, a justiça e a honra.” (V O O || V O O O).

¹¹ Citado em Kugel (1981, p.283, n.189).

Jz 5.24 Bendita seja sobre as mulheres, Jael, a b (note que é uma
mulher de Heber, o queneu; repetição quiástica)
sobre as mulheres em tendas, bendita seja. a b
(*a = “bendita seja”, b = “sobre as mulheres”*)

Para criar uma repetição mais complexa, o poeta pode fazer uma *repetição gradativa*, como diz O’Connor (1980); Entre pelo menos três linhas, ele acrescenta e acumula elementos, a ordem quiástica sempre sendo uma opção para variar. Obviamente, a divisão em linhas poéticas afetará que tipo de arranjo o intérprete perceberá.

Jz 5.30 porventura não achariam e repartiriam despojos? a
uma ou duas moças a cada homem?
despojo de tecidos coloridos para Sísera, a b
despojo de tecidos coloridos e roupa bordada; a b c
tecido colorido, duas roupas bordadas para seu pescoço como despojo? a b c
(*a = “despojo”, b = “tecidos coloridos”, c = “roupa bordada”*)

Outro tipo que requer pelo menos três linhas é a *repetição distribuída*.¹² É um arranjo de dois elementos repetidos, que são distribuídos por três linhas, uma das quais contém ambos os elementos, e esta junção pode estar na 1^a, 2^a, ou 3^a linha. Pode haver repetição dividida.

Sl 18.4-5 Cercaram-me laços de morte, a b
torrentes de impiedade me impuseram terror,
laços infernais me cingiram, a
surpreenderam-me tramas de morte. b
(*a = “laços”, b = “morte”; na ordem abab*)

Sl 78.8 e que não fossem, como |seus pais, a
|geração obstinada e rebelde, a
|geração |cujo coração não foi constante, a b
|e cujo espírito não foi fiel a Deus. b
(*a = “tributai”, b = “SENHOR”, c = “glória”; na ordem aabb*)

¹² O rótulo “repetição distribuída” é um tanto genérico, mas é difícil descrever este arranjo de modo conciso. Pode ser chamado de repetição distribuída pelo que faz com os elementos repetidos; O’Connor (1980) chama este recurso de “*repetition split*”, uma expressão difícil de traduzir.

Quando a junção dos dois elementos se encontra no meio, como no segundo exemplo, a repetição às vezes forma uma cadeia, passando do primeiro elemento para o próximo. Quando, porém, os dois elementos estão juntos na última linha, a repetição produz um clímax:

2Sm 1.22-23	Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes,	a
	nunca se recolheu o arco de Jônatas,	a
	nem voltou vazia a espada de Saul.	b
	Saul e Jônatas, queridos e amáveis...	a b
	<i>(a = "Jônatas", b = "Saul"; na ordem abba)</i>	

Entre pelo menos quatro linhas, podemos encontrar uma *repetição alternada*, dispondo os elementos em linhas alternadas (abab).¹³

Dt 32.21	A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus,	a
	com seus ídolos me despertaram à ira;	b
	portanto provocá-los-ei a zelos com aquele que não é povo,	a
	com louca nação os despertarei à ira.	b
	<i>(a = "provocar a zelos", b = "despertar à ira")</i>	

Na *repetição quiástica*, a ordem da segunda ocorrência dos elementos repetidos é invertida (abba).

Pv 18.6-7	Os lábios dos insensatos entram na contenda,	a
	e por açoites brada a sua boca.	b
	A boca do insensato é a sua destruição,	b
	e os seus lábios, um laço para a sua alma.	a
	<i>(a = "lábios", b = "boca")</i>	

O'Connor (1980) fornece exemplos em que o poeta, acrescentando elementos e misturando os tipos de repetição, cria uma grande variedade de arranjos. Todos esses exemplos concluem de modo climático.

¹³ Se a ordem de ocorrência de uma repetição distribuída for alternada, abab, pode ocupar apenas três linhas, mas a repetição alternada, que se trata aqui, é usada para ligar quatro linhas onde os termos ocorrem alternadamente. Esta mesma observação se aplica à repetição quiástica no próximo exemplo.

Jz 5.27	Aos pés dela se encurvou, caiu e ficou estirado; aos pés dela se encurvou e caiu, onde se encurvou, ali caiu morto.	a b c a b c b c
	<i>(a = “aos pés dela”, b = “se encurvou”, c = “caiu”)</i>	
Sl 106.37-38	pois sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios, e derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e suas filhas, que sacrificaram aos ídolos de Canaã, e a terra foi contaminada com sangue.	a b c b c a c
	<i>(a = “sacrificaram”, b = “seus filhos e suas filhas”, c = “sangue”)</i>	
Is 6.9-10	Ouvi ouvindo, e não entendais; Vede vendo, e não percebeis. Torna insensível o coração deste povo, e seus ouvidos endurece, e seus olhos fecha; para que não veja com seus olhos, e com seus ouvidos ouça e seu coração entenda, e então volte, e se cure.	a ¹ c ¹ b ¹ c ² a ² b ² a ^{1.2} b ^{1.2} c ^{1.2}

O profeta Isaías faz uma série de repetições muito complexa aqui, combinando três ações (a¹ = “ouvir”, b¹ = “ver”, c¹ = “entender”) com seus respectivos órgãos (a² = “ouvidos”, b² = “olhos”, c² = “coração”). Ele menciona as ações primeiro, então os órgãos e finalmente ele junta órgão e ação. Os três órgãos ocorrem em ordem quiástica (“coração” || “ouvidos...olhos” || “olhos...ouvidos” || “coração”) e as ações formam duas repetições distribuídas (“ouvir...entender” || “ouvir” || “entender” – abab; “ouvir” || “ver” || “ver...ouvir” – abba).

3.3.2. Separação de palavras associadas

Ao repetir elementos, o autor multiplica um ou mais dos termos. Outra técnica é dividir uma expressão composta, colocando uma parte na 1ª linha e a outra parte na 2ª linha. Tanto O’Connor (1980) quanto Berlin (2008) descrevem este fenômeno. Berlin (2008, p.79) observa que não há tanta diferença entre poesia e prosa quanto à combinação de palavras e a separação de expressões idiomáticas. Este recurso se encontra em

passagens de linguagem elevada no meio de textos considerados prosa, e é usado também na formação de versos poéticos. Veja os seguintes exemplos:

3.3.2.1. Separação de palavras associadas em uma relação coordenada

O autor pode criar um paralelismo entre dois termos de uma relação coordenada, tal como uma *hendíade*. Por exemplo, “os céus e a terra” (Gn 1.1) significa o universo, e “misericórdia e fidelidade” indica a maneira ideal (divina) de se relacionar com outra pessoa (Êx 34.6).

Sl 102.25 Em tempos remotos fundaste *a terra*;
e *os céus* são as obras das tuas mãos.

Sl 117.2 Porque mui grande é a sua *misericórdia* para conosco,
e a *fidelidade* do SENHOR dura para sempre.

A Bíblia Hebraica tem vários exemplos de *pares de nomes ou títulos*, pessoas e lugares importantes no AT que tinham mais de um nome. Há vários exemplos bastante usados (“Israel–Jacó”, “Esaú–Edom”, “Jerusalém–Sião”, “Sinai–Horebe”, etc.).

Sl 114.1 Quando saiu *Israel* do Egito,
e a casa de *Jacó*, do meio de um povo de língua estranha.

O poeta também se aproveitava de paralelismo entre membros de uma *dupla* bem conhecida (cf. Sl 105.6; O’CONNOR, 1980, p.114).

Is 1.10 Ouvi a palavra do SENHOR, vós, príncipes de *Sodoma*;
prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de *Gomorra*.

Quando o autor cria paralelismo entre *representantes de uma classe*, ele está usando metonímia ou sinédoque para ligar duas linhas (cf. a dupla “Egito e Assíria”, que ocorre várias vezes em Oseias, representando os grandes poderes internacionais que oprimiam Israel, do sul e do norte). Frequentemente encontramos duas partes do ser humano (Sl 106.33; Pv 3.3, 8, 16, 22; 10.6, 13, 20, 31, 32; a dupla “coração–espírito” ocorre bastante, representando a parte espiritual – Dt 2.30; Sl 34.18; 51.10, 17; etc.).

Dt 32.42	Embriagarei as minhas <i>setas</i> de sangue , a minha <i>espada</i> comerá carne ,	(“setas e espada” = armas) (“carne e sangue” = corpo humano)
Sl 78.60	Por isso, abandonou o <i>tabernáculo</i> de Siló, a <i>tenda</i> que colocou entre os homens,	(“tabernáculo e tenda” = habitação de Deus)

O segundo exemplo cria um segundo paralelo, porque o verbo “colocou” da 2ª linha é da mesma raiz que “tabernáculo” na 1ª (*vayyitōš miškan šilō* || *’ōhel šikkēn bā’ādām*). Outro verso faz um paralelo entre as duas raízes:

Sl 15.1	SENHOR,	quem	habitará	<i>na tua tenda?</i>	<i>(be’ohōlēkā)</i>
		Quem	<i>há de morar</i>	no monte	da tua santidade? <i>(yiškōn)</i>

Neste caso, em vez de usar dois substantivos, uma linha utiliza o verbo. Além das duas raízes conhecidas, o poeta fez uma correspondência sintática entre as linhas: vocativo (omitido na 2ª linha) + sujeito (o pronome interrogativo) + verbo (expressando o ato de morar) + adjunto adverbial (indicando o local onde mora). Na 2ª linha um genitivo foi acrescentado para compensar o vocativo omitido, exemplo de paralelismo contínuo.

O *paralelismo merismático* é uma subcategoria do uso de representantes: dois membros opostos ou extremos, que juntos representam o todo (“pai–mãe”, “filhos–filhas”, “velhos–jovens”, “Oriente–Ocidente” etc.).

Pr 20.29	O ornato dos <i>jovens</i> é a sua força, e a beleza dos <i>velhos</i> , as suas cãs.
----------	--

O *paralelismo gradativo de números* cria confusão para os intérpretes que não reconhecem este efeito poético. São dois números em ordem ascendente pelos quais o poeta cria uma expectativa e clímax. Os pares mais frequentes são “um e dois”, “três e quatro”, “seis e sete”, “um e cinco”, e “mil e dez mil”. Há um grupo de provérbios que tratam de listas de fenômenos observados e o autor usa paralelismo gradativo no cabeçalho (Pv 30.15b-16, 18-19, 21-23, 29-31). Este recurso se encontra na literatura cananeia também.

Sessenta e seis cidades tomou,
setenta e sete vilas;
Oitenta (tomou) Baal do cume [e Zafon],
noventa, Baal, do cume. (PRITCHARD, 1958, p.105)

Dt 32.30 Como poderia *um* só perseguir **mil**, (“um e dois” = “poucos”;
e *dois* fazer fugir **dez mil**. “mil e dez mil” = “muitos”)

Pv 6.16 *Seis* coisas o SENHOR aborrece,
e *sete* a sua alma abomina:

João Ferreira de Almeida traduziu “a sétima” em vez de “sete” (cf. ARC, ARA, ACF), mas o número é cardinal e ambas as linhas estão falando da lista inteira de sete coisas. É apenas um artifício retórico.

3.3.2.2. Separação de palavras associadas em uma relação subordinada

Além de uma relação coordenada, o poeta pode criar um paralelismo entre os termos de uma aparente relação subordinada, sendo que este é mais difícil de perceber e demonstrar. Pode ser identificado onde encontramos um elemento incompleto em uma linha que está obviamente relacionada a um elemento na outra linha, só que as versões geralmente resolvem o problema suprimindo o que está faltando. O autor pode criar um paralelismo entre elementos de uma *relação genitiva*:

Gn 49.10 O cetro não se arredará de *Judá*, (“de entre os pés de Judá”
nem o bastão *de entre seus pés*.

Sl 78.16 Da pedra fez brotar *torrentes*, (“torrentes de água”
fez manar *água* como rios.

O’Connor (1980) dá exemplos do poeta dividindo uma *relação adjetiva*:

Dt 32.17 a *deuses* que não conheceram, (“novos deuses”)
novos [deuses] que vieram há pouco. (o hebraico só tem o adj.)

Sl 74.19 Não dês ao animal (selvagem) a *alma* da tua rola, (“a alma vivente”
a *vida* dos teus aflitos não esqueças jamais (lit., para sempre).

complementa a primeira, sejam quais forem os recursos usados para fazer isso. Não é bom que a linha esteja só, far-lhe-ei uma parceira que lhe seja idônea.

REFERÊNCIAS:

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Grand Rapids: Eerdmans e Dearborn MI: Dove, 2008.

KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry: Parallelism and its History**. Baltimore: Johns Hopkins, 1981.

O'CONNOR, M. **Hebrew Verse Structure**. Winona Lake IN: Eisenbrauns, 1980.

PRITCHARD, James B. **Ancient Near East, Vol.I; An Anthology of Texts and Pictures**. Princeton: Princeton University Press, 1958.



ANÁLISE DA EXPRESSÃO “FILHOS DE ABRAÃO” NA TEOLOGIA PAULINA

Analysis of the Expression “Sons of Abraham” in Pauline Theology

Igor Guedes Rebouças*

A
R
T
I
G
O



* Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e mestrado em Engenharia Mecânica pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, no campus Mossoró. Aluno da Especialização em Teologia Bíblica da Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
igor.guedes@ifrn.edu.br

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é procurar compreender o que Paulo desejava retratar ao chamar os crentes de “filhos de Abraão”. Isso será feito a partir de um levantamento da eclesiologia paulina, no que se refere às figuras veterotestamentárias que ele se apropria para representar a Igreja, e uma posterior análise de algumas interpretações de duas escolas teológicas (aliancismo e dispensacionalismo) acerca da paternidade de Abraão. Em seguida, será feita uma avaliação dessas interpretações através de temas que são necessários a essa discussão e que são importantes para estabelecer uma resposta coerente com a teologia bíblica.

Palavras-chave: Filhos de Abraão; Paulo; Povo de Deus; Dispensacionalismo.

ABSTRACT:

The purpose of this paper is to try to understand what Paul wanted to portray by calling believers "sons of Abraham." This will be done from a survey of Pauline ecclesiology regarding the Old Testament figures he appropriates to represent the Church, and a further analysis of some interpretations of two theological schools (covenantalism and dispensationalism) about Abraham's fatherhood. Then an evaluation of these interpretations will be made through themes that are necessary for this discussion and which are important for establishing a response consistent with biblical theology.

Keywords: Sons of Abraham; Paul; People of God; Dispensationalism.

INTRODUÇÃO

Abraão é uma peça chave para a compreensão do relacionamento entre Israel e a Igreja. Os sistemas teológicos possuem respostas diferentes a essa questão e a figura do patriarca parece ser crucial para solucionar esse problema. Por um lado, uns tendem a interpretar Abraão como o pai da Igreja, buscando estabelecer a ideia de uma religião bíblica contínua, alheia ao judaísmo do AT, que sempre manteve vínculos espirituais [e não nacionais] com o seu povo. Por outro lado, há os que admitem uma certa distinção entre o tratamento de Deus com Israel no passado e a Igreja no presente, levando-os a entender Abraão como o pai de ambos.

Tendo tudo isso em vista, este trabalho visa defender a compreensão de que, ao se referir à Igreja como descendência de Abraão, Paulo intentava demonstrar a inclusão dos gentios na aliança abraâmica e no programa redentor de Deus por meio do sacrifício de Jesus Cristo (o verdadeiro descendente de Abraão), sem haver qualquer prejuízo para a identidade de Israel enquanto mediador da aliança abraâmica e igualmente herdeiro da promessa. Isso será feito a partir de um levantamento das principais figuras utilizadas por Paulo ao descrever a natureza e o caráter do corpo de Cristo, seguido de um apanhado de sugestões interpretativas acerca da paternidade de Abraão – oriundas de dois sistemas teológicos distintos (Aliancismo e Dispensacionalismo) – culminando com uma avaliação acerca dos principais temas que devem ser considerados nesse debate.

1 – A IGREJA COMO POVO DE DEUS

O apóstolo Paulo, provavelmente, é o autor canônico que mais escreveu sobre a Igreja de Cristo Jesus. Questões referentes à natureza da Igreja, ao exercício dos dons, aos ofícios eclesiásticos, às formas de governo, às ordenanças por ela administradas, podem facilmente ser encontradas nas epístolas paulinas. Não é à toa que os estudiosos afirmam que “a Igreja [...] faz parte do conteúdo central da pregação de Paulo” (RIDDERBOS, 2004, p. 371).

Dentro da discussão acerca da natureza da Igreja, Paulo trata-a como povo de Deus. Esse termo era predominantemente utilizado no AT para se referir a nação de Israel, embora o conceito tenha sido ampliado dentro do próprio AT, tendo as nações gentílicas como referente durante a era messiânica. Sendo assim, Paulo, ao se referir a Igreja como povo de Deus (cf. Rm 9.25ss), assume que o Senhor está trazendo para si pessoas de todas

as nações, a fim de formar um povo para o seu nome, da mesma forma que o foi a nação de Israel (SAUCY, 2013, p. 293). É possível afirmar, portanto, que esse tratamento que o apóstolo dá ao corpo de Cristo evidencia uma certa continuidade entre a comunidade da antiga e da nova aliança.

Um fator que deixa claro a aproximação entre Israel e a Igreja é o uso que Paulo faz de figuras e instituições do AT – que possuíam um referente quase que exclusivamente judaico – para definir algumas realidades espirituais que são usufruídas pela comunidade cristã. Algumas dessas figuras serão apresentadas e desenvolvidas a seguir.

1.1 - Povo

O termo mais óbvio que Paulo se apropria para referir-se à Igreja é a palavra “povo” (*laos*¹). A primeira vez em que essa expressão aparece na literatura paulina é no texto de Rm 9.25ss, talvez o texto mais famoso em suas cartas sobre o assunto. Nesta passagem, o apóstolo cita diretamente a profecia de Oséias (Os 1.9-10), uma mensagem que claramente se refere ao povo de Israel.

De modo geral, Paulo apresenta a Igreja como povo de Deus. Pode-se dizer que esta representação, em um sentido mais abrangente, qualifica uma comunidade como que tendo um relacionamento especial com Deus (LADD, 2003, p. 722). Em um sentido mais estrito, entretanto, esse termo também representa uma certa continuidade da relação que existia entre Deus e Israel no AT, sendo usufruída pela Igreja na nova aliança (MARSHALL, 2007, p. 393). Portanto, a igreja é o povo de Deus na presente dispensação, a comunidade que possui um relacionamento especial com Deus e o meio pelo qual o Senhor exerce o Seu domínio sobre a Terra.

Entretanto, a descrição da Igreja como povo de Deus não elimina a realidade do tratamento especial para com Israel como Seu povo. O próprio apóstolo Paulo reconhece a singularidade de Israel como povo Deus dentro de Seu programa redentor (Rm 11.1-2). Ladd (2003, p. 722), comentando sobre esse assunto, afirma que “isso não quer dizer que o título de *laos* seja tirado de Israel, mas que um outro povo é trazido para ser o povo de

¹ λαός.

Deus junto com Israel, mas em um outro fundamento. Saucy (2013, p. 293) também diz que “aplicação à igreja dessas descrições anteriormente usadas exclusivamente para Israel não faz com que a igreja assuma agora essa posição exclusivamente para si”.

1.2 – Congregação

Outra palavra que o apóstolo Paulo utiliza para designar a Igreja é o termo traduzido por “congregação” ou “assembleia” (*ekklesia*²). É uma das figuras mais comuns para se referir à Igreja, aparecendo mais de cem vezes no material epistolar do NT (ENNS, 2014, p. 405).

Embora as discussões acerca da palavra *ekklesia* girem em torno das concepções concernentes à igreja como uma comunidade local ou universal, é praticamente consenso entre os estudiosos que o termo também relaciona a natureza da Igreja como povo de Deus. O fato de Israel receber esse mesmo título na Septuaginta (LXX)³ mostra que a ideia reproduzida por Paulo encontra sua raiz na própria natureza da nação enquanto povo de Deus (LADD, 2003, p. 721; HÖRSTER, 2009, p. 250). Saucy (1972, p.19) afirma que a Igreja é uma comunidade que pertence a Deus e que, portanto, sua origem, sua história e seu destino estão sob o poder exclusivo do Senhor. Essa ideia de pertencimento e de total dependência da graça divina está no âmago da palavra *ekklesia*, e descreve precisamente o relacionamento da Igreja com o seu Deus.

O que parece central para os estudiosos – e deve ser enfatizado neste estudo, tendo em vista o seu escopo – é a associação que Paulo faz entre Israel e Igreja ao tornar um termo comum à ambas as instituições. Embora alguns questionem a origem do termo *ekklesia* na teologia de Paulo, o seu empréstimo do material do AT é um fato que “pode-se considerar estabelecido” (RIDDERBOS, 2004, p. 372). Ou seja, Paulo está deliberadamente se apropriando de um termo utilizado como uma referência a Israel e aplicando-o a Igreja.

² ἐκκλησία. Além de referir-se à igreja, o termo é mais abrangente e pode ser traduzido como “congregação” ou reunião. Ver esse tipo de uso em At 19.39 (SCHOLZ, 2008, p. 827).

³ Por exemplo, em Dt 23.2ss. Um uso equivalente a esse aparece no NT em At 7.38.

1.3 – Santos

Outro termo que Paulo costumeiramente se refere à Igreja é a expressão “santos” ou “santificados”. Não apenas em Paulo, mas em todo NT essa qualificação é atribuída a Igreja de Cristo – em mais de cem ocasiões⁴ (SAUCY, 1972, p. 20).

Essa santidade posicional⁵ faz com que a Igreja se identifique com a comunidade de Israel. Os israelitas também eram o povo santo de Deus (Lv 19.6; Is 62.12), embora essa santidade, por muitas vezes, não fosse desfrutada na vida de cada judeu. Em seitas judaicas do século I (a comunidade de Qumrã) havia a compreensão de que o povo escatológico de Deus recebia o título de santo, posição que eles mesmos alegavam desfrutar (HÖRSTER, 2009, p. 251). É possível que Paulo estivesse reproduzindo esse pensamento ao intitular a comunidade cristã dessa forma. Isso mostra que o povo que Deus separou para realizar a sua obra no início encontra a sua estrutura atual na Igreja, um povo escatológico através do qual o Senhor está trabalhando.

1.4 – Templo de Deus

Outra figura que Paulo usa para se referir a Igreja, embora não tão recorrente quanto as anteriores, é a de “templo de Deus”. O templo era o local onde a nação de Israel observa os cerimoniais de adoração a Deus, no AT. Era lá onde Deus habitava e guardava a nação de Israel. Sem dúvida, era o maior símbolo da presença do Senhor entre os israelitas.

Há duas palavras gregas que podem ser traduzidas como templo: *hieron*⁶ e *naos*⁷. A primeira se refere especificamente à construção, enquanto a segunda diz respeito aos átrios santos que estão dentro do edifício, tendo uma conotação bastante relacionada ao

⁴ Por exemplo, Rm 1.7; 2 Co 1.1; Ef 1.1; Fp 1.1; Cl 1.2; 1 Co 1.2.

⁵ Entende-se santidade posicional como algo definitivo, que foi conquistado mediante a ação soberana e redentora de Deus; difere, portanto, do processo contínuo de transformação à imagem de Cristo (cf. HOEKEMA, 2011, p. 200ss).

⁶ ἱερόν. De maneira mais específica, essa palavra pode referir-se ao pátio do Templo (SCHOLZ, 2008, p. 860).

⁷ ναός. Mais comumente traduzido como “santuário” (SCHOLZ, 2008, p. 896).

local de habitação (SAUCY, 1972, p. 37). Paulo, por diversas vezes, usa essa segunda palavra para se referir a Igreja (1 Co 3.16-17; 6.19; 2 Co 6.16; Ef 2.21). Portanto, o que o apóstolo tinha em mente era que a Igreja – não propriamente o prédio, mas os membros da comunidade – é o local onde Deus escolheu para fazer Sua morada. Os crentes, tanto individualmente quanto coletivamente⁸, representam a presença de Deus aqui na Terra e carregam em seu próprio corpo o testemunho do Senhor a fim de que Ele seja glorificado entre as nações.

Certamente, essa ideia de habitação proveniente do símbolo do templo representa o relacionamento espiritual de Deus com o seu povo. “Deus habitou no templo de Israel, assim como no antigo tabernáculo, com o propósito de ter comunhão com o Seu povo” (SAUCY, 1972, p. 37). Isso foi uma verdade tanto para Israel, quanto o é para a Igreja na presente era. É por meio da presença de Deus que o Seu povo pode se identificar com ele. Lembrando que, como foi mencionado anteriormente, o próprio conceito de povo de Deus envolve a ideia de um relacionamento especial com o Senhor.

2 – AS INTERPRETAÇÕES DA EXPRESSÃO “FILHOS DE ABRAÃO”

Além das imagens apresentadas anteriormente, é notória também a referência a Abraão como pai da Igreja de Jesus Cristo. O texto que traz essa associação de forma mais explícita é Gl 3.7, 9⁹, que diz: “Sabei, pois que os da fé é que são filhos de Abraão. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão”. A questão levantada é a seguinte: De qual forma Paulo compreendia essa relação entre Abraão e a Igreja?

Neste item, portanto, serão apresentadas algumas respostas heterogêneas dentro de dois sistemas teológicos abrangentes, conhecidos como Aliancismo (ou Teologia Não-dispensacionalista) e Dispensacionalismo.

⁸ Essa ideia de individualidade e coletividade com relação ao conceito de “casa de Deus” também é desenvolvida por Bezerra e Lima (2017, p. 123), ressaltando textos como Jo 14.23 e 1 Pe 2.15.

⁹ Além dessa passagem, pode-se adicionar Rm 4.16-18.

2.1 – A perspectiva não dispensacionalista

O que é patente aos olhos desta perspectiva é que não há nenhuma distinção essencial entre a Igreja e Israel, de modo que não há nenhum futuro para a nação de Israel dentro do programa redentor de Deus. Para os proponentes desse pensamento, então, o título de “filho de Abraão”, aplicado à Igreja, é uma grande evidência de que os crentes da era presente desfrutam plenamente de sua posição de povo de Deus, em detrimento da nação de Israel.

A seguir, serão apresentadas algumas respostas mais particulares dentro da perspectiva Não-Dispensacionalista.

2.1.1 – O “Novo Israel” ou “Israel Espiritual”

Esse argumento é o mais comum dentro da perspectiva não-dispensacionalista. É a ideia de que Paulo está tratando de uma paternidade espiritual de Abraão e que essa relação dissocia qualquer ligação de Deus com o Israel étnico.

Schnabel (2002, p. 52) afirma que, através da obra de Jesus Cristo, a linha divisória entre judeus e gentios foi abolida, de modo que ambos são representados pela pessoa de Abraão e fazem parte da comunidade dos salvos em Jesus. Ele também assevera que:

Paulo pregou e ensinou um novo conceito de povo de Deus: a identidade e os limites do povo de Deus não são mais determinados pelo critério étnico, legal ou ritualístico, isto é, não mais pelas injunções da aliança de Deus com Israel, de Abraão a Moisés. A identidade e os limites do povo de Deus são determinados pela fé em Jesus, o Messias (SCHNABEL, 2002, p. 54).

Isso significa que a obra de Cristo redefiniu os recipientes das promessas de Deus presentes nas alianças do AT. Se os crentes são os verdadeiros descendentes de Abraão, significa que são eles que devem herdar todas as suas promessas. É nessa linha que Schnabel (2002, p. 54) continua, ao insinuar que “as promessas de Deus a Abraão estão completamente cumpridas em Cristo” e que “a igreja [...] representa a restauração escatológica de Israel”.

Ainda nesse assunto, Juncker (2007, pp. 133-134) também defende a ideia de que a bênção abraâmica está se cumprindo na Igreja e que essa compreensão paulina relativiza

completamente a descendência de Abraão por mera associação étnica, redefinindo o conceito de povo de Deus, baseando-se unicamente na fé que Abraão apresentou.

2.1.2 – Tipologia patriarcal

O argumento da tipologia patriarcal chega a mesma conclusão apresentada no item anterior, mas justifica sua redefinição através de uma interpretação tipológica que supostamente fazia parte da tradição hermenêutica do apóstolo Paulo. Esse argumento, basicamente, foi retirado de um artigo desenvolvido por Günther H. Juncker (2007, p. 131ss).

Juncker (2007, p. 131ss) entende que Paulo compreendia a pessoa de Abraão – e alguns personagens relacionados a ele – de maneira tipológica, ou seja, como se eles fossem representantes de uma realidade espiritual que transcende a realidade material narrada nas Escrituras e que tal experiência é desfrutada pela Igreja na presente era. Ele, portanto, coleta alguns textos em que se torna possível verificar esse fenômeno, dentre os quais destaca-se Gl 3.8, 23-29; Gl 4.21-31, Rm 4.9-18; Rm 9.6-13. Na verdade, ele propõe que os três primeiros textos formam uma espécie de arcabouço tipológico que sustenta a sua interpretação da última passagem.

Sendo assim, Paulo estaria se apropriando da tipologia patriarcal para redefinir o conceito do povo escatológico de Deus, assumido, em sua visão, pela Igreja. Ele mesmo afirma explicitamente quando diz que “isso relativiza completamente a descendência genética e, ao mesmo tempo, necessita de uma redefinição do povo de Deus e da base para a filiação nesse povo” (JUNKER, 2007, p. 134). Aqueles que possuem a mesma fé de Abraão são, portanto, representados por ele e assumem o posto de verdadeiros descendentes do patriarca.

2.1.3 – Dois estágios da aliança abraâmica

Há também a percepção de que Paulo compreendia o período da Igreja como uma era de cumprimento e de estabelecimento da nova aliança, que, de alguma forma, carregava elementos da aliança abraâmica. Sendo assim, em Cristo, os crentes (judeus e

gentios) poderiam ser considerados filhos de Abraão pela associação com a aliança abraâmica. Essa posição é defendida por Jason S. Derouchie (2015, pp. 445-485).

O autor desenvolve a ideia de que muitos textos do AT abordam o tema da descendência de Abraão de uma maneira desassociada da ligação biológica. Após afirmar que a descendência de Abraão é condicionada pela eleição divina – i.e., em seu sentido especial, como no caso de Isaque e Jacó, em detrimento de Ismael e Esaú – Deurochie (2015, pp. 455-456) passa a sustentar a ideia de que os prosélitos também eram considerados filhos de Abraão por serem membros da comunidade da aliança (cf. Gn 17.12; Êx 12.44). Textos como Dt 1.8 amparariam essa percepção na nação de Israel. Isso mostra que a membresia na aliança abraâmica não era restrita a raça ou descendência biológica.

Entretanto, há uma crise na argumentação de Derouchie, pois embora a participação na aliança não seja limitada pela nacionalidade, ela deve acontecer através da fidelidade aos termos da aliança – o que inclui a circuncisão. Isso, portanto, leva o autor a dividir a administração da aliança abraâmica em duas eras: 1) o período inicial, com os descendentes naturais de Abraão, usufruindo das bênçãos na terra prometida, realizado na aliança mosaica; 2) o período final, com a humanidade redimida, usufruindo das bênçãos da nova aliança através da obra de Cristo (DEROUCHIE, 2015, p. 459-460).

O apóstolo Paulo tinha em mente o segundo aspecto da aliança abraâmica quando escreveu os textos de Gl 3 e Rm 4. Deurochie afirma isso explicitamente quando diz que:

Gênesis 17 trabalha com Gênesis 15.5 a preparar o palco para Paulo, no contexto de um cumprimento escatológico em Cristo, para identificar judeus e gentios como tendo um lugar na família de Abraão, à parte da circuncisão e da lei que seria associado a ele mais tarde. [...] O progresso das administrações abraâmica e mosaica para a nova aliança em Jesus responde como Paulo pode aplicar a linguagem da ‘descendência’ para cristãos judeus que nunca se tornaram judeus prosélitos (DEUROCHIE, 2015, p. 461).

2.2 – Perspectiva dispensacionalista

Em contraste com o que foi apresentado, a teologia Dispensacionalista compreende o relacionamento entre Israel e Igreja de forma mais descontínua e distinta do que a teologia da aliança. Na verdade, essa perspectiva é encarada como um distintivo e uma doutrina basilar desse sistema teológico (RYRIE, 2004, p. 147; VLACH, 2016, p. 27).

A seguir, serão apresentadas algumas entre as principais interpretações dispensacionalistas concernentes a membresia da Igreja na família de Abraão.

2.2.1 – Múltiplos usos da expressão “Filhos de Abraão”

Esse é um dos argumentos mais famosos dentro da perspectiva Dispensacionalista. Vlach (2016, pp. 31-32) chega a colocar esse entendimento como uma das seis crenças essenciais do dispensacionalismo.

Os proponentes dessa visão afirmam que a Bíblia faz referência, pelo menos, a três sentidos da expressão “descendência de Abraão” (VLACH, 2016, p. 32; RICCARDI, 2014, pp. 56-59; FEINBERG, 2013, pp. 80-82): 1) Os descendentes biológicos de Abraão; 2) o Messias; 3) os crentes em Cristo. É possível encontrar algumas ocasiões em que Paulo cita os três sentidos separadamente (cf. Rm 9.7; Gl 3.16; 3.7). No que se referir a Igreja, Paulo utiliza o último sentido, que atribui uma paternidade espiritual de Abraão aos crentes judeus e gentios que estão unidos ao corpo de Cristo.

Merece destaque as palavras de Feinberg (2013, p. 81), quando ele diz que os dispensacionalistas “insistem que nenhum desses sentidos é reciprocamente cancelado ou se torna sem importância ao voltar-se para o NT”. Isso significa que Paulo, ao abordar um desses sentidos, não estaria menosprezando ou reinterpretando os outros sentidos. No caso específico da Igreja (p. ex., Gl 3.7), ele não estaria esgotando todo o sentido da expressão em detrimento dos demais sentidos apresentados no restante das Escrituras.

Ao experimentar as bênçãos espirituais que haviam sido prometidas a Israel, Paulo jamais afirma que a Igreja assumiria a posição de Israel, mas que ela iria compartilhar tais bênçãos juntamente com Israel (RICCARDI, 2015, p. 58). Dessa forma, o comentário de Saucy (1972, p.75) está correto, quando ele afirma que “ambos, Israel e Igreja, são

semente de Abraão e herdeiros da promessa. Mas isso não iguala Israel e Igreja. Antes, Abraão é o pai de ambos”.

2.2.2 – Associação com a bênção do Espírito Santo

Alguns dispensacionalistas argumentam a respeito do nível de participação da Igreja na aliança abraâmica e da sua consequente filiação. Uma vez que os crentes em Cristo são também filhos de Abraão, quais das bênçãos que estes já desfrutam por conta de sua posição?

Robert A. Pyne (1995, pp. 211-222) afirma que Paulo compreende a Igreja – enquanto um organismo associado à aliança abraâmica – como desfrutando apenas da bênção do Espírito Santo. Segundo este autor, o conteúdo da bênção abraâmica a ser desfrutadas pelas nações não é muito claro ou específico nos textos que narram o estabelecimento da aliança (PYNE, 1995, p. 212). Entretanto, quando se observa alguns textos proféticos (como Ezequiel e Isaias), existe uma forte ligação entre os temas da renovação da aliança, da linguagem da promessa abraâmica e da bênção do Espírito Santo (PYNE, 1995, p. 219).

É muito provável que essa ligação tenha servido de pano de fundo para a compreensão paulina descrita em Gl 3. Com relação a isso, Pyne diz:

Aparentemente o apóstolo tinha um rico fundamento sobre qual ele construiu quando escreveu, em Gálatas 3, acerca da promessa do Espírito Santo. [...] Há uma forte associação entre a promessa do Espírito e a renovação das promessas da aliança, e Paulo parece estar desenhando diretamente a partir dessa tradição, enquanto considera que ela estava sendo cumprida em Cristo (PYNE, 1995, pp. 219-220).

Ao falar sobre a bênção do Espírito em Gl 3, Pyne está se referindo aos vv. 2-3, 14. Os primeiros versos tratam do momento em que os gálatas receberam Espírito Santo, e Paulo retoricamente conclui que isso aconteceu no instante em que eles creram na pregação do evangelho. Nesse caso, é possível ver a associação direta entre a habitação do Espírito e a fé – a mesma que Abraão teve (v. 6). No v. 14, a bênção de Abraão é diretamente identificada com a promessa do Espírito, podendo ser um grande argumento em favor da delimitação do usufruto desta bênção por parte da Igreja.

2.2.3 – “Filhos de Abraão” como uma designação qualitativa

Em um estudo recente, Michael M. Burer (2016, p. 337ss) defende a tese de que a expressão “filhos de Abraão” não diz respeito à membresia ou filiação à comunidade abraâmica, mas corresponde a uma designação qualitativa – algo que está relacionado ao caráter e à atitude do crente.

O peso maior do argumento está sobre as questões gramaticais. O autor mostra que existem três sentidos em que os substantivos gregos podem ser utilizados: indefinido, definido ou qualitativo. O indefinido aponta para um membro de uma classe sem especificá-lo, enquanto o definido identifica-o de forma particular. O sentido qualitativo – como um meio termo entre os dois – se refere às qualidades que representam os membros de uma classe (BURER, 2016, p. 345).

Burer, portanto, sustenta que o texto de Gl 3.7 é um caso em que a expressão “filho” representa um substantivo qualitativo. Isso significa que os crentes compartilham a mesma fé que Abraão teve, bem como o seu caráter espiritual. Paulo, portanto, não estava reinterpretação o conceito da descendência de Abraão e atribuindo apenas questões espirituais como definitivas à filiação, desconsiderando inteiramente a associação étnica. Na verdade, Paulo entendia que havia distinções étnicas presentes na própria aliança abraâmica. “Descrivendo ‘os da fé’ como ‘filhos de Abraão’ em um sentido espiritual, qualitativo, Paulo ainda mantém a declaração original da aliança abraâmica enquanto habilmente explica como a aliança funciona no tempo presente” (BURER, 2016, p. 350).

Ele finaliza, afirmando que:

Eles não são ‘filhos de Abraão’ no sentido de que eles substituíram os judeus, nem eram eles ‘filhos de Abraão’ entre os judeus, sem distinções. Pelo contrário, eles eram ‘filhos de Abraão’ no sentido de incorporar o que significa verdadeiramente ser um filho de Abraão, que é viver uma vida de fé em Deus (BURER, 2016, p. 350).

3 – UMA AVALIAÇÃO

As questões que parecem ser essenciais nesse debate, dentro da visão paulina, são: a aliança abraâmica, a hermenêutica e a relação entre a Igreja e Israel.

3.1 – A aliança abraâmica

Certamente, a participação na família de Abraão envolve, em certo sentido, as questões relacionadas à aliança abraâmica. Isso é tão verdadeiro que alguns autores embasam suas respostas neste quesito (cf. DEUROCHIE, 2015; PYNE, 1995; RICCARDI, 2014).

Não há dúvidas de que a aliança abraâmica envolve tanto a nação de Israel como as demais nações da Terra (Gn 12.3). Deus, ao fazer uma aliança com Abraão e lhe prometer bênçãos, estendeu a participação a esta promessa também aos gentios. Isso pode ser observado já na antiga aliança, onde estrangeiros prosélitos viviam dentro de Israel e não deveriam ser impedidos de participar dos rituais e das instituições da nação (p. ex., Êx 12.48), pelo contrário, eles também eram considerados como membros da comunidade e faziam parte do pacto. Israel, portanto, já estava sendo luz aos gentios quando os trazia à obediência a Deus.

O que não pode ser esquecido é que, embora judeus e gentios participem desta aliança, isso não elimina totalmente as diferenças entre eles. O tratamento de Deus ainda é “Israel e as nações” e Israel tem uma posição proeminente nessa área pelo fato de ser o mediador escolhido por Deus para administrar essa aliança. Os gentios são abençoados pela aliança sem se tornarem “Israel”.

Esse pensamento traz um reflexo importante para a Igreja, que é abençoada pela aliança abraâmica – sendo esta uma representação do remanescente das nações. Isso não significa que a Igreja assume a posição de Israel, mas que ela herdou as bênçãos que já haviam sido prometidas no estabelecimento da aliança.

Há também consequências importantes para a nação de Israel, caso este pensamento esteja correto. Israel, como elemento central na administração da aliança, também é o recipiente das bênçãos que foram prometidas. Entretanto, diferentemente do que muitos pensam, Israel ainda não desfrutou plenamente destas bênçãos (p. ex., a posse

da terra), sendo este usufruto postergado para um tempo ainda futuro. A ideia de que existem dois aspectos da aliança abraâmica (cf. DEUROCHIE, 2015, pp. 459-460) e que um deles já fora completamente cumprido na nação de Israel não encontra respaldo nem na teologia do AT nem do NT.

Se a Igreja realmente participa da aliança da forma como foi descrita acima, ainda resta uma questão: que tipo de bênção ela já desfruta? É conhecido que a aliança abraâmica contempla bênçãos espirituais e terrenas. Alguns entendem que a Igreja desfruta das realidades espirituais, como a bênção do Espírito Santo – esta, associada à nova aliança – e a justificação pela fé (cf. PYNE, 1995; RICCARDI, 2014). Sendo assim, Israel ainda irá desfrutar das bênçãos terrenas e nacionais [e também espirituais] quando o Senhor Jesus, a verdadeira semente de Abraão, vier para estabelecer o seu reino.

É possível que essa compreensão acerca da aliança abraâmica estivesse na mente de Paulo, até mesmo pela sua expectativa de futuro reestabelecimento da nação, como será visto no item 3.3. Dessa forma, a filiação da Igreja com Abraão não implica substituição, mas herança das promessas de bênçãos por meio da fé no descendente de Abraão – Jesus Cristo.

3.2 – A Hermenêutica

Não há como falar sobre a teologia de Paulo sem mencionar a forma como ele compreende e interpreta as Escrituras anteriores.

3.2.1 – A questão do sentido e o uso do AT no NT

Essa questão gira em torno da postura do autor do NT – neste caso, Paulo – enquanto um intérprete do AT. Ele está reinterpretando o que os autores antigos revelaram, de modo a expor a realidade passada através da nova realidade em Cristo? Ou ele está ampliando o referente a partir de uma visão cristológica, mantendo, entretanto, a realidade do referente contemplado pelo autor antigo? Se a primeira opção for a correta, Paulo estaria afirmando que a filiação com Abraão é apenas uma realidade espiritual e sempre foi tratada com tal pelos autores do AT, sustentando uma total continuidade entre a comunidade de Israel e a Igreja. Se, entretanto, a segunda opção estiver correta, Paulo

estaria afirmando que a Igreja participa espiritualmente de uma posição que também é desfrutada por Israel, sem destituir as implicações a esta última.

Vlach, defendendo esse último tratamento descrito no parágrafo anterior, afirma que o progresso da revelação não retira a intenção original do autor do AT. Ele diz que:

O significado primário dos textos do Antigo Testamento não é primariamente dependente da intenção ou reinterpretação do Novo Testamento. O Novo Testamento pode, com a revelação progressiva, à luz de passagens do Antigo Testamento, oferecer comentários, ou acrescentar aplicações ou referentes, mas jamais substituir a intenção original dos escritores do Antigo Testamento (VLACH, 2016, p. 22).

Portanto, ao observar as propostas descritas no item 2 deste trabalho, percebe-se que os proponentes Não-Dispensacionistas têm a tendência de afirmar que Paulo estava redefinindo o conceito de povo de Deus (SCHNABEL, 2002, p. 54), chegando até a propor novas abordagens aos textos do AT diante das novas revelações trazidas à tona pelo apóstolo (JUNCKER, 2007, p. 134). Enquanto isso, os que possuem uma visão Dispensacionalista sustentam a variedade de referentes que o texto bíblico pode se apropriar, sem negligenciar as nuances que existem em cada um deles. É o caso, por exemplo, dos múltiplos usos da expressão “filhos de Abraão”, onde os autores não elevam a realidade de um caso em detrimento dos outros (cf. FEINBERG, 2013, pp. 80-82).

Pode-se afirmar, então, que a posição Dispensacionalista apresenta uma solução mais coerente em relação à hermenêutica, especialmente no que diz respeito à forma como Paulo compreende e usa os textos do AT. Ela trilha um caminho que parece ser mais natural na tarefa exegética, que é partir do texto mais antigo no progresso da revelação (ou seja, o AT) e culminar em seu estado totalmente construído e finalizado, que corresponde ao texto mais recente (ou seja, o NT). Dissociar o primeiro sentido seria retirar o seu fundamento.

3.2.2 – Tipologia

Há muita discussão sobre a interpretação tipológica, o que torna o estudo deste fenômeno algo muito complexo. A falta de consenso entre os estudiosos sobre o assunto dificulta o estabelecimento de um critério para analisar e lidar apropriadamente com os

tipos do AT. Beale (2013, pp. 35-52) elenca, pelo menos, duas dificuldades, ou dois debates, que circundam a interpretação tipológica.

Primeiro, diz respeito à natureza da tipologia. Enquanto alguns afirmam que a tipologia possui apenas um valor analógico, outros sustentam a sua função profética. Walter Kaiser, por exemplo, afirma que a tipologia é um recurso de analogia e não de profecia, talvez como uma forma de se adequar à sua tese do sentido humano único (cf. BOCK, 1985, p. 211). Entretanto, é mais provável que a tipologia tenha um caráter profético em virtude do uso de fórmulas comuns às profecias, como “para que se cumprisse” (BEALE, 2013, p. 39).

O segundo debate é concernente ao reconhecimento de um tipo. Alguns estudiosos são bem restritos quanto a esse assunto, limitando as referências tipológicas às ocasiões em que se encontram termos específicos (como fórmulas de cumprimento ou a palavra *typos* no grego). Outros possuem uma compreensão um pouco mais aberta, reconhecendo um tipo em situações que satisfaça as seguintes exigências: 1) correspondência; 2) historicidade; 3) prefiguração; 4) intensificação; 5) retrospectão (BEALE, 2013, p. 42; ZUCK, 1994, pp. 200-202).

Com base nisso, é possível lançar alguns comentários sobre o artigo de Jucker (2007, pp. 131-160), que fala de uma “tipologia patriarcal” como um fenômeno na interpretação paulina. Percebe-se que não há nenhum cuidado do autor em analisar os critérios necessários para enquadrar os personagens de Abraão, e também Isaque e Ismael, dentro da classificação de tipologia, conforme mencionada anteriormente. Ele afirma categoricamente que “os patriarcas das duas primeiras gerações após Abraão se mantêm nas Escrituras como tipos de uma realidade escatológica maior” (2007, p. 158), mas não dá razões para que isso seja entendido dessa forma. Se o reconhecimento dos tipos bíblicos for tão arbitrário, como Juncker parece sugerir, então não haverá limites para as correspondências entre ambos os Testamentos e a alegoria será instituída.

Jucker (2007, p. 146) ainda erra ao desconsiderar o caráter profético da tipologia. Por exemplo, ele usa como fundamento à tipologia patriarcal o texto de Gl 4.21-31 e afirma que outros textos, como Rm 9.6ss, devem ser compreendidos também de forma tipológica. Quando se observa o conteúdo de Gl 4, porém, percebe-se que não há um caráter profético. Paulo aparentemente está usando as figuras do AT como ilustrações ou de forma alegórica, como ele próprio afirma (cf. Gl 4.24), e não como o cumprimento

tipológico de algo que já havia sido anunciado na era patriarcal. Ele também erra ao identificar Ismael com o Israel nacional, ressaltando suas características de escravo e perseguidor e mostrando que não há mais espaço para a nação no plano de Deus (JUNKER, 2007, p. 138). Entretanto, quando se observa o contexto da epístola aos Gálatas, Paulo não está guerreando contra o Israel nacional, mas contra um grupo de dissimuladores (chamados de judaizantes) que se diziam crentes em Cristo, mas abraçavam o legalismo como necessário à salvação. Estes é que correspondiam à Ismael na argumentação do apóstolo no fim do capítulo 4.

3.3- A relação entre Israel e a Igreja

Outro aspecto importante a se analisar na teologia do apóstolo Paulo é a relação que ele estabelece entre Israel e a Igreja. Em partes, essa tarefa já foi realizada no item 1 deste trabalho. Entretanto, faz-se necessário uma análise um pouco mais abrangente, buscando os pontos de semelhança e diferença que ele apresenta e o que isso significa a respeito das promessas e alianças que foram estabelecidas no passado.

Existem muitos pontos nos escritos de Paulo que apresentam uma distinção entre Israel e a Igreja. McLain (1986, pp. 52-59) esboça os seguintes tópicos que enfatizam essa diferença: distinção de terminologia (1 Co 10.32); distinção cronológica (Ef 3.3-10; Cl 1.24-29); distinção de propósito (Fp 3.20; Cl 3.1-4); distinção de caráter (Gl 3.28; 1 Co 12.13).

Embora possa-se fazer objeção com relação a um desses pontos – especialmente, o que se refere a distinção de propósito – o quadro geral mostra que Paulo mantinha uma separação entre Israel e Igreja, de modo a não tratá-las como instituições intercambiáveis.

Ainda sobre essa distinção, Saucy afirma:

O testemunho consistente das Escrituras é à distinção entre Israel e Igreja. Israel é uma nação eleita, chamada para testemunhar a glória de Deus entre as nações e servir uma fase distinta do programa do reino. As profecias declaram que ela ainda cumprirá seu chamado. A igreja, por outro lado, é um povo chamado de todas as nações como 'um povo para o seu nome' (At 15.14). Ela também testemunha a glória de Deus e também serve o Seu programa do reino juntamente com a nação de Israel (SAUCY, 1972, pp. 73-74).

Apesar da clara distinção entre Israel e Igreja, Paulo também as compreende como que mantendo uma certa relação de continuidade. Não se pode cair na cilada de imaginar uma total dicotomia entre ambas as instituições de modo a não haver qualquer associação entre elas e acabar segregando o plano redentor de Deus em dois aspectos totalmente distintos (SAUCY, 1972, p. 74). Os casos que foram apresentados no item 1 deste trabalho são exemplos de que Paulo, ao usar expressões aplicadas à nação de Israel para se referir a Igreja, acaba aproximando as duas entidades, tratando-as como fases distintas de uma mesma administração de programa redentor de Deus.

Além desses casos, pode-se destacar a compreensão de que a Igreja faz parte da nova aliança, que havia sido originalmente dada a nação de Israel (McKLAIN, 1986, p. 62). O próprio Paulo afirma ser um ministro da nova aliança (2 Co 3.6), sendo ele um instrumento nas mãos do Senhor para a propagação da benção do Espírito Santo através da pregação do evangelho. Dentre as diversas interpretações do que implica essa afirmação de Paulo – p. ex., substituição de Israel pela Igreja, ou a existência de duas “nova aliança” – a que parece mais provável é que tanto Israel como a Igreja compartilham a herança e a participação nessa aliança, assim como acontece com a aliança abraâmica (SAUCY, 1972, p. 78).

Essa compreensão paulina de continuidade e descontinuidade entre Israel e Igreja deve ser relevante na interpretação da assertiva de Paulo sobre os filhos de Abraão. A Igreja, portanto, também herda as bênçãos prometidas a Abraão, sem, contudo, tornar-se Israel. Isso é facilmente compreendido quando se leva em consideração o que foi abordado nos parágrafos anteriores. Dessa forma, o cuidado de Michael Burer (2016, p. 337) em defender a expressão “filho de Abraão” como uma designação qualitativa é excessivo e desnecessário. Os crentes em Cristo não apenas possuem a mesma qualidade da fé que Abraão teve, mas participam objetivamente da comunidade da aliança, sem trazer prejuízos à participação da nação de Israel quanto a essa posição. Embora Burer possa estar correto quanto à interpretação de Gl 3.7, certamente ele teria dificuldades de lidar com Gl 3.29 e Rm 4.16-18, que usam expressões correlatas (como “herdeiros”, “pai”, “descendência”) em um sentido distinto do qualitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso que Paulo faz de Abraão para referir-se à Igreja faz parte de uma tradição eclesiológica do apóstolo, onde ele cita figuras do AT para retratar uma realidade espiritual desfrutada pela Igreja. Paulo, portanto, não ultrapassou os limites de sua própria teologia, apresentando algo incomum ou inédito, mas foi completamente consistente com seu pensamento e com as outras figuras que ele utilizou com esse mesmo propósito.

Mesmo tendo esse conhecimento, o fato é que ainda há uma grande divergência na compreensão acerca da intenção de Paulo em aproximar a figura de Abraão dos crentes em Cristo. Certamente, um dos intensificadores dessas diferenças é o compromisso dogmático, que delimita a possibilidade de interpretação dentro de um pequeno círculo estabelecido pelos sistemas teológicos.

Esse debate, entretanto, revela algumas certezas: os crentes, como filhos de Abraão, desfrutam no tempo presente algumas bênçãos relacionadas a aliança abraâmica. Através dos méritos de Cristo – a verdadeira semente de Abraão – a bênção chegou aos gentios, i.e., à Igreja.

Faz-se necessário afirmar, diante de outros temas e textos, que a aproximação que Paulo faz entre a Igreja e Israel não deve necessariamente implicar em substituição. O próprio apóstolo Paulo mantém distinções terminológicas que tornam a compreensão igualitária de ambas as instituições algo totalmente inapropriado. A promessa, em seu formato original, foi dada a Israel em sua identidade nacional e, como mediadora da aliança, ela deve ocupar uma posição ímpar dentro do tratamento do Senhor com as nações. Há elementos incondicionais na aliança que ainda não foram cumpridos e que certamente serão realizados no porvir. Todo o enredo bíblico – tanto o AT (especialmente) quanto o NT – apresenta essa expectativa da redenção de Israel e seu reestabelecimento na terra prometida.

REFERÊNCIAS:

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEZERRA, C. A.; LIMA, A. E. D. **Dízimos e ofertas**: quando a voluntariedade se torna soberana. Eusébio: Editora Peregrino, 2017.

BOCK, D. L. Evangelicals and the use of the Old Testament in the New: Part 1. **Bibliotheca Sacra**, v. 142, pp. 209-223, 1985.

BURER, M. H. “Sons of Abraham” In Galatians 3:7 as a spiritual, qualitative designation. **Bibliotheca Sacra**, v. 173, n. 691, pp. 337-351, 2016.

DEUROCHIE, J. S. Counting stars with Abraham and the prophets: new covenant ecclesiology in OT perspective. **JETS**, v. 58, n. 3, pp. 445-485, 2015.

ENNS, P. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2014.

FEIBERG, J. F. Sistemas de descontinuidade. In: FEINBERG, J. F. (org.). **Continuidade e descontinuidade**. São Paulo: Hagnos, 2013, pp. 291-318.

HOEKEMA, A. A. **Salvos pela graça**: a doutrina bíblica da salvação. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HÖRSTER, G. **Teologia do Novo Testamento**. Curitiba: Editora Esperança, 2009.

JUNCKER, G. H. “Children of Promise”: Spiritual Paternity and Patriarch Typology in Galatians and Romans. **Bulletin for Biblical Research**, v. 17, n. 1, pp. 131-160, 2007.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. revisada. São Paulo: Hagnos, 2003.

MARSHALL, H. I. **Teologia do Novo Testamento**: diversos testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2007.

McKLAIN, C. E. Israel's relation to the church. **Calvary Baptist Theological Journal**, v. 2, n. 2, pp. 51-66, 1986.

PYNE, R. A. The “seed,” the Spirit, and the blessing of Abraham. **Bibliotheca Sacra**, v. 152, n. 606, pp. 211-222, 1995.

RICCARDI, M. The seed of Abraham: a theological analysis of Galatians 3 and its implications for Israel. **Master Seminary Journal**, v. 25, n. 1, pp. 51-64, 2014.

RIDDERBOS, H. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

RYRIE, C. C. **Dispensacionalismo: ajuda ou heresia**. Mogi das Cruzes: ABECAR, 2004.

SAUCY, R. L. Israel e a Igreja: um caso para a descontinuidade. In: FEINBERG, J. F. (org.). **Continuidade e descontinuidade**. São Paulo: Hagnos, 2013, pp. 291-318.

SAUCY, R. L. **The church in God's program**. Chicago: Moody Publisher, 1972.

SCHNABEL, I. J. Israel, the people of God, and the nations. **JETS**, v. 45, n. 1, pp. 35-57, 2002.

SCHOLZ, V. **Dicionário grego-português do Novo Testamento grego**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

VLACH, M. O que é dispensacionalismo? In: MACARTHUR, J.; MAYHUE, R. (editores). **Os planos proféticos de Cristo**. Eusébio: Editora Peregrino, 2016, p. 17-36.

ZUCK, R. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade. São Paulo: Vida Nova, 1994.



A ORTODOXIA EM DESENVOLVIMENTO NO SEGUNDO SÉCULO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA CARTA A DIOGNETO

Orthodoxy in development in the second century:
a historical-theological analysis of the *Letter to Diognet*

Rafaella Cristina Araújo Pereira*



* Formada em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (SBC), 2016.

Contato:
rafaellacrisapereira@yahoo.com.br

RESUMO:

Durante muitos séculos a teologia cristã veio sendo desenvolvida e muitos escritos foram elaborados com este fim, bem como para a defesa da fé cristã e suas verdades. Assim como a *Carta a Diogneto* que analisaremos neste artigo, cujo autor argumenta de forma bíblica, lógica e teológica em prol do cristianismo contra as heresias e inverdades a respeito da vida e fé cristã em seu período. Este trabalho visa analisar histórica e teologicamente este documento. Para isto, é necessário situar no contexto da apologética cristã do II século, examinar a intertextualidade do uso do Novo Testamento na escrita desta obra, e identificar os temas teológicos encontrados na mesma.

Palavras-chave: Apologia; Ortodoxia; Diogneto.

ABSTRACT:

For many centuries Christian Theology has been developing and many writings were produced defending Christian Faith and its truths. As the *Epistle to Diognetus*, that will be analyzed in this article, in which the author argues in a theological, logical and biblical way in favor of Christianity and against the falsehood and heresies about life and Christian faith back in his time. This article is aimed to analyze this document in a theological and historical way. Therefore, it is necessary to place it in the Christian Apologetic context of the Second Century, examine the intertextuality in using The New Testament for writing this work, and identify theological themes that were found on it.

Keywords: Apology, Orthodoxy, Diognetus.

INTRODUÇÃO

A *Carta a Diogneto* foi escrita para a defesa da fé cristã e de suas verdades, contra as heresias que surgiam em sua época e as falsas acusações feitas contra os cristãos. Essa carta ajuda-nos a compreender como se deu a apologética e o desenvolvimento do pensamento cristão no segundo século. Na presente análise dessa carta, trabalharemos três campos específicos: a história do cristianismo do II século, a intertextualidade e a teologia histórica. Com isso, veremos quão rica essa obra é em seu conteúdo doutrinário, em relação ao cotidiano dos cristãos daquele período e quão vasta foi a influência dos escritos neotestamentários para os primeiros cristãos.

1 - A CARTA A DIOGNETO E A APOLOGÉTICA CRISTÃ ANTIGA

1.1 - Os Desafios do Cristianismo: Hostilidades e Heresias

No século II o cristianismo ainda era pouco conhecido, era tratado como uma seita e suas práticas (costumes e crenças) consideradas ilegais e contrárias às estipuladas pelos governantes locais. Por esta causa, acusações, perseguições e martírios duraram até 313 d.C., quando Constantino a oficializou no império.

O cristianismo se expandia por diversas regiões desde a Palestina, Antioquia, Roma e entorno do Mediterrâneo como vemos nas cartas Neotestamentárias e a na história da igreja. Havia cristãos ricos e pobres, livres e escravos, cultos ou iletrados, homens, mulheres, de diversas idades.

Os cristãos, influenciados pelos ensinamentos de Cristo e transmitidos pelos apóstolos, haviam deixado de adorar nos templos pagãos, não participavam das cerimônias civis estabelecidas pelo Estado, nem de guerras e tão pouco se alistavam no exército. Para os pagãos, os deuses do Império eram tidos como os causadores das calamidades naturais (secas, inundações, terremotos, epidemias e guerras) quando irritados ou não cultuados e por isso todas as catástrofes que estavam acontecendo eram por culpa dos cristãos que estavam desagradando aos deuses com suas crenças e cultos, isso era visto como um crime direto contra o governante e conseqüentemente contra todo o Império.

Outro fator determinante para a oposição ao cristianismo era que, por ser uma nova crença, a mesma não era aceita nem compreendida. Algumas de suas práticas eram erroneamente interpretadas pelos não cristãos, o que causava estranheza e uma grande suspeita por parte da população e principalmente dos líderes políticos e religiosos da época, que desconheciam a extensão e a influência que tal “seita” poderia ter.

O primeiro imperador a opor-se aos cristãos foi Nero, por volta de 64 d.C., acusando-os de serem os responsáveis pelo incêndio de parte da cidade de Roma. Milhares de cristãos foram mortos e torturados. Alguns, eram amarrados em postes nas laterais das ruas romanas e ateados fogo aos seus corpos, outros eram jogados aos cães e leões famintos como espetáculo público.

Domiciano (81 d.C.) promoveu durante o seu governo a segunda grande perseguição tanto aos judeus, por não pagarem o tributo a Roma, como aos cristãos. Essa perseguição se estendeu de Roma à Ásia Menor, havendo muitos mártires apenas por serem cristãos. Eram levados a julgamento se negassem sua fé em Cristo e oferecessem sacrifício aos deuses eram libertos, caso contrário eram torturados e/ou mortos. Por isso, os cristãos passaram a se reunir secretamente, à noite, as vezes até mesmo em cemitérios, para não serem vistos e assim poderem cultuar a Deus sem serem coagidos, presos ou mortos.

Muitos outros imperadores como Trajano (98-117 d.C.), Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161), Marco Aurélio (161-180) e Sétimo Severo (193-211) perseguiram os cristãos. Durante o século II, muitas vezes as queixas levantadas contra eles eram infundadas ou parcialmente verdadeiras. As acusações se davam por causa de rumores populares ou críticas por parte da classe culta.

Os rumores populares se baseavam geralmente em algo que os pagãos ouviam dizer ou viam os cristãos fazer, e então o interpretavam erroneamente. Por exemplo, os cristãos se reuniam todas as semanas para celebrarem uma refeição a que frequentemente chamavam ‘festa de amor’. Essa refeição era celebrada em privativo, e somente eram permitidos os que haviam sido iniciados na fé, isto é, os batizados. Além disso, os cristãos se chamavam de ‘irmãos’ entre si, e não faltavam casos em que homens e mulheres diziam estar casados com seus ‘irmãos’ e ‘irmãs’. Baseados nestes fatos, foram se tecendo rumores cada vez mais exagerados, e muitos chegaram a crer que os cristãos se reuniam para celebrar uma orgia em que se davam uniões incestuosas. (GONZALEZ, 1995, p.80).

Alguns rumores diziam que os cristãos eram canibais porque no momento da Ceia eles “comiam” a carne de Cristo e “bebiam” o seu sangue. Os intelectuais desse período acreditavam que o cristianismo era um conjunto de superstições e que as pessoas fanáticas que criam nele eram perigosas para o Império Romano.

Já as denúncias por parte dos cultos e da nobreza se baseavam em acusações referentes às doutrinas cristãs, diziam que os cristãos faziam parte de uma seita que se contradizia em seus ensinamentos e crenças. Para eles, os martirizados só tinham coragem de enfrentar a morte com tamanha honra por terem uma crença na ressurreição futura. Sendo assim, os acusadores argumentavam e questionavam seus acusados para os atemorizarem da seguinte forma:

E isso de ressurreição é o cúmulo das idiotices cristãs. Como ressuscitarão aqueles corpos destruídos por fogo, ou devorados por peixes ou pelas feras? Irá Deus por todo o mundo recolhendo e unindo os pedaços de cada corpo? Como se arranjará Deus, no caso daquelas porções de matéria que pertenceram primeiro a um corpo e depois a outro? Será que o primeiro dono adjudicará esse pedaço do seu corpo? Em tal caso, ficará um buraco no corpo ressuscitado do dono posterior? (GONZÁLEZ, 1995, p. 86).

Mesmo em meio a tanta oposição, quanto mais a igreja primitiva era perseguida, mais ela crescia e se desenvolvia. Conforme se convertiam ao cristianismo houve uma miscigenação de ensinamentos e crenças. Com isso, princípios opostos aos do cristianismo surgiram no seio da igreja primitiva, os quais foram considerados pelos mais ortodoxos como heresias, como foi o caso do gnosticismo.

O gnosticismo no século II foi um movimento existente tanto dentro como fora da igreja cristã, que se baseava em uma busca da verdade esotérica, em que os sábios possuíam um conhecimento especial, diferenciado das demais pessoas, o que os tornava superiores às mesmas, fosse esse conhecimento teológico, científico ou cosmológico.

O termo ‘gnosticismo’ vem da palavra grega ‘gnosis’, que quer dizer ‘conhecimento’. Segundo os gnósticos, sua doutrina era um conhecimento especial, reservado para quem possuísse verdadeiro entendimento. Além disso, parte dessa doutrina consistia na chave secreta mediante a qual se alcançava a salvação. (GONZALEZ, 1995, P.96).

Essa heresia não teve um fundador ou proponente específico, porém, alguns pais da igreja concordam que o gnosticismo teve início com Simão, o Mágico:

Segundo um certo Hegesipo, citado por Eusébio numa de suas obras, o gnosticismo principiou entre certas seitas judaicas. Pais Eclesiásticos posteriores como Irineu, Tertuliano e Hipólito, por sua vez, sustentavam a opinião segundo a qual a filosofia grega de Platão, Aristóteles, Pitágoras e Zenão, era a principal fonte da heresia gnóstica (OLIVEIRA, 1992. p. 41).

Haviam muitos mestres gnósticos como Basílido e Valentino, cada qual com suas doutrinas próprias as quais se confundiam e até mesmo se contradiziam em alguns pontos. Porém, seus ensinamentos influenciaram muitas religiões, dentre elas o próprio cristianismo.

O ensino gnóstico quanto ao universo sustentava uma visão dualista do mesmo. O conceito provavelmente vinha da combinação da teoria de Platão que ensinava haver grande contraste entre o mundo espiritual e o mundo visível. Platão pregava que o mundo espiritual era bom e que o homem deveria esforçar-se por readquiri-lo. Já o mundo das coisas palpáveis era totalmente mau, uma prisão para o homem do qual devia livrar-se.

Quanto a Cristo, os gnósticos ensinavam que pelo fato do mundo material ser mau, não poderia ter se encarnado: era como a aparição de um fantasma, ou uma habitação temporária no homem chamado Jesus. Afirmavam que Jesus possuía um corpo, mas que era diferente do nosso, composto de uma matéria espiritual, e por isso, alguns diziam que seu nascimento de uma virgem teria sido aparente e não literal.

Quanto à salvação, sustentavam que para salvar-se o homem precisaria livrar-se da prisão do mundo visível e de seus poderes através de uma iluminação espiritual mística, que se daria através do conhecimento dado por Cristo, e que tal conhecimento não era disponibilizado a todos os cristãos, sendo este o conhecimento salvífico. É possível perceber que o gnosticismo “foi uma tentativa de explicar, em fundamentos racionais, como os homens provêm de Deus e podem retornar a Ele sem cataclismos” (WAND, 2004. p. 59).

Eles aceitavam os ensinamentos do docetismo, que se opunha a doutrina do cristianismo no que diz respeito à criação, encarnação, ressurreição, e das práticas cristãs quanto a moral. Alguns enveredavam por um ascetismo extremo, castigando o corpo para que ele não exercesse tanto poder sobre o espírito; outros praticavam a libertinagem, dando total liberdade ao corpo e às suas paixões.

Tais ensinamentos estavam se infiltrando e se enraizando na teologia e no pensamento da Igreja de tal forma que era difícil para os cristãos distinguirem o que era bíblico do que

não era. Em meio a tamanha confusão, era necessário expor e transmitir a verdade que fundamentava a doutrina cristã.

É neste contexto que a *Carta a Diogneto* foi escrita, visando lidar com a hostilidade dos judeus e pagãos e as heresias que se adentravam na igreja, dentre elas o gnosticismo, expondo de maneira clara e específica as verdades bíblicas.

1.2 - A defesa da fé: Pais apologistas e antignosticos

O termo “pai” foi atribuído aos mestres e bispos dos primeiros séculos da igreja primitiva, que se destacaram por causa da sua vida piedosa, do amor e do zelo que mantinham para com Deus, sua Palavra (a Bíblia), e para com a igreja.

Os pais da igreja¹ eram pessoas que estavam ligadas aos apóstolos, direta ou indiretamente, aprendendo deles e repassando os ensinamentos sobre Cristo e as Escrituras aos demais cristãos do século II ao VI, porém alguns estudiosos colocam os Pais da Igreja até o VII século. Os pais eram, geralmente, líderes das primeiras igrejas organizadas, ou pessoas que se destacaram na defesa e desenvolvimento da teologia e das verdades cristãs.

Os apologistas cristãos, apologistas ou pais apologistas, foram cristãos escritores e filósofos que defenderam o cristianismo ante a perseguição e acusação do Estado e de pessoas de alta estirpe aos cristãos. Dentre os apologistas mais conhecidos neste período estão Tertuliano (155-220) e Justino Mártir (100-166 d.C.).

O primeiro apologista cristão conhecido foi Quadrato, que enviou uma carta ao imperador Adriano. Porém, não se sabe ao certo quem foi Quadrato, há a hipótese que ele teria sido um bispo em Atenas. Em sua carta ele argumenta, como ressalta Wand (2004), sobre a superioridade dos milagres cristãos quando comparados às mágicas praticadas pelos pagãos.

Oliveira (1992) lista algumas obras e apologistas cristãos em ordem de importância e cronologia: 1. *Discurso à Diogneto*, de Quadrato. 2. *Diálogo com Trifon*,

¹ Foi somente no V século que Vicente de Lérins, definiu-os como os pais, e essa classificação passou a ser adotada pela Igreja Romana, pouco tempo depois.

de Justino. 3. *Discurso aos gregos*, de Taciano. 4. *Defesa dos cristãos*, de Atenagoras. 5. *Três livros a Autólico*, de Teófilo. 6. *Contra Celso*, de Orígenes. 7. *Apologia*, de Tertuliano. 8. *Otávio*, de Minúcio Félix.

Todos esses escritos foram produzidos durante o II século, em grego, e são relevantes pois é por meio deles que podemos saber como o cristianismo era compreendido pelos pagãos nos seus primórdios, quais dificuldades os cristãos enfrentavam por causa de sua fé e de suas crenças, como reagiam perante as falsas acusações que lhes eram dirigidas, a rejeição que sofriam, até mesmo quais eram as suas atitudes perante o martírio que lhes era imposto, e como lidavam com problemas internos referentes a questões doutrinárias.

Os pais polemistas, por sua vez, lutaram mais diretamente contra as doutrinas heréticas, condenando os falsos ensinamentos, seus mestres, e a influência que os mesmos exerciam sobre o pensamento cristão. Os que mais se destacaram foram: Irineu (130-202 d.C.), Orígenes (185-254 d.C.) e Cipriano (200-258 d.C.). Os Pais Polemistas ou simplesmente polemistas, também são conhecidos como Pais Antignósticos, já que a principal heresia enfrentada no II século foi o gnosticismo (TILLICH, 1988).

Os polemistas, ao contrário dos apologistas, que se baseavam mais nas profecias do Velho Testamento, serviram-se mais do Novo Testamento como fonte da doutrina cristã. Os polemistas procuraram explicar o cristianismo aos seus vizinhos e aos governantes pagãos. Os Pais Apostólicos tinham como preocupação apenas edificar a Igreja Cristã. (CAIRNS, 1995, p.89).

Demos mais ênfase aos pais apologistas e polemistas pelo fato do escritor da *Carta a Diogneto* ser geralmente classificado nessas sessões, e por estarem no contexto do segundo século e lidarem com temas recorrentes desse período na *Carta a Diogneto*.

Em meio a tanta hostilidade e heresias que surgiam, nada mais natural do que os cristãos reagirem. Os escritos destes pais foram fundamentais para a defesa do cristianismo, suas crenças e práticas, bem como da teologia bíblica, em especial do Novo Testamento.

1.3 – Um primeiro olhar sobre a *Carta a Diogneto*

A *Carta a Diogneto*, ou *Epístola a Diogneto*, é um dos escritos mais antigos do II século (GONZÁLEZ, 1995). Haykin (2012) nos diz que essa epístola procede de uma fé gloriosa de um homem que está deslumbrado pela revelação do amor de Deus em seu Filho Jesus. Em que procura persuadir um pagão greco-romano denominado Diogneto, que era possivelmente um imperador, já que esse título era dado a imperadores nessa época ou a príncipes (FRANGIOTTI, 1995).

Quando se trata da *Carta a Diogneto*, alguns “elementos importantes que ajudam a determinar e caracterizar uma obra, tais como, autor, data e local de composição, destinatário e a própria integridade do manuscrito ficam na sombra” (FRANGIOTTI, 1995, p. 11). Pois essas informações não são expressas na obra.

Este texto permaneceu desconhecido por muito tempo, até mesmo nos dias de hoje pouco se ouve falar a respeito. Isso se deu em parte por ter sido um escrito anônimo, endereçado a uma pessoa específica, não se sabe ao certo quem, e por sua descoberta ter sido tardia. Foi encontrado em Constantinopla em 1436, junto a outros manuscritos de caráter apologético, por Tomás de Azerro (FRANGIOTTI, 1995).

Alguns o atribuem a algum apóstolo, outros a Quadrato, ou a “Apolo, discípulo de Paulo ou Clemente Romano, Aristides, ou Hipólito de Roma” (FRANGIOTTI, 1995, p. 12). Dos apologistas citados acima, o mais cogitado é Quadrato, sendo esta a posição assumida nesta pesquisa, pelas seguintes razões sustentadas por Paul Andriessen a partir de 1946:

a) A obra data, indubitavelmente, dos séculos II e III. Vários autores deste século podem ser eliminados, como Aristides, Justino, por razões de estilo, linha de pensamento que se diferenciam demasiado da *Carta a Diogneto*. Após examinar cada um dos escritores restantes, não nos resta senão Quadrato. Embora a Apologia de Quadrato tenha-se perdido, Eusébio de Cesareia conservou um fragmento no qual se percebe que seu autor é dos primeiros tempos do cristianismo. Segundo a tradição Quadrato foi um dos primeiros apologistas [...] b) Em Diogneto, há uma lacuna entre os §§6-7 do capítulo 7, na qual se encaixaria perfeitamente o fragmento da Apologia, porquanto a matéria do fragmento contém o assunto que deveria ser tratado na parte perdida de Diogneto 7,7. (FRANGIOTTI, 1995, p. 13,14).

Ao aceitar como autor dessa obra o apologista Quadrato, então provavelmente essa carta seria endereçada a Adriano, já que durante o seu governo houve o aparecimento

de escritos cristãos de caráter apologético, como a *Carta a Diogneto*, em especial documentos escritos pelo próprio Quadrato. Adriano é intitulado Diogneto não só por Quadrato, mas também por Marco Aurélio. Esse título era comum em Atenas entre os arcontes, e o próprio Adriano era um arconte desde 112 d. C. Então sua redação seria por volta do ano 120 d.C., em Atenas, dentro dos limites do Império Romano, endereçada a Adriano e escrita por Quadrato.

Quanto a sua classificação, alguns estudiosos da patrística a colocam como o último escrito do período dos Pais Apostólicos (por causa da sua data mais provável, 120 d.C.). Outros a relacionam como um escrito pertencente ao período dos Pais Apologistas (devido ao seu conteúdo em defesa do cristianismo). Além disso, possui certa ligação também com o período dos Pais Polemistas (por seu viés antignóstico), sendo assim, trata-se de um escrito com uma dupla função, lidar com dificuldades externas e internas (hostilidades e heresias), abrangendo duas linhas de argumentação (apologistas e polemistas), em um período de grande desenvolvimento teológico.

Esse texto é rico doutrinaria e apologeticamente, é detentor de um conteúdo conciso, escrito em um grego refinado, seu autor demonstra erudição, e um profundo conhecimento bíblico, teológico e filosófico, é uma objeção às acusações do paganismo e do judaísmo, e simultaneamente uma defesa das doutrinas e práticas cristãs, mostrando a superioridade do cristianismo em contraste ao paganismo da época e as falsas doutrinas que surgiam dentro do cristianismo.

O autor da *Carta a Diogneto* se propõe a responder as dúvidas levantadas por Adriano. Na primeira parte (2-4), o autor combate a idolatria pagã e o ritualismo judaico, mostrando a diferença entre esses grupos e os cristãos e como o cristianismo é superior a estes. A sessão (5-6), mostra quem são os cristãos, como vivem, e qual o seu papel no mundo. De (7-8), há questões doutrinárias da fé cristã, como a encarnação, a salvação pela graça de Deus, a origem da fé cristã, em contraste com as crenças gnósticas. E por fim (11-12) lida com questões referentes ao Verbo e como se tornar um seguidor deste Verbo (Cristo), através da ciência verdadeira (a gnose). Por fim, o autor trata como o cristianismo é superior ao paganismo e ao judaísmo e os benefícios de se tornar um cristão (FRANGIOTTI, 1995).

2 - INTERTEXTUALIDADE: CARTA A DIOGNETO E O NOVO TESTAMENTO

Pelo fato do autor da *Carta a Diogneto* utilizar frequentemente as Escrituras para fundamentar seus argumentos, nada mais natural do que analisarmos como ele faz essa relação. Sendo assim, veremos a ligação existente entre a *Carta a Diogneto* e o Novo Testamento, trabalhando a dependência dessa literatura dos escritos neotestamentários, seja em forma de citação, alusão ou pastiches.

Essa correlação entre escritos é chamada de *intertextualidade*, ocorre quando um texto possui alguns traços de uma outra obra formando assim um novo escrito utilizando-se de informações de um texto anterior como fonte. A intertextualidade pode ser encontrada nas literaturas, segundo Tiphane Samoyault (2008), em forma de citações, alusões, referências, pastiches, paródias, plágio e colagens.

Foi a linguista Julia Kristeva na década de 1960 que apresentou o termo intertextualidade, a partir das análises que fez da obra de Mikhail Bakhtin. Em que os textos são um conjunto de citações, advindas de uma bagagem de outros textos anteriormente conhecidos pelo autor, os quais são reorganizados e reescritos de forma que construam um novo texto, as vezes com uma outra argumentação, mas tendo como base um texto original, o qual pode aparecer no texto como uma citação, alusão, pastiche (SAMOYAULT, 2008).

Seguiremos a divisão feita por Tiphane Samoyault (2008), analisando a intertextualidade encontrada na *Carta a Diogneto* e Novo Testamento, por meio de citações, alusões e pastiches nessa. E por isso, precisamos entender o que são esses três termos linguísticos.

Citação é a presença de um fragmento de um texto base em outro texto, sendo uma das formas da intertextualidade mais fáceis de se reconhecer, pois possui muitas semelhanças com o texto base: mesmas palavras, ordem lógica, contexto, ideia a ser transmitida. E em alguns casos o próprio autor do novo texto faz referência a um autor que ele está utilizando.

Alusão é uma referência a um texto ou um trecho de um texto anterior ao que está sendo produzido, propositadamente ou não. Acontece geralmente quando o texto que está sendo aludido foi memorizado parcialmente, o qual acaba fluindo naturalmente na nova

obra. Não sendo uma reprodução palavra por palavra de um texto base em outro, mas de algumas palavras semelhantes, ou com o mesmo contexto.

Pastiche, das três formas literárias de intertextualidade que iremos analisar, é a mais difícil de se classificar em um texto, porém, uma das mais utilizadas. A pastiche ocorre quando o autor usa diversos textos e reorganiza-os de forma a construir uma nova argumentação, não sendo uma cópia exata do texto anterior, pelo contrário, sua aparência é de uma compilação de textos.

A *Carta a Diogneto* está repleta de inter-relações com os textos bíblicos. Todavia, não examinaremos cada passagem, frase, palavra e ideia presentes nessa epístola, pois para isso seria necessário um trabalho mais extenso e detalhado, o que não é o caso desta pesquisa. Esta análise nos ajudará a entender como as ideias, ensinamentos, e até mesmo as palavras encontradas no Novo Testamento estavam arraigadas no pensamento cristão, a ponto de influenciar, até de modo imperceptível, na escrita desta carta e na vida dos cristãos primitivos.

Dois fatos importantes a se considerar: 1) A Carta a Diogneto não é uma cópia do Novo Testamento, pelo contrário, o autor provavelmente faz uso de sua memória intertextual, e em determinados trechos não cita exatamente o que está no original, nem no mesmo tempo verbal, nem com os mesmos termos; 2) É essencial entender que os autores do Novo Testamento muitas vezes escreveram suas obras considerando possíveis situações que ocorreriam com cristãos, enquanto o autor da Epístola a Diogneto está preocupado em relatar o presente, a vida dos cristãos, como os mesmos punham em prática os preceitos bíblicos em seu cotidiano.

2.1 – Citações encontradas na *Carta a Diogneto*

É necessário entender a argumentação para cada citação e frase que foi escrita. Neste trecho o autor da *Carta a Diogneto* está fazendo uma refutação ao culto judaico, afirmando que os cristãos não adoram como os judeus, ainda que ambos possuam o mesmo objeto de adoração, Deus. Os cristãos não adoram como os pagãos, pois adoram um Deus que é o criador de tudo, não possui necessidade de nada, diferente do pensamento judeu e pagão (DIOGNETO 3:5). É nesse contexto que o autor cita, provavelmente, Atos 17:24:

Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe. (DIOGNETO 3:4)²

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. (ATOS 17:24) .

Os termos “céu e terra” e “tudo o que nele existe” são notados em ambos os trechos. A diferença é que na *Carta a Diogneto*, encontramos o versículo de Atos 17:24 de forma mais sucinta, o autor apenas diz que o Deus que os cristãos adoram é quem criou o céu, a terra e o que neles existem, para fundamentar o seu argumento de que este Criador de nada precisa pois tudo fez.

Esta citação também está em uma ordem um pouco diferente da encontrada no Novo Testamento. Porém, ambas possuem o mesmo significado. Deus é o criador de tudo, céu, terra e tudo o que existe. Como visto em Atos mais especificamente no verso 25, onde Paulo diz que o Deus que os atenienses têm adorado não habita em santuários feitos por mãos humanas nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de algo feito pelo homem.

2.2 – Alusões encontradas na *Carta a Diogneto*

Alusões são menções de outros textos em um segundo texto, não sendo palavra por palavra (como uma citação), mas trazendo palavras do outro texto ou a ideia do mesmo. Esse artifício literário também é encontrado na *Carta a Diogneto*.

Uma das alusões encontradas nesta obra trata sobre o conflito existente entre a carne e a alma. As quais são diferentes, porém, habitam juntas, estão em embate, mas a alma ama a carne e a carne odeia a alma, todavia, essa luta é necessária para que a alma se torne melhor e futuramente obtenha um corpo incorruptível. Além disso, o autor compara a relação entre a carne e alma com os cristãos e o mundo, os quais estão no mundo, mas não são do mundo, vivem no mundo, mas não seguem os desejos do mundo.

² GEISLER, Norman, indica em seu livro de Teologia Sistemática volume I, que a *Carta a Diogneto* fez parte do cânon do Novo Testamento durante os quatro primeiros séculos, e ele cita que esta obra faz uma possível alusão ou citação de algumas epístolas neotestamentárias, o qual alista quatro, em referência a isso, II Coríntios, Gálatas, Colossenses e Tito. Provavelmente esta citação que está sendo trabalhada aqui faz referência a uma alusão de Colossenses 1:16, pois ambas possuem palavras semelhantes, o que caracterizaria uma alusão, e possui o mesmo sentido em que é utilizada na *Carta a Diogneto*.

[...] os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. [...] os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. (DIOGNETO 6:3-5)

Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. (JOÃO 17:11,14,16).

A relação entre o cristão e o mundo é o ponto de contato entre os dois textos, tanto o de Diogneto 6:3-5 como o de João 17:11,14,16. Na primeira passagem, o autor mostra que os cristãos não são do mundo, pois não vivem da mesma maneira (conduta moral) em que o mundo³ (pessoas) vive. Da mesma forma, Jesus, ao orar ao Pai, roga pelos seus discípulos, para que Deus os conserve. Pois, eles vivem no mundo, mas não pertencem a ele, já que o Senhor lhes deu a Cristo. Este é o ponto de tensão entre o cristão e o mundo, em ambos os textos.

2.3 – Pastiches encontradas na *Carta a Diogneto*

Pastiche ou recriação é um texto que toma emprestado de outros textos o estilo literário, algumas palavras ou até mesmo algumas ideias presente nas obras que estão lhe servindo de fonte para recriar um novo texto, mas sem necessariamente reproduzir uma cópia exata das obras utilizadas. É o mais difícil de ser identificado como a própria palavra sugere, é uma recriação, a partir de alguns outros textos, como visto no caso a seguir.

Analisaremos uma recriação encontrada na *Carta a Diogneto*, a qual trata do Verbo e dos seus seguidores. Para o autor, o Verbo (Jesus) havia se manifestado entre os homens e ensinado livremente, porém, haviam dois grupos de ouvintes de seus ensinamentos, aqueles que conheceram os mistérios do Pai, e os que desprezaram.

³ O uso da palavra mundo nos escritos Joaninos tem o sentido de mundo em relação ao planeta (Jo.1:10); mundo em relação a humanidade (Jo.3:16) e mundo relacionado a pessoas que não creem em Cristo (Jo.14:17), o que define o seu sentido é o contexto em que essa palavra se encontra no versículo ou na passagem como um todo.

[...] Os incrédulos não o compreenderam, mas ele guiou os discípulos que julgou fiéis, e estes conheceram os mistérios do Pai. Deus enviou o Verbo ao mundo. Desprezado pelo povo, foi anunciado pelos apóstolos e acreditado pelos pagãos. Desde o princípio, ele apareceu como novo e era antigo, e agora sempre se torna novo nos corações dos fiéis. (DIOGNETO 11:2-4).

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. (JOÃO 1:1,2,10-13).

Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória. (I TIMÓTEO 3:16).

É importante salientar que o termo Verbo (Cristo) é uma característica da literatura joanina: apenas o apóstolo João usa-o como visto em João 1; I João 1:1; Apocalipse 19:13. Levando isso em conta, analisaremos a passagem onde este termo mais se repete nas cartas de João e o que mais se assemelha com o trecho da *Carta a Diogneto* 11:2-4;

Em João 1:1,2,10-13, o discípulo amado fala sobre a divindade e a humanidade de Jesus. Jesus é Deus e estava com Deus no princípio (v.1,2,14), se fez carne e habitou entre os homens, veio porque era a luz (v.8) que o mundo precisava. Porém, nem todos os que estavam no mundo o reconheceram (como o Messias), pois os seus não o receberam (v.11). Os que o receberam Deus os fez seus filhos, aqueles que creram em Cristo (v.12). A mesma ideia está presente na *Epístola a Diogneto* 11:2-4.

Em I Timóteo 3:16, Paulo trabalha o mesmo argumento, exposto também em João. Porém, de maneira mais esboçada, que Jesus foi manifestado em carne, justificado em espírito, visto por anjos, anunciado para os gentios, crido no mundo e recebido na glória. O mesmo plano de salvação exposto nos textos analisados anteriormente.

Com tudo isso podemos entender algo da relação existente entre a *Carta a Diogneto* e os escritos do Novo Testamento. O autor dessa epístola se baseou nas Cartas de Paulo e no Evangelho segundo João para fundamentar os seus argumentos a favor do cristianismo. Tanto as citações, as alusões como as recriações, demonstram que, de fato, os Escritos bíblicos estavam se tornando inerentes ao pensamento cristão. Essa era a influência exercida pelas Escrituras na vida dos cristãos, de modo que tanto suas

atividades cotidianas e seus pensamentos eram dirigidos pelos princípios bíblicos, tal era a extensão da Palavra de Deus, seus conceitos e ensinamentos.

3 - A TEOLOGIA DA CARTA A DIOGNETO

A *Carta a Diogneto* pode nos impressionar pelo nível de argumentação do autor, que de modo hábil e capaz defende o cristianismo e suas doutrinas no século segundo quando a teologia cristã não estava ainda sistematizada. O surgimento de muitas heresias e falsos ensinamentos tornou necessário que as doutrinas cristãs fossem organizadas de maneira lógica, para que os primeiros cristãos pudessem responder de maneira clara a todos que lhes acusassem falsamente.

No Novo Testamento, como na igreja primitiva, sempre houve a distinção entre o que era o ensino verdadeiro do falso. Em alguns períodos e situações isso se destacava com mais clareza, do que em outros, como no “período patrístico [...] foi de enorme importância na elaboração dos contornos da teologia cristã” (MCGRATH, 2005, p. 47). E de fato, aqui estava o desenvolvimento da teologia encontrada nas Escrituras, através de homens como Irineu, Justino Mártir, Tertuliano.

Dois documentos de suma importância, que também foram as bases para a formação da teologia foram o Credo Apostólico e o Credo Niceno. O Credo Apostólico “se divide em três partes principais, que tratam, respectivamente, de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Há também conteúdos relacionados à igreja, ao juízo e à redenção” (MCGRATH, 2005, p. 54-55). Já o Credo Niceno trata sobre a pessoa de Cristo e a obra do Espírito Santo.

Ao longo da história da Igreja podemos perceber que a medida que controvérsias ou heresias iam adentrando no ensino ou pensamento cristão, um grupo de pensadores cristãos, a Igreja e os concílios se levantavam para combatê-los. Isso forçava a Igreja a definir melhor suas crenças e a desenvolver melhores argumentos para todos aqueles que lhes questionassem. Tal progresso iniciou-se ainda no Novo Testamento, desenvolvendo-se em vários períodos como o Patrístico, a Idade Média (Escolasticismo) os quais iniciaram a sistematização desenvolvida da teologia.

Alguns desses temas que foram posteriormente ampliados são ensinados na *Carta a Diogneto*, dentre eles a Soteriologia (doutrina da salvação), Teologia Propriamente Dita

(estudo da pessoa e obra de Deus), Antropologia (estudo do homem), Cristologia (estudo da pessoa e obra de Cristo). Estes serão analisados a seguir, procurando identificar o modo como foram tratados e como se encaixam no argumento do autor.

Se Deus não tivesse se revelado ao homem, este não teria possibilidade alguma de conhecê-lo, sendo necessário que o próprio Deus assim o fizesse (DIOGNETO 8). Entendendo isso, o autor da *Carta a Diogneto* diz que uma das formas que Deus se revelou ao homem foi através de sua criação, que manifesta a obra de Deus e aponta para a existência de um Ser criador de todas as coisas (DIOGNETO 8:3) tornando possível um conhecimento da existência de Deus, e ao mesmo tempo anunciando o propósito do Senhor lhes haver preparado desde o princípio, para que os mesmos conhecessem algo do reino do céu (DIOGNETO 8:11). Para o autor poder explicar quem é Deus ele faz uma citação de Atos 17:24, “Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe” (DIOGNETO. 3:4) demonstrando que a ordem e finalidade do universo pressupõe a existência de um criador inteligente, sendo este o próprio Deus.

Quanto as características de Deus, o autor afirma que: é invisível, por não possuir uma natureza física (DIOGNETO 7:2) é um ser pessoal, individual, com autoconsciência e vontade, capaz de escolher e ter um relacionamento com outros seres pessoais (DIOGNETO 9:1-2) é o possuidor da vida, Ele existe por si mesmo, e é a fonte da vida tanto em sua origem quanto na sua manutenção, de forma que é Ele quem a dá e tira (DIOGNETO 9:6) infinito, ou ilimitado em seus atributos, onisciente (DIOGNETO 1:1) onipresente (DIOGNETO 7:9) e onipotente (DIOGNETO 9:1,2,6) Ele é eterno (DIOGNETO 9:1; 11:3-5, 12:8) e soberano, possuindo o controle sobre todas as coisas (DIOGNETO 1:1; 7:2; 9:1).

O autor trata da constituição do homem quando diz que ele vê com os olhos físicos mas também com a inteligência, fazendo referência tanto ao intelecto, quanto ao físico (DIOGNETO 2:1) o que parece semelhante ao ensino de Jesus e de Paulo (Mt 10.28; I Co.5:3,5). Ele menciona as emoções, o qual possui sensibilidade, e o compara a uma pedra, que é insensível (DIOGNETO 2:9).

Trata da alma e do corpo como partes constituintes do mesmo, ao afirmar que a alma é intrínseca ao corpo, porém, não decorre dele, mas habita no mesmo; ela cuida do corpo, e sem ela não há vida e o corpo morre; alma através da santificação se torna cada

vez melhor, sendo assim, aperfeiçoada; é invisível, porém está contida em um corpo visível. Não odeia a carne, pelo contrário, ama-a e busca o seu bem. A alma é imortal, e por enquanto está em um corpo mortal, corrompível, até o momento em que a alma terá um corpo incorruptível no céu. (DIONGETO 6).

Para o autor da *Carta a Diogneto*, o homem possui uma dimensão eterna, e seu valor foi conferido por Deus. Ele também crê que o homem é formado por duas partes: material (o corpo) e a outra imaterial (a alma ou espírito) (DIOGNETO 6:3,4); Que o corpo possui o lado sentimental, sensível, emocional; o corpo não sobrevive sem a alma; o corpo é visível; e que está sujeito a mortalidade e a corrupção (DIOGNETO 6).

O autor parece fazer uma alusão ao texto de Romanos 1, quando diz que Deus nos permitiu, conforme a nossa vontade vivermos segundo os nossos desejos, impulsos, desordenados, levados por prazeres e concupiscências. Mesmo Deus sendo contrário as nossas atitudes pecaminosas, Ele nos suportou (DIOGNETO 9:1).

Sobre a pessoa de Cristo o autor afirma que Deus o enviou para o meio dos homens, e isso foi a encarnação (DIOGNETO 7:2,4,5) tal qual afirma o NT (Jo. 1.14). Jesus descende do céu, é Filho de Deus (DIOGNETO 7:2,4,5; 8:11; 9:2-4; 11:3-5), proclamado em Mt. 16.16 e Lc 1.32. Possui os mesmos atributos que Deus: santidade, inocência, justiça, incorruptibilidade, imortalidade e eternidade (DIOGNETO 9:2-6, 11:3-5; 12:8). Consequentemente Ele é o próprio Deus, a verdade, a palavra santa e incompreensível (DIOGNETO 7:2). Por meio Dele conhecemos e compreendemos coisas inimagináveis sobre Deus, pois Ele é a revelação plena de Deus aos homens (DIOGNETO 8:11; Fl. 2.5-11; Jo. 10.30; Hb 1.1-3).

Quanto a salvação do homem, o autor trata sobre a eleição⁴ dos amados por Deus (DIOGNETO 4:4), que é ensinada no NT (Rm 8.29-30, 33; Jo 15.16). E é por serem salvos que os cristãos vivem de forma diferente neste mundo, conforme ordenado no Novo Testamento (Tt. 2.11-14; Ef.5:1), Uma das maneiras que o cristão encontra para ser santo é imitando a Deus (DIOGNETO 10:5-6). E por ser unido com Cristo por meio da

⁴ “Será usado com referência à escolha positiva que Deus faz de indivíduos, nações, ou grupos para a vida eterna e comunhão com ele.” (ERICKSON, 2015. p. 343).

salvação efetuada e com outros cristãos ele pode amar os seus inimigos e perseguidores, bendizendo-os ao serem injuriados (DIOGNETO 12:8; Rm. 8:29; Mt.5:44).

Quanto a igreja, o autor fala que os cristãos confiam em Deus e o adoram, ao ponto de desprezarem o mundo e o que há no mundo, rejeitando prestar adoração a outros deuses (DIOGNETO 1:1; 2:5,6) o que vemos em Atos 2.47. Também do amor mútuo dos cristãos (DIOGNETO 1:1); ensino encontrado em Romanos 12:10. Que não seguem as tradições judaicas ao fazerem boas obras no sábado, embora tenha suas bases no judaísmo, nem as pagãs com a adoração a outros deuses (DIOGNETO 3:2; 4:3). São iguais a qualquer outra pessoa quanto a possuírem a mesma língua, morarem nas mesmas cidades que os judeus e os pagãos, viverem de modo comum, se utilizarem de roupas e alimentos, porém, possuem uma vida paradoxal pois vivem no mundo, mas como forasteiros, pois anelam uma pátria celestial. Casam e geram filhos, mas não os abandonam como era o costume de muitos nesse período; são injuriados e bendizem (DIOGNETO 5; 6:8). Amam os seus próximos como a si mesmos (DIOGNETO 10:5,6) e são a Igreja de Cristo (DIOGNETO 11:3-5), com o que concordam os textos do NT (Rm. 12:1; Gl.5:12; I Co. 12:27).

Quanto a doutrina das últimas coisas, o autor da *Carta a Diogneto* é bem sucinto, diz que Deus dará o reino aos que tiverem amado a Jesus (DIOGNETO 10:2) e no futuro irá condenar o erro e o engano no mundo (DIOGNETO 10:7,8), promessas que se encontram no Novo Testamento (Jo. 14:2,315-17, 21,23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber através deste trabalho, a *Carta a Diogneto* é rica em seu conteúdo nos diversos aspectos: teológico, apologético e histórico, sendo assim, merece ser melhor estudada. Além disso há muito a ser pesquisado sobre esta obra, sobre sua relação com os apologistas cristãos, com os pais polemistas, a intertextualidade entre a *Carta a Diogneto* e o Antigo Testamento, bem como o trato do autor dessa literatura quanto ao gnosticismo, entre outros assuntos.

Foi realizada uma análise histórica e teológica da *Carta a Diogneto*, levando em conta o seu teor apologético (em prol das verdades cristãs). Examinamos algumas citações, alusões e pastiches encontradas ao longo deste documento, comparando-as com o Novo Testamento e fazendo a ligação entre o contexto em que ambas foram escritas,

percebendo que mesmo em épocas distintas, os contextos eram os mesmos. E por fim, pudemos identificar várias doutrinas cristãs, algumas abordadas com maior extensão outras apenas mencionadas.

Embora trabalhamos principalmente a *Carta a Diogneto* e o Novo Testamento, foi de grande importância nos utilizarmos de livros referentes à patrística, a apologética cristã antiga, a intertextualidade e obras referentes a teologia sistemática atual.

Depois de estudar esta carta comparando-a ao Novo Testamento, é inegável a relação entre ambas as literaturas, sendo assim, pelo fato do Novo Testamento haver sido escrito antes da *Carta a Diogneto*, nada mais lógico do que afirmar que Quadrato foi um cristão fortemente influenciado pelos escritos e teologia neotestamentária, e a sua literatura foi fundamental para o amadurecimento e fortalecimento da doutrina cristã no segundo século.

Além disso, um ponto de destaque foi o fato do autor fazer um contraponto com as principais religiões da época, judaísmo e paganismo, assumindo um caráter apologético, isso demonstra que ele acreditava numa ortodoxia a qual poder-se-ia apelar, e usa-la em defesa do cristianismo.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA Português. **Tradução de João Ferreira de Almeida**. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FRANGIOTTI, Roque. **Padres apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995.

GONZALES, Justo L. **A era dos mártires: uma história do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HAYKIN, Michael A.G. **Redescobrimo os pais da igreja: quem eles eram e como moldaram a Igreja**. São José dos Campos. SP. Editora Fiel, 2012.

NORMAN, Geisler. **Teologia sistemática:** introdução à teologia, a Bíblia, Deus, a criação. 1º Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_____. **Teologia sistemática:** pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas. 1º Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica:** uma introdução à teologia Cristã. São Paulo: Shedd Publicações. 2005.

OLIVEIRA, Raimundo F. **História da igreja:** dos primórdios à atualidade. 2º Ed. Campinas: Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD), 1992.

ROBERTS, Alexander D.D; DONALDSONY, James. **Anti nicenic fathers.** Estados Unidos da América: American Reprint of the Edinburgh Edition, 1981.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão.** São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), 1988.

WAND, J.W.C. **História da igreja primitiva:** até o ano 500. São Paulo: Editora Custom, 2004.



AMOR E FIDELIDADE NO ESQUECIDO CÂNTICO DA VINHA: PROPOSTA PARA UMA INTERPPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA DE *CANTARES*

Love and fidelity in the forgotten song of the vineyard: proposal for a poetic-imaginative interpretation of the Song of Salomon

José da Cruz Lopes Marques*



* Bacharel e mestre em Teologia; graduado, mestre e doutor em Filosofia. Professor colaborador do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade Batista do Cariri na graduação nas áreas de Filosofia e Teologia Contemporânea e nas especializações de Teologia Bíblica e Apologética Cristã. É professor efetivo de Filosofia do Instituto Federal do Ceará. Autor dos livros: *Diário de sonhos do Doutor Satírico*, *Cultivando a reciprocidade* e *Vestígios de Deus*.

Contato:
markvani18@yahoo.com.br.

RESUMO:

O presente ensaio pretende apresentar uma leitura poético-imaginativa do *Cântico dos cânticos* de Salomão. Nesta releitura, abandonaremos as interpretações que veem o amor conjugal de forma alegórica, bem como a tendência de ver nas entrelinhas do poema um diálogo entre o rei de Israel e sua Amada Sulamita. Assumiremos a existência de três personagens, a saber, Salomão: o anti-herói, a Sulamita: a heroína e o pastor: o herói. Este último o verdadeiro amado da Sulamita. Ao introduzirmos este terceiro personagem perceberemos melhor a natureza fiel do amor expressa neste poema.

Palavras-chave: Amor, Fidelidade; Literatura Bíblica; Cantares.

ABSTRACT:

This essay aims to present a poetic-imaginative reading of the Song of Solomon's songs. In this reinterpretation, we will abandon interpretations that see conjugal love allegorically, as well as the tendency to see between the lines of the poem a dialogue between the King of Israel and his Beloved Sulamite. We will assume the existence of three characters, namely, Solomon: the anti-hero, Sulamita: the heroine and the shepherd: the hero. The latter is the true beloved of Sulamite. By introducing this third character, we will better understand the faithful nature of love expressed in this poem.

Keywords: Love, Fidelity; Biblical Literature; Song of Salomon

ADVERTÊNCIAS PRELIMINARES

Eros jamais hesita em dizer: — Antes isto do que a separação. Melhor ser miserável com ela do que feliz sem ela. Deixe que nossos corações se partam, desde que se partam juntos! Se a voz em nosso íntimo não disser isto, não é a voz de Eros (LEWIS, C. S. Os quatro amores).

Gostaria de começar este breve ensaio com algumas advertências que julgo importantes. Antes de tudo, quero reforçar que este texto é uma proposta. Por proposta designamos uma instigação a uma reflexão nova acerca de um objeto, um convite a olhar a realidade para além das opiniões cristalizadas e, às vezes, acatadas de modo irrefletido. Ao mesmo tempo, a proposta leva em consideração o caráter dinâmico da reflexão. Portanto, ela nunca apresenta o conhecimento adquirido como um produto final, como uma fórmula insuperável e irretocável, mas como uma abertura para novas possibilidades de reflexão. A proposta, por assim dizer, coloca apenas uma exigência: que o objeto do conhecimento enseje sempre novas reflexões. Insisto que esta minha proposta não deve ser confundida com uma teoria literária a ser aplicada em outros livros da Bíblia.

Ademais, devo esclarecer o pretendo dizer neste texto com interpretação poético-imaginativa. Com isso, quero dizer que, embora este ensaio deseje propor uma interpretação do *Cântico dos cânticos*, não me deterei no aspecto exegético de passagens ou termos. Privilegiaremos o exercício da reflexão criativa, a intuição sensível, a imaginação poética, portanto. Obviamente, não estamos falando de qualquer imaginação arbitrária ou devaneante, já que o exercício imaginativo partirá sempre dos dados fornecidos pelo próprio texto. Ou seja, a imaginação não descartará os dados existentes, apenas proporá um novo arranjo para eles, considerando, sobretudo, a sua dimensão poética e criativa.

Muitas interpretações sobre *Cantares* já foram realizadas ao longo da história. Os partidários do método alegórico veem na suposta história de amor entre Salomão e a Sulamita um simbolismo sobre o amor entre Cristo e sua Igreja. O pressuposto que guia essa interpretação é simples: em virtude do seu caráter espiritual, a Bíblia não poderia exaltar a dimensão sensual do amor. Sendo assim, o aparente conteúdo marcado pelo erotismo só poderia ser visto como uma espécie de analogia de uma forma mais elevada de amor. Na verdade, foi esse pressuposto que fez com que o livro de *Cantares* fosse um

dos últimos a ser inserido no cânon do Antigo Testamento. Esse tipo de interpretação foi predominante no cristianismo medieval, principalmente, por conta da influência dos ideais monásticos. Uma interpretação mais literal afirma que o livro narra de forma poética o relacionamento amoroso entre o rei Salomão e uma jovem identificada como Sulamita. Nesses termos, o cântico seria uma forma de diálogo entre o rei de Israel e sua amada com momentos em que um coro fala, nos moldes das tragédias gregas.

Nossa proposta, a rigor, abandonará as duas linhas de interpretação mencionadas acima. Partiremos do princípio que o canto faz alusão a um tenso relacionamento amoroso envolvendo três pessoas, a saber, o rei Salomão que tenta inutilmente o amor de uma bela jovem chamada Sulamita, e um simples pastor a quem o coração desta última pertence. Neste caso, embora o rei de Israel seja uma figura predominante no poema, ele atua como uma espécie de anti-herói, sendo que o status de herói é conferido ao pastor, que enfrenta todos os perigos e obstáculos para manter o seu amor. Semelhantemente, a Sulamita, faria o papel da heroína. Para ser franco, por fazer parte do gênero poético, é possível que *Cantares* não seja baseado em nenhuma história verídica, mas seja apenas fruto da imaginação do poeta que o escreveu. Não obstante, se há uma história por trás do *Cântico dos cânticos*, ela precisa ser completamente distinta das sugestões apontadas acima.

Este ensaio compreenderá três partes principais. Inicialmente, traçaremos um breve perfil das três personagens centrais que aparecem no cântico. Assim, não seguiremos a ideia usual de reduzir o poema a um suposto diálogo entre Salomão e sua amada Sulamita. Mas partiremos da hipótese interpretativa que a Sulamita tenta manter-se fiel ao seu amado diante do assédio insistente do rei Salomão. Na sequência, a partir de um arranjo de passagens do próprio texto, tentaremos reconstruir a história por trás de *Cantares*. Por fim, analisaremos as implicações daquele que parece ser o tema central do poema: a natureza do amor conjugal.

1 – BREVE APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

1.1 – A Sulamita: a heroína

Uma das questões mais intrigantes no livro diz respeito à identidade de sua protagonista. Ela é designada apenas como Sulamita. Provavelmente, o termo é um adjetivo pátrio, usado para identificar o povo dessa jovem. Assim, ela era chamada Sulamita por ser originária de Sulém. O problema é que em todo o Antigo Testamento não há uma única referência a esse povo. Tal fato tem levado alguns estudiosos a sugerir que Sulém seria uma variação de Suném. Mas, a rigor, não base histórica suficiente para confirmar essa tese. Contudo, este levantamento histórico mais acurado não é nosso objetivo em nossa proposta interpretativa.

Mesmo sendo de origem incerta, o livro apresenta várias informações sobre essa jovem. Que a Sulamita pertencia à nobreza, fica claro pela expressão “filha de príncipe”, a ela dirigida (7:1). Seu colar de pérolas, as substâncias aromáticas com as quais se perfuma e seus trajes requintados também atestam a sua realeza (4:9, 10; 5:3). Além disso, a desejada de Salomão se imagina desfilando em uma carruagem diante do seu povo, em uma espécie de cortejo real (6:12), algo inconcebível, não fosse a sua origem nobre. O texto também deixa claro que a Sulamita foi vítima de intrigas palacianas criadas por seus irmãos, sendo obrigada por eles a cuidar de vinhas ((1:6).

Embora o texto não apresente claramente o que motivou essas intrigas, duas possibilidades podem ser admitidas. Em primeiro lugar, elas podem estar ligadas à sucessão real. O fato da referência ao pai ser omitida parece ser é uma indicação de que já havia morrido. Se a Sulamita fosse a primogênita, ela poderia casar-se e o trono passaria a seu esposo, o que não seria interessante para os irmãos. Em segundo lugar, pode ser que os irmãos tenham isolado a Sulamita do convívio real como uma espécie de punição por algum ato praticado por ela. Talvez em função de um relacionamento com uma pessoa de posição social inferior. Seja como for, o fato é que os irmãos veem a presença da Sulamita como uma ameaça e querem mantê-la isolada. Só assim poderíamos conceber a ideia de uma princesa trabalhando de sol a sol no árduo trabalho dos vinhedos. Contudo, o texto nos mostra que a Sulamita é retirada desse desgastante trabalho e levada a corte de Salomão (1:4). Provavelmente, para compor o farto harém do monarca israelita. De fato,

ela permanecerá nesse lugar durante a maior parte da narrativa. Entretanto, no final do relato nossa protagonista se ausenta do palácio por motivo não esclarecido (6:13), não havendo nenhum indício do seu retorno.

1.2 – Salomão: o anti-herói

Claramente, Salomão é um dos protagonistas do poema. A maioria das interpretações considera o rei de Israel como sendo o amado da Sulamita. Não obstante, várias evidências podem ser apresentadas para refutar essa posição. Em primeiro lugar, a narrativa parece indicar que a Sulamita se dirige a duas pessoas bem distintas. Ao rei (1:4, 12) e ao seu amado (1:7, 16; 2:8; 3:1; 5:6, 8). No primeiro caso, o tratamento é apenas respeitoso em virtude da posição de autoridade do monarca, no segundo caso, o termo é sempre acompanhado pela intimidade e paixão que movem a relação entre os amantes.

Ademais, a Sulamita deixa claro que o seu amado está lhe seguindo às escondidas. Ele contempla a sua amada por trás das paredes de seu aposento e lhe espreita pelas grades (2:9). Claramente, o amado teme ser surpreendido por alguém. Esse temor é tão evidente que em um dos encontros, o amado foge de forma inesperada (5:5, 6). Provavelmente, por medo da guarda que exercia uma vigilância rigorosa sobre o harém real. Se essa pessoa fosse Salomão, não haveria justificativa para tal temor. Na qualidade de rei e esposo da Sulamita, ele poderia se dirigir aos seus aposentos com toda a confiança, sem a necessidade desses encontros furtivos.

Além disso, a Sulamita afirma que tem saudade do seu amado (7:8). Isso nos leva a concluir que os amantes estão separados, ou, pelo menos, não podem se encontrar sempre que desejam. Novamente, esse fato não pode ser aplicado a Salomão. Em geral, os haréns reais ficavam bem próximos ao palácio. Sendo assim, o rei de Israel poderia ver a sua amada diariamente e não havia razão para nutrir por ela saudade, esse sentimento que brota unicamente a partir da ausência e do desencontro.

Outra evidência pode ser vista no receio da Sulamita em tornar público o seu relacionamento. Ela sabe que poderá ser alvo do repúdio público em virtude da condição inferior de seu amado (8:1). A jovem deseja que seu amado seja semelhante aos seus irmãos, uma outra forma de dizer que gostaria que ele pertencesse à mesma classe social

à qual pertencia. Portanto, o relato parece indicar que o amado é de uma posição social inferior, o que não poderia ser aplicado a Salomão.

Por fim, em uma de suas fugas noturnas para se encontrar com o seu amado, a Sulamita é surpreendida e espancada pelos guardas do muro (5:5-7). Parece absurdo que os guardas ousem espancar uma das esposas do rei, principalmente, se considerarmos que ela está em busca dele. A não ser que o próprio Salomão, sabendo dos encontros entre a Sulamita e seu amado, tivesse ordenado esse tratamento agressivo.

Aqueles que não concordam com essa linha de interpretação, em geral, fazem o seguinte questionamento: como Salomão poderia ter escrito uma história onde ele mesmo é o vilão? Em primeiro lugar, se considerarmos a inspiração divina do livro, somos levados a crer que o escritor humano foi verdadeiro e imparcial ao registrar cada fato, ainda que esses fatos sejam contra a sua pessoa. A Bíblia não é um tipo de biografia encomenda que exalta somente as virtudes dos seus protagonistas. Em segundo lugar, a hipótese do livro ter sido escrito por uma outra pessoa é completamente aceitável. Isso porque o título “*Cântico dos cânticos de Salomão*” pode indicar que o rei de Israel foi o autor da obra, mas pode também significar que ele foi apenas o personagem central de uma obra escrita por outro autor.

1.3 – O Pastor: o herói

Mais enigmático do que a identidade da Sulamita é a identidade do seu amado. A não ser que o interpretemos como sendo Salomão. Essa posição, contudo, já foi descartada no tópico anterior. O relato apresenta poucas informações sobre esse personagem, nem mesmo o seu nome ou origem são mencionados. Entretanto, os poucos dados que podem ser encontrados no poema são bastante esclarecedores. O amado da Sulamita é um pastor de ovelhas, alguém de uma condição social bastante humilde (1:7; 2:16; 6:2, 3). Esse fato justificaria a não aprovação desse relacionamento amoroso vivenciado por eles. Provavelmente, o amado não morava tão distante do palácio, fato que pode ser deduzido de suas visitas contínuas à sua amada (2:9; 3:4; 5:2). Em trechos da narrativa a coragem do pastor fica evidente. Ele é capaz de enfrentar os maiores perigos para encontrar-se com a Sulamita e sufocar a sua saudade. O pastor consegue ultrapassar até mesmo a forte segurança do palácio. Em um desses encontros a sua ousadia beira o

extremo. Ignorando o perigo, ele vai ao quarto de sua princesa no harém real (5:4, 5). No final, a sua coragem será recompensada pela fidelidade de sua amada (8:10). Vejamos agora uma história que poderia ter se desenrolado por trás do poema.

2 – PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA

“Teve Salomão setecentas mulheres princesas e trezentas concubinas” (I Re. 11:3).

A Sulamita foi uma das muitas princesas de Salomão. Na verdade, ela foi praticamente obrigada a aceitar essa condição. Com toda a sua grandeza e fama, o filho de Davi conquistou muitas mulheres. Não obstante, aquela à qual ele mais amou, não foi capaz de conquistá-la. Mas por que razão Salomão não pôde conquistar o coração dessa princesa? Simplesmente porque ela já o havia entregado a outro. O felizardo era um jovem pastor a quem ela amava com todas as suas forças e com quem tinha feito juras de amor eterno. Esse amor que, conforme Platão nos lembra no *Banquete*, possui o anseio pela eternidade. O primeiro encontro entre o filho de Davi e a Sulamita foi em uma vinha onde a jovem trabalhava. O rei de Israel ficou encantado com a beleza quase angelical daquela jovem e amou-a desde o primeiro encontro. Com seu olhar envolvente a Sulamita arrebatou o coração do grande rei de Israel. Mas o que fazia uma princesa, de hábitos tão finos e requintados, trabalhando arduamente em um vinhedo?

“Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda de vinhas, a vinha, porém, que me pertence não a guardei” (Ct. 1:6).

A nossa heroína havia sido forçada por seus irmãos a realizar essa tarefa desgastante depois que o seu romance com um pobre pastor de ovelhas havia sido descoberto. O trabalho era ao mesmo tempo uma punição e uma forma dos irmãos exercerem uma vigilância sobre a jovem, considerando que os vinhedos reais eram guardados de forma bastante rigorosa. Quem tentasse penetrá-los, poderia ser surpreendido pela guarda. Com essa medida, os irmãos pretendiam separar a Sulamita do seu amado, em virtude do abismo social que separava os amantes. Obviamente, o romance não se adequava às convenções sociais da época. A medida não surtiu efeito, pois os jovens, movidos por sua paixão, continuaram a se encontrar e a embalar o seu amor à

sombra das videiras. À cada pôr-do-sol, os amantes se encontravam e, sentados sobre as folhagens do vinhedo (1:16), prometiam fidelidade ao outro. Entretanto, tramas sem fim espreitavam o caminho do casal, a fim de colocar à prova a resistência do seu amor.

“O rei me introduziu nas suas recâmaras” (Ct. 1:4).

Sabendo que a Sulamita ainda continuava a se encontrar às escondidas com seu pastor e percebendo que Salomão ficara encantado com a sua beleza, os irmãos resolveram entregá-la ao rei de Israel em uma espécie de acerto diplomático. Com isso, além de colocarem fim ao romance proibido entre ela e o tal pastor, garantiam uma aliança com o poderoso monarca de Israel. Assim, a contragosto, a nossa heroína foi levada à corte, ficando confinada ao harém real. Agora os amantes estavam separados. A lembrança dos encontros amorosos entre as árvores do vinhedo acalentava a dolorosa saudade que os consumia em silêncio (7:10). Contudo, mesmo a despeito da distância física, as suas almas continuavam unidas, e os jovens começaram a maquiñar estratégias a fim de que seu amor não fosse derrotado. Movidos pela paixão e pela fidelidade mútua, os dois estavam dispostos a enfrentar os maiores perigos para continuarem juntos.

“As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens de sua casa pelo amor, seria de todo desprezado” (Ct. 8:7).

Salomão teve inúmeras mulheres, mas por nenhuma ele nutriu um sentimento tão profundo como a paixão arrebatadora que sentiu pela Sulamita. Mas logo o rei de Israel começou a perceber que aquele sentimento não era recíproco. Maior que a indiferença com a qual a jovem lhe tratava era apenas a tristeza expressa em seus lábios. A dolorosa separação havia furtado o sorriso radiante da Sulamita e a todos era evidente a sua infelicidade. O rei de Israel tentou de todas as formas conquistar o amor da bela moça. Ofertou-lhe os presentes mais preciosos, tudo aquilo que o dinheiro podia comprar ele ofereceu à sua amada. Mas tudo foi em vão. O amor dessa bela jovem não tinha preço. Ela já tinha oferecido gratuitamente ao seu pastor. O rei promoveu uma grande festa para todos os nobres da corte e exigiu que a Sulamita se assentasse ao seu lado (1:12). Certamente, todas as mulheres de Salomão gostariam de ter recebido essa honraria. Mas

nem mesmo esse reconhecimento público foi capaz de mudar o coração da princesa. O seu amor era tão forte que ela seria capaz de rejeitar até mesmo toda a fortuna do rei de Israel e toda a glória que isso poderia acarretar. Ela não negociaria a fidelidade a seu amado, ainda que o grande rei de Israel lhe entregasse toda a sua fortuna.

“Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma; agarrei-me a ele e não o deixei ir embora, até que o fiz entrar em casa de minha mãe e na recâmara daquela que me concebeu” (Ct. 3:4).

O pastor não havia esquecido a Sulamita. Todas as noites ele circulava pelos arredores do palácio em busca da sua amada e, cada vez que a jovem percebia a presença dele, o seu coração se enchia de alegria e esperança. Ela era tomada de um desejo quase incontrolável de correr para os seus braços, ainda que para isso tivesse que pular as altas muralhas do palácio. Em uma noite, sabendo que seu amado estava à sua espera, a Sulamita resolveu correr o risco para desfrutar de um encontro com ele fora das muralhas do castelo. Para conseguir passar pela guarda que vigiava a entrada do palácio, a jovem precisava de uma boa desculpa. Afirmou que estava à procura do seu amado. Certamente, os guardas pensaram que ela estava se referindo a Salomão, por isso, permitiram a sua passagem tranquilamente. Mas ao chegar fora dos muros, a Sulamita percebeu com tristeza que o seu pastor não estava mais ali. Provavelmente, fugira temendo ser descoberto pelos guardas. A jovem saiu à procura do seu amado, encontrando-o em seguida. Naquela noite, embalados pelo amor, os jovens sufocaram a saudade e reataram o laço de fidelidade que os unia.

“Encontraram-me os guardas que rondavam pela cidade, espancaram-me e feriram-me; tiraram-me o manto os guardas do muro” (Ct. 5:7).

Depois do primeiro encontro, a Sulamita sempre encontrava uma forma de sair dos seus aposentos no harém real para encontrar-se com o seu pastor. Os encontros entre os jovens começaram a se tornar mais frequentes, até que Salomão os descobriu. Tentando surpreender os amantes, o rei reforçou a segurança no harém e nos arredores do palácio e ordenou que a jovem fosse punida com violência e o pastor fosse morto, caso fossem flagrados em seus encontros furtivos. Um dia a Sulamita não compareceu ao local habitual de encontro no horário determinado, fato que preocupou o seu pastor. À medida

que o tempo passava e ela não chegava, aumentava a ansiedade do jovem. Então, em uma atitude ousada, dessas que só podem ser justificadas por uma ardente paixão, ele resolveu ultrapassar as muralhas do castelo e ir até os aposentos da sua amada no harém. A batida do pastor na porta logo foi percebida por ela, mas o barulho também chamou a atenção dos guardas e o jovem teve que fugir para não ser surpreendido e morto. Quando a Sulamita saiu dos seus aposentos, exalando o seu perfume, o seu pastor já se retirara. Quase desesperada, ela foi ao local de sempre para tentar encontrá-lo, contudo, no caminho, foi surpreendida pelos guardas do muro. A jovem foi ferida, espancada e levada acorrentada à presença de Salomão (5:2-8). Mesmo a despeito de sua indiferença e sabendo que o seu coração pertencia a outro, o grande rei de Israel continuava cada vez mais fascinado por aquela bela princesa. O monarca estava enfurecido, afinal de contas, aquela a quem ele tanto amava, dedicava todo o seu amor a um humilde camponês. Salomão não conseguia aceitar que uma princesa rejeitasse a companhia de um rei para se entregar a um homem do povo. Mas o filho de Davi ainda conservava lapsos da sabedoria divina e decidiu agir com misericórdia em relação à Sulamita. Mais que isso, percebendo que ela era sua prisioneira e não sua esposa, resolveu deixá-la livre.

“Volta, volta, ó Sulamita, volta, volta para que nós te contemplemos” (Ct. 1:13).

A Sulamita ainda permaneceu no harém por algum tempo, mas ela não era mais vigiada, pois Salomão lhe concedera liberdade. Com esse gesto, o rei de Israel tentava uma última estratégia para ganhar o coração de sua amada. Entretanto, ele conhecia o risco que corria com essa medida. Poderia ser que o coração da Sulamita fosse tocado por esse gesto nobre da parte do rei, mas ela também poderia empregar a sua liberdade para fugir do palácio e se entregar definitivamente ao seu amado. O que Salomão temia não demorou a acontecer. Em uma noite em que o rei não se encontrava no palácio - tinha ido visitar a rainha de Sabá -, a Sulamita saiu do palácio para não mais voltar e foi ao encontro do seu amado. Ao ser comunicado da fuga de sua amada ao seu retorno, o desespero do rei de Israel foi tremendo. Recolheu-se ao seu leito e não apareceu em público durante dias. Por um longo tempo a dor da perda consumia os seus pensamentos, fato comprovado em uma canção que ele compôs dedicada à sua amada. O título dessa canção, “Volta,

volta, ó Sulamita”, era uma súplica comovente do rei para que sua amada retornasse e ele pudesse contemplá-la novamente.

“Eu sou um muro, e os meus seios como suas torres; sendo eu assim, fui tida por digna da confiança do meu amado” (Ct. 8:10.)

A Sulamita saiu do palácio e correu para os braços do seu amado para saciar o amor há muito sufocado. O reencontro no jardim foi emocionante e os beijos não queriam ter fim, pois o próprio amor que os movia era interminável. Tendo por testemunhas as romeiras e as cabras que pastavam próximo, o pastor exaltou em versos líricos a fidelidade inabalável de sua amada. “Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada”, sussurrou o jovem ao ouvido da Sulamita (4:12), demonstrando que, mesmo diante de todas as investidas de Salomão, ela conservara a sua pureza. “Vem depressa, amado meu, faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela, que saltam sobre os montes aromáticos” (8:14), a princesa respondeu ao seu amado. Os dois dormiram abraçados sobre a relva e, pela manhã, o pastor colheu figos, passas, maçãs, mel e leite para alimentar a sua amada.

“Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom; entregou-a a uns guardas, e cada um lhe trazia pelo seu fruto mil peças de prata” (Ct. 8:11).

Salomão jamais esqueceu a Sulamita, o rosto angelical dessa jovem que ele encontrara entre as videiras jamais saiu de sua mente. Tamanha era a fixação por ela que o rei de Israel resolveu plantar uma vinha bem próximo onde encontrara a sua amada pela primeira vez. Para ali ele sempre ia a fim de lamentar a ausência daquela a qual ele mais amou. Todas as tardes, o rei caminhava solitário por entre as videiras e se imaginava compartilhando com a Sulamita aquelas doces uvas. Diz uma antiga tradição que em seu leito de morte o grande rei de Israel rogou a presença da Sulamita para que o seu belo rosto fosse a última imagem contemplada por ele em vida. A jovem atendeu ao pedido de Salomão e o rei descansou feliz. O seu corpo foi sepultado na vinha, bem perto donde ele vira a Sulamita pela primeira vez.

3 – IMPLICAÇÕES DA INTREPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA PARA O CONCEITO DE AMOR

Assim, o amor consiste no desejo da posse perpétua, donde resulta que o amor é também o desejo de imortalidade [...]. Não deves, pois te espantar de que todos os seres amem a quem procriaram, pois é devido ao desejo de imortalidade que amam e se desvelam (PLATÃO, O Banquete).

Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme. As suas brasas são brasas de fogo, como as labaredas do Senhor. As muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo. Ainda que alguém desse todos os bens de sua casa por este amor, seria de todo desprezado. (Ct. 8:6,7).

3.1 – O amor enquanto vínculo de identificação

“O amor é quando a gente mora um no outro” (Mário Quintana).

A interpretação poético-imaginativa de *Cantares* apresentada acima nos permite analisar a natureza do amor encontrada neste poema. Devo ressaltar que temos em mente o amor no sentido conjugal, o Eros, conforme a designação usada por C. S. Lewis em *Os quatro amores*. Valendo-se da estrutura e pressupostos interpretativos acima apresentados, utilizaremos um recorte do poema para facilitar a nossa análise da natureza do Eros.

O amor conjugal é, antes de tudo, um laço que implica em identificação entre os amantes. O *Cântico* recorre à metáfora do selo para falar da identificação que o amor produz nos cônjuges. Também conhecido como sinete, o selo é empregado desde tempos remotos para indicar a autenticidade de um documento ou mensagem, comprovando assim a identificação entre ela e seu emissor. O selo era uma espécie de confirmação pública de que ele era responsável pelo conteúdo emitido. O exemplo bastante claro dessa prática no Antigo Testamento pode ser encontrado no episódio da morte de Nabote. Nesta ocasião, a rainha Jezabel envia cartas aos anciãos e nobres de Israel, selando-as com o sinete de Acabe (II Re. 21:8). Na Antiguidade, era comum os reis e nobres usarem como

selo os seus próprios anéis. Quando os servos eram enviados, por exemplo, a transmitir uma mensagem de seus senhores, eles costumavam levar os anéis para confirmar a identidade entre este comunicado e o seu suposto emissor. Com a presença do anel ninguém ousaria questionar a autenticidade daquela mensagem.

O autor do *Cântico* recorre à figura do selo exatamente para falar da identificação que existe no Eros. Essa identificação é tão profunda que o poeta extravasa na aplicação da metáfora. O selo não é colocado apenas sobre o braço, mas sobre o coração. O braço, provavelmente um sinônimo poético para mão, representa o componente físico, já o coração, enquanto núcleo da afetividade humana, aplica-se ao elemento espiritual. Isso comprova que há no amor conjugal uma dupla identificação: interna e externa. Para utilizar outros termos, uma identificação espiritual e física ao mesmo tempo. Ao contrário do que se pensa, o Eros vai além do simples apetite físico ou sexual, enveredando-se pelo mais elevado prazer espiritual. Sem a identificação física o Eros se transforma em sadismo e sem a identificação espiritual ele se converte em auto-erotismo. Amar é, portanto, identificar-se com a pessoa amada, é desejar que os outros nos vejam através dela. De uma forma misteriosa, o amante utiliza a amada como uma espécie de selo em seu próprio corpo, e o mesmo faz a amada em relação ao amante.

Algumas pessoas costumam empregar um princípio da física segundo o qual os opostos se atraem para falar do Eros. Na verdade, o grande mérito do amor não está em atrair os amantes, mas em manter unidos aqueles que por ele são atraídos, e isso só é possível por meio da identificação. A simples oposição pode ser empregada como força atrativa, mas também pode ser empregada como instrumento de separação. Sem a identificação, portanto, o atrito vira conflito e a oposição vira separação. Isso possui um caráter exortativo para que pretendem partilhar a beleza e plenitude do amor conjugal. É preciso que eles busquem pessoas com as quais possam estabelecer um vínculo de identidade. Se há algum casal que já está partilhando do amor conjugal e não consegue encontrar identificação com a pessoa amada, ele precisa descobrir o mais rápido possível algo que lhe identifique com a pessoa amada, caso contrário o seu relacionamento estará ameaçado.

O princípio da identificação tem implicações bastante sérias para o relacionamento entre os cônjuges. Em primeiro lugar, ele ensina que aquele que ama desejará sempre associar-se publicamente à pessoa amada. Há uma prática muito comum

entre casais de namorados que consiste em imprimir em blusas a foto da pessoa amada. Esta foto é quase sempre acompanhada por frases poéticas e declarações amorosas. O namorado sente-se feliz e até um pouco orgulhoso em poder trajar esta roupa. É como se ele quisesse declarar a todos que está ligado a essa pessoa, que se identifica com ela. A foto da pessoa amada é usada como uma espécie de selo. Infelizmente, esta prática não é vista com a mesma frequência entre pessoas casadas. Entre casais que já ultrapassaram os dez anos de casamento, a foto da pessoa amada é geralmente substituída pela foto dos filhos. Essa é uma das primeiras evidências que o vínculo de identificação que marca o amor conjugal está se perdendo.

No último estágio da falta de identificação notada acima, o cônjuge sentirá vergonha de associar-se ao seu companheiro, evitará, por exemplo, passear com ela em ambientes públicos ou apresentá-la aos amigos de trabalho. Casais que chegaram a este estágio certamente desconhecem que o amor conjugal é marcado pela identidade entre os amantes. Não sabem que aqueles que são envolvidos por esse sentimento sublime desejarão ardentemente publicar para todos a sua ligação com a pessoa amada. A rigor, não é a presença de Eros que prostitui uma relação, mas a sua falta. Há certos cônjuges que prostituem sua relação. Não no sentido de que pagam para possuir os corpos de seus cônjuges, mas no sentido de que se envergonham e querem mantê-los escondidos, ficam embaraçados sempre que precisam comparecer em público com eles. Em um relacionamento dessa natureza, conforme nos lembra C. S. Lewis, a plenitude e exuberância do Eros se perdeu.

Em segundo lugar, o princípio da identificação implica em valorização. Aquele que ama vê a pessoa amada como algo precioso. Essa consciência muda drasticamente o tratamento dos casais entre si. Para recorrer a uma analogia, que mulher, possuindo um colar de pérolas, desejará que ele fique sempre guardado? Na verdade, ela desejará mostrar a todos a sua joia valiosa, por isso, costuma usá-lo em ocasiões importantes. Durante a festa, sempre que as pessoas olham para ela e ficam extasiadas com a beleza do seu colar, ela se sente orgulhosa por ser dona de tal joia. Além disso, ela cuidará do seu colar com todo o empenho, considerando que ele é algo precioso para ela. Essa comparação ilustra bem a ideia do Eros. Quem ama vê a pessoa amada com uma joia preciosa. Por esta razão, cuidará dela com todo empenho e dedicação e ficará feliz sempre que as pessoas puderem perceber que eles se pertencem, que estão indissolavelmente

unidos pelo amor, sentir-se-á importante porque pertence a amada e amada, igualmente, lhe pertence.

Por fim, deve ser acrescentado que é o princípio da identificação que garante a unidade do relacionamento conjugal. Somente por meio dele a metáfora “tornar-se uma só carne”, utilizada para representar o casamento, ganha vida. Sem ele pode ser que haja um ajuntamento entre duas pessoas, nunca a sublime e misteriosa unificação conjugal. Eis a razão porque muitos casais estão vivendo sérias crises conjugais: não é que eles sejam incapazes de amar, a razão é que eles desconhecem as implicações do princípio de identificação que caracteriza o Eros.

3.2 – O amor enquanto vínculo poderoso

*“Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer” (Luís de Camões).*

As figuras empregadas pelo autor de *Cantares* para falar do Eros enquanto vínculo poderoso são ricas em detalhes, algo que, em virtude de sua beleza estilística, desafia a sensibilidade de qualquer poeta. Há no texto, dois grupos de metáforas, cada um expressando um aspecto do poder do amor conjugal. O primeiro grupo – morte, sepultura e fogo – apontam para o poder incontrolável e devastador do amor. Nessa sequência de figuras, há aquilo que os estudiosos da literatura sapiencial denominam paralelismo gradativo. A morte indica o fim da existência, a sepultura refere-se à autenticação pública da morte e o fogo é usado em várias passagens para representar a destruição definitiva dos maus. A destruição, portanto, vai ganhando intensidade na medida em que as figuras são apresentadas. O que nos chama a atenção nesse texto é fato do poeta empregar figuras de poder destrutivo para representar o caráter poderoso do amor conjugal. Tanto a morte quanto a sepultura e o fogo são elementos ligados à destruição das coisas. A morte representa a destruição da existência terrena, a sepultura representa a destruição do corpo e o fogo a perdição final dos homens maus. Por que o autor do *Cântico dos cânticos* lança mão dessas figuras para ilustrar o amor?

Quando olhamos rapidamente as páginas da literatura, observamos que, ao longo da história, os poetas empregaram a figura do sol, do mar, das estrelas e até do próprio

Deus para expressar o poder que envolve Eros. Em meu conhecimento extremamente limitado da literatura mundial, não me lembro de um poeta, além de Salomão e de Camões que afirmou que o amor é um fogo que arde sem se ver, que tenha recorrido às figuras da morte, da sepultura e do fogo para expressar o caráter poderoso do amor. Qual seria a razão do sábio ter empregado um procedimento tão radical? Por que será que ele não diz que o amor é como a flor que nasce em terra seca, como as ondas do mar que marcham incontroláveis ou como o sol que dispersa as trevas noturnas?

Em primeiro lugar, deve ser dito que o autor não está querendo dizer que o Eros é um sentimento necessariamente destrutivo. Na verdade, ao empregar estas metáforas, ele deseja ressaltar o grande poder que está associado ao amor conjugal. Por isso, ele recorre a figuras que possuem um conteúdo expressivo tão forte, tão contundente. Além disso, é como se ele quisesse nos lembrar que o amor, quando vivenciado de forma equivocada, pode ser dotado de um potencial destrutivo. O Eros não é necessariamente destrutivo, mas, em virtude do seu imenso poder é capaz de tornar-se destrutivo, pode causar danos irreparáveis aos amantes ao usufruírem-no da forma incorreta. Usado de forma incorreta o amor pode se transformar em ciúme possessivo, em sensualidade, adultério e pornografia. Certamente, os publicitários conhecem esse poder do amor quando exploram de forma apelativa a nudez em suas campanhas publicitárias. Ninguém em sã consciência negará que no Eros há o elemento instintivo e impulsivo. Se este elemento não for controlado o poder do amor pode se tornar destrutivo. Na verdade, não controlar esse elemento significa vivenciar o Eros de forma equivocada. Pensemos no exemplo de uma esposa que esconde o uniforme do esposo porque não deseja que ele não frequente o futebol com os amigos, ou o esposo que não aceita o fato de sua esposa trabalhar fora, ou mesmo aquele que, em um ato extremo, é capaz de tirar a vida da pessoa que afirma amar. Todos estes exemplos apontam, em maior ou menor grau, para o poder destrutivo do Eros, uma forma equivocada de amor conjugal, para ser mais preciso. Não se trata de hipocrisia ou falsidade, mas de um Eros experimentado na plenitude de sua dimensão destrutiva.

O segundo grupo de metáforas empregado na passagem do célebre *Cântico da vinha* é ainda mais forte em seu conteúdo expressivo. Neste recurso, o poeta emprega a figura do fogo em diferentes graus de intensidade. Com isso o autor do *Cântico dos cânticos* tenciona falar dos graus de poder do amor. Com efeito, ele começa a sua sequência de metáforas comparando o Eros a uma brasa. O termo hebraico *gahélet*

empregado nesta passagem aplica-se ao carvão de madeira usado para cozinhar, aquecer e queimar incenso. As brasas ardentes podem aplicar-se figuradamente à destruição do herdeiro único de uma família (II Sm. 14:7), ao caráter destrutivo das contendias (Pv. 26:21) e ao juízo divino (Sl. 120:4; 140:10).

O segundo elemento apresentado no texto é a figura da labareda. As labaredas são do Senhor como se o sábio quisesse enfatizar a procedência divina do Eros e, ao mesmo tempo, o seu caráter sacrificial. A título de alusão histórica, a expressão “labaredas do Senhor” nos remete às oferendas que eram queimadas a Deus. Trata-se do fogo que adquiriu maior intensidade. É fácil apagar o fogo de uma brasa, basta que lancemos um pouco de água sobre ela. Às vezes, nem é necessário lançar água sobre ela, basta tirá-la do braseiro. O fogo que assumiu a forma de labareda, entretanto, em virtude de sua maior intensidade, é muito mais difícil de ser apagado. Para termos uma ideia disso basta nos lembrarmos daquelas reportagens sobre incêndios florestais. Sempre que elas ocorrem, os bombeiros têm muita dificuldade para controlá-los e só conseguem fazê-lo depois de gastar muito suor e água.

O terceiro estágio do fogo empregado por Salomão não aparece de forma explícita como os anteriores, mas é possível deduzi-lo através da expressão empregada pelo autor do poema. Segundo ele, as muitas águas não poderiam apagar o amor nem os rios afogá-lo. Que estágio do fogo nem mesmo as águas de um rio poderiam apagar? Trata-se do vulcão. Em um verdadeiro espetáculo da natureza, quando os vulcões entram em erupção, as suas lavas são capazes de penetrar as águas do mar e manter acesa a sua chama ardente. No vulcão o fogo atinge o seu mais alto grau de exuberância e calor, uma intensidade à qual nem mesmo o frio das águas pode deter. Com essa figura o paralelismo gradativo do texto atinge seu clímax. É fácil apagar o fogo em forma de brasa, quando esse fogo se converte em labaredas a tarefa se torna mais difícil, quanto ele se torna vulcão, é praticamente impossível apagá-lo. Não há força capaz de detê-lo.

A figura empregada pelo poeta, portanto, fala de uma forma muito profunda sobre os graus de poder do Eros. Há momentos em que ele pode ser comparado a uma brasa, às vezes ele ganha a intensidade de uma labareda, às vezes, de um vulcão. Esse princípio possui implicações bastante decisivas para o relacionamento conjugal. A principal delas consiste no fato que, quanto maior for a intensidade do amor, mais difícil será para desfazer o laço conjugal. Casamentos que se desfazem com facilidade é porque o seu

amor é apenas uma brasa que pode ser apagada facilmente pelas frias águas dos problemas diários. Quando o amor é como o fogo de um vulcão, nem mesmo os mares de tribulações que se arremessam contra o relacionamento, podem apagar ou destruir o amor. Pelo contrário, ele sempre sai dos problemas mais fortalecido, belo e renovado.

Como deve ser o processo gradativo do poder do amor? Costuma-se pensar o Eros da seguinte forma: quando ele começa, na época do namoro, é tão intenso e incontrolável como as larvas de um vulcão. Após o casamento, ele perde a intensidade inicial e se transforma em uma labareda. À medida que o frio dos anos sopra contra o relacionamento, Eros se transforma em uma simples brasa cuja intensidade, nem de longe, lembra aquele ardor e exuberância iniciais. Essa concepção é totalmente equivocada. Na verdade, o Eros deve realizar um movimento inverso. Ele começa como uma brasa, evolui para uma labareda e depois ganha a intensidade de um vulcão. É claro que não estamos restringindo essa modalidade de amor apenas a sua dimensão física. Já foi falado que o simples apetite físico que encontra realização no ato sexual é apenas um dos componentes do Eros. Há também neste sentimento sublime um profundo prazer de ordem espiritual. Na verdade, o componente físico tende a perder a intensidade com o passar do tempo. Os casais mais idosos sabem muito bem do que estou falando. A perda de intensidade do componente físico do amor não significa necessariamente que ele está perdendo a intensidade. De fato, na medida em que vai se tornando cada vez mais espiritual, ele vai adquirindo maior intensidade, e, quanto mais espiritual o Eros se torna, maior se torna o seu poder. É verdade que, em virtude dos problemas aos quais o relacionamento conjugal está exposto, o casal passará por momentos em que o fogo do amor terá a sua intensidade diminuída, mas ele não demorará em ser restaurado à sua harmonia, calor e poder iniciais.

3.3 – O amor enquanto vínculo de fidelidade

*“Amor que rompe enfim os laços crus do Ser;
Um tão singelo amor, que aumenta na ventura;
Um amor tão leal que aumenta no sofrer”.* (Fernando Pessoa).

A história da Sulamita contada no *Cântico dos cânticos* é muito mais do que uma história de amor. É um verdadeiro exemplo de fidelidade desta jovem ao seu amado. Afastada de seu pastor, provavelmente, por conta de intrigas ligadas à sucessão real, esta

princesa foi levada ao palácio de Salomão e ficou confinada ao numeroso harém do rei de Israel. Salomão amou esta bela jovem desde a primeira vez que a viu e tentou conquistar o seu coração de todas as formas, tentou comprar o seu amor com presentes e honrarias (1:12; 8:7), mas a Sulamita não cedeu às investidas de Salomão. A razão dessa recusa é simples: o seu coração já pertencia a outro. Tratava-se de um humilde pastor com quem, à sombra dos vinhedos, ela fizera juras de amor eterno. A verdade é que a Sulamita jamais se entregou ao rei de Israel. Como o seu amado morava nos arredores do, às vezes, o casal se encontrava em secreto (3:4). Em um desses encontros, inclusive, ela foi surpreendida e espancada pelos guardas do muro que vigiavam o harém real (5:7). No final do cântico, de uma forma que tipifica a redenção do amor, a Sulamita deixa o palácio para entregar-se ao seu amado. O pastor louva a fidelidade de sua amada, ressaltando a sua confiança nela. As palavras da Sulamita são um verdadeiro poema sobre a fidelidade no amor conjugal. Em um tom solene ela declara: “Eu sou um muro, e os meus seios como as suas torres; sendo assim, fui tida por digna da confiança da minha amada” (8:10). A metáfora do muro é empregada para transmitir a ideia de firmeza, persistência e, mas também como um eufemismo poético para falar da virgindade. Uma evidência de que a nossa heroína permanecera incólume mesmo após o persistente assédio de Salomão. Infelizmente, em nossa cultura, Eros foi associado à infidelidade conjugal. Esta, contudo, não é a visão bíblica. Na visão de *Cantares*, a beleza do Eros está na identidade que ele promove entre os amantes, na sua força e, sobretudo, na sua fidelidade.

A história da Sulamita, a partir de uma interpretação poético-imaginativa é uma bela ilustração para o amor conjugal. Ele significa que há um pacto de fidelidade entre os amantes, pacto que em hipótese alguma deve ser rompido. Amar significa unir-se em um pacto de fidelidade com a pessoa amada. Há uma tendência bastante equivocada no sentido de restringir a fidelidade conjugal ao aspecto sexual. É um absurdo pensar que o vínculo de fidelidade se aplica apenas a essa área. Na verdade, a fidelidade promovida pelo amor refere-se a todas as áreas da vida. Considerando que o enlace matrimonial é uma entrega total, não há como deixar nenhuma área da vida conjugal fora da abrangência do princípio de fidelidade, por mais insignificante que ela possa parecer. A rigor, o pacto de fidelidade que é feito durante a cerimônia matrimonial não é quebrado apenas se um dos cônjuges incorrer em adultério. Na perspectiva bíblica, a fidelidade e a felicidade andam de mãos dadas. Isso significa que se um dos conjugues não está empregando todos os esforços para tornar o outro feliz, não está sendo fiel ao pacto contraído publicamente.

A fidelidade do Eros, com efeito, também implica em responsabilidade. Desse modo, a promessa de proteger e cuidar do cônjuge não deve ser entendida apenas como uma declaração sentimental, mas como a expressão de um compromisso que deve ser colocado em prática durante a vida matrimonial.

NOTA FINAL

A interpretação poético-imaginativa ora proposta, como vimos, ressalta os elementos essenciais do Eros em uma perspectiva bíblica, sobretudo a sua beleza, vigor e solidez. De fato, uma interpretação alegórica do *Cântico dos cânticos* compromete a dignidade do Eros, esquecendo-se, com efeito, de sua procedência divina. Em uma perspectiva bíblica, o Eros não é algo do qual devemos nos envergonhar ou evitar. É uma dádiva que conferiu aos cônjuges para unificá-los e, como toda dádiva, deve ser usufruída de modo a glorificar o seu Doador. Por outro lado, uma interpretação baseada na compreensão de que Salomão é o amado da Sulamita, além de encontrar fortes inconsistências a partir de uma análise textual do cântico, enfraquece consideravelmente um dos elementos mais importantes do Eros: a sua fidelidade. Reforço, entretanto, a consideração feita no início deste ensaio de que esta interpretação é apenas uma proposta. Outras poderão surgir, inclusive, empreendendo uma crítica à presente análise.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martins Claret, 2001.



SÊNECA E AS ESCRITURAS: UMA COMPARAÇÃO A PARTIR DE “A BREVIDADE DA VIDA”

Seneca and Scriptures: a comparison from “The brevity of life”

Azarias Fragoso da Silva Neto*



* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC).

Contato:
zacafragoso@gmail.com

RESUMO:

O diálogo entre “Jerusalém e Atenas” continua tão relevante hoje quanto era na época de autores como Agostinho, Tomás de Aquino e Anselmo. Desta forma, o presente ensaio se propõe a relacionar o conceito de brevidade da vida em Sêneca com os ensinamentos das Escrituras. Tal relação esclarecerá tanto princípios mais complexos de epistemologia quanto questões mais práticas do dia a dia, como a administração do tempo e a luta contra a ansiedade.

Palavras-chave: Sêneca; Escrituras; Vida; Ansiedade.

ABSTRACT:

The dialogue between "Jerusalem and Athens" remains as relevant today as the time of authors like Augustine, Thomas Aquinas, and Anselm. Thus, the present essay proposes to relate the concept of Seneca, about a brevity of life to the teachings of Scripture. Adding up to Biblical Theology, this philosopher will produce a discussion that, being so rich, will scrutinize both the most complex principles of epistemology and the more practical issues of everyday life, such as time management and the struggle against anxiety.

Keywords: Seneca; Scriptures; Life; Anxiety.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ao longo da história da Igreja a filosofia tem influenciado grandemente alguns pensadores cristãos; por consequência, em determinados períodos tornou-se especialmente comum um diálogo entre tais tradições, como é o caso do escolasticismo na Idade Média. A relação de alguns filósofos com a teologia é mais conhecida, a exemplo de Platão, Aristóteles ou Kant. No entanto, há alguns pensadores que são menos lembrados neste diálogo, como é o caso de Sêneca a ser considerado neste ensaio.

Lúcio Anneo Sêneca foi um intelectual romano do início da Era Cristã, ligado à filosofia estoica. Além de filósofo era dramaturgo, escritor e político, chegando a ser conselheiro de Nero. Influenciado pelo estoicismo, o pensamento de Sêneca enfatizava medidas para enfrentar os problemas da vida e a necessidade de se encarar a mortalidade.

Sêneca, semelhante à maioria dos escritores do Novo Testamento, produziu boa parte de suas obras utilizando-se do gênero epistolar (BRAREN, 1999, p.39). Uma explicação para isto não é tão difícil: epístolas seguem o sabor de “reflexões do momento”, não seguem necessariamente uma ordenação global única, diversos assuntos são tratados topicamente a fim de instruir de modo pessoal e íntimo seu destinatário, o que causa uma aproximação maior do autor aos leitores; seu ensino toma um vigor diferente, tanto cheio de sentimentos quanto deveras pessoal e específico para seus leitores.

O presente ensaio pretende, antes de tudo, analisar um dos textos mais conhecidos do filósofo estoico: *Sobre a brevidade da vida*. A partir daí, será estabelecido um diálogo entre as principais ideias encontradas nesse texto e as doutrinas bíblicas. A referida obra é uma epístola de Sêneca dirigida a Paulino, na qual ele pretende demonstrar a necessidade do ócio contemplativo e reflexivo para o aproveitamento da vida humana.

1 – SÊNECA E A BREVIDADE DA VIDA

1.1 – A vida não é o mesmo que tempo

O senso comum entende por brevidade da vida o seguinte: “como seres humanos, somos frágeis, nossos anos passam rápido e nosso tempo aqui na terra é muito pouco”.

Este, porém, não é o entendimento compartilhado por Sêneca. Logo no início de sua obra, o filósofo romano afirma: “Não temos necessariamente uma vida curta [...] mas fazemos com que seja assim” (SÊNECA, 2013, p. 26). Para ele, a vida em si mesma não é breve e pode ser longa, se for bem aproveitada. Como podemos perceber, para o filósofo estoico, o conceito a durabilidade da vida não é o mesmo que tempo decorrido, mas a qualidade com a qual este tempo foi aproveitado.

A vida se torna breve quando os homens esquecem de viver de fato, pois viver, para Sêneca não é o mesmo que existir. De modo específico, o que impede os homens de viverem são suas paixões desordenadas, ganância, guerras, invejas e ansiedade. Impedem de viver, pois os afastam da verdade. Em suas próprias palavras, “os vícios sufocam os homens e andam à sua volta, não lhes permitindo levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade” (SÊNECA, 2013, p. 28). Esta verdade é alcançada mediante à reflexão, portanto, como os vícios atrapalham esse processo, fazem com que os homens existam, mas não vivam, criando assim uma vida breve. Além de afastar os homens da verdade, os vícios os afastam da tranquilidade do espírito e sem ela o que temos também não é vida, já que para ele “vida é o que vivemos, todo o restante é tempo”.

No capítulo três de sua obra, Sêneca critica o fato de que os homens zelam por seus bens financeiros, porém são tolos no zelo pelo bem que é mais precioso que os bens rentáveis, o próprio tempo. Com efeito, o tempo de tais homens é tirado por amantes, poder, clientes, brigas conjugais, idas e vindas pela cidade e a ansiedade. Estas coisas impedem o homem de gastar seu tempo consigo mesmo e de possuir um espírito tranquilo. O tempo é desperdiçado com estas coisas, impedindo o homem de se dedicar à meditação, como Sêneca parece indicar neste trecho: “Não te envergonhas de destinar para ti somente resquícios da vida e reservar para a meditação apenas a idade que já não é produtiva”? (SÊNECA, 2013, p. 32).

1.2 – O homem ocupado não vive

Sêneca critica aqueles que nunca estão disponíveis para nada, senão para o vinho e para os prazeres da carne. Há outros que se entregam a guerras, enfim, para ele o homem ocupado não pode fazer nada de bom. Na sua ponderação: “Nada está mais longe do homem ocupado do que viver, nenhuma coisa é mais difícil de aprender”. Estes homens não sabem viver e também não sabem morrer. Vale lembrar que o pensamento de Sêneca,

influenciado pela escola estoica, está preocupado e ensinar o modo adequado de encarar a morte. Esta escola torna a própria filosofia uma espécie de preparação para a morte.

Ao contrário dos homens ocupados, existem os grandes homens. Estes não deixam que tirem nada do seu tempo, logo sua vida é considerada longa, já que seu tempo é bem aproveitado. Tais homens aproveitam o tempo apenas consigo mesmos. Um homem assim, diz Sêneca (2013) “não deseja, nem teme o amanhã”, sabe aproveitar o presente e viver. Já os homens ocupados são tomados pela ansiedade, o espírito não é tranquilo e sofrem de ânsia do futuro e tédio do presente. Fazem projetos para longo tempo, mas esse adiamento se torna prejudicial, pois tira deles o dia a dia, rouba o presente e prejudica também o futuro. Neste sentido, o filósofo romano continua. “A expectativa é o maior impedimento para viver: leva-nos para o amanhã e faz com que se perca o presente” (SÊNeca, 2013, p. 46). Além de perder o presente e o futuro, perdem também o passado, pois não tendo tempo para refletir se esquecem das lições que poderiam ser tiradas de suas experiências.

Os homens ocupados são tolos, pois perdem o tempo se enganando com prazeres, mas quando a morte chega mostram sua fragilidade, se desesperam porque sabem que desperdiçaram sua vida, ao contrário, os sábios que aproveitaram seu passado através da reflexão, vivem o presente e se preparam para o futuro, que é a morte; quando se deparam com ela não se desesperam, pois entendem que sua vida não foi breve, mas o suficiente. Irão tranquilos para a morte já que aproveitaram cada instante da vida.

1.3 – O viver autêntico está ligado ao ócio

A prática de aproveitar a vida está ligada, segundo Sêneca, ao ócio. O ócio, contudo, não deve ser confundido com preguiça. Nas palavras de Sêneca (2013, p.64), “dentre todos, somente são ociosos os que estão livres para a sabedoria”. Essa sabedoria encontrada nos filósofos, conduz os homens das trevas para a luz. Ela ensinará o homem a morrer e acrescentará à sua vida os seus anos. Os filósofos conferem sabedoria e por sabedoria vida a todos os que se dedicam não unicamente à leitura de seus escritos, mas também à reflexão de seus conceitos.

Por fim, Sêneca instrui a Paulino a não se afeiçoar da preguiça ou da inércia, mas dos verdadeiros ofícios. Nos termos do filósofo, desfrutar da intimidade de Zenão,

Pitágoras, Aristóteles e outros mestres da boa arte. Esses ofícios, nas palavras de Sêneca (p.80), “revelarão a natureza de Deus, seu prazer, sua condição, sua forma [...] irão te indicar o destino reservado à tua alma”. Para ele, a sabedoria dos filósofos e do ócio contemplativo levava a um certo conhecimento divino. Nesta prática, seria encontrada a virtude, o esquecimento das paixões, a arte de viver e de morrer, uma calma inalterável.

Para concluir, a vida é breve quando se desperdiça o tempo com paixões e vícios que impedem o homem de contemplar e buscar a verdade, deixando seu espírito inquieto, escravizando-o à expectativa ansiosa do futuro. Esta inquietude, rouba o presente do homem, fazendo-o apenas existir e tornando-o incapaz de encontrar a morte com tranquilidade. Já o sábio, através da filosofia e do ócio, não tem uma vida breve, mas longa e suficiente, não pelos anos que existiu, mas pela qualidade dos anos aproveitados; com ele, quando algo se perde no passado, recupera com a memória, se está no agora ele desfruta, se algo há de vir com o futuro, ele espera, pois está pronto para a morte. Segundo Sêneca (2013, p. 67), “a união de todos os tempos em um só momento faz com que sua vida seja longa”.

2 – RELAÇÃO COM O ENSINO DAS ESCRITURAS

2.1 – A ansiedade e a provisão divina (Mt. 6:25-34)

No capítulo seis do Evangelho de Mateus, por ocasião do Sermão do Monte, Jesus discorre com os seus discípulos sobre a ansiedade por conta das preocupações e das necessidades básicas que todos os homens necessitam para viver. Três necessidades são mencionadas: comida, bebida e vestes. A ordem de Jesus é que os discípulos não devem ficar ansiosos. Ao primeiro olhar, percebe-se um acordo entre a doutrina bíblica e as ideias de Sêneca em *A brevidade da vida*. Porém, como veremos a seguir, existe uma diferença fundamental entre as duas concepções.

Sêneca diz que a ansiedade rouba o presente e impede o homem de buscar a sabedoria, portanto esse é o motivo para não ficar ansioso; contudo, esta explicação não resolve todos os problemas. Como alguém buscará a sabedoria através do ócio, preocupado com um familiar doente, sem saber se este conseguirá um remédio a tempo? Ou como ter um espírito tranquilo sabendo que talvez não terá nenhum alimento? A explicação de Sêneca apesar de interessante talvez não possa ser aplicada a casos

extremos: Como um marido ao ter sua esposa morrendo de câncer pode de maneira prática recorrer ao ócio e à sabedoria para o alívio do sofrimento? A ansiedade se torna quase imediata nestes casos e o conceito do filósofo encontra uma grande dificuldade para ser praticado.

Neste ponto o ensino bíblico parece ir de modo mais direto e eficaz ao cerne do problema. Em seu discurso, Jesus usa alguns exemplos da natureza para fortalecer seu argumento. Deus proverá o necessário para seus filhos, logo não há motivos à ansiedade. Ele diz, por exemplo, que as aves do céu não colhem, nem ajuntam em celeiros, mas Deus as sustenta. A implicação é que se Deus sustenta estes animais porque não iria sustentar também os seus filhos? A certeza da provisão divina deve levá-los não apenas a ficarem tranquilos, mas a buscarem em primeiro lugar o Reino de Deus. Diferente de Sêneca, o ensino bíblico aponta para um fundamento transcendente de superação da ansiedade.

Sêneca, como vimos, dá a motivação para buscarmos a sabedoria, enquanto nossas necessidades não serão supridas. Jesus, ao contrário, motiva os discípulos a buscarem antes de tudo e, nesta busca, eles experimentarão o suprimento de suas necessidades serão supridas. Esta verdade, desde que o discípulo creia nela, deixará o seu espírito tranquilo mesmo diante das maiores adversidades, como a doença, a escassez e o sofrimento. O ensino bíblico não apenas vê a beleza e a racionalidade do pensamento, mas ressalta o valor de colocarmos a nossa confiança em Deus.

Outra passagem bíblica que embora não se proponha a falar sobre a ansiedade, traz contribuições a este assunto é Romanos 8.28. Ao falar sobre o amor de Deus e a sua Eleição, Paulo reproduz a seguinte verdade nesta passagem: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...”. O ensino bíblico dá a entender que mesmo as adversidades, onde algumas necessidades básicas possam não ser supridas, estarão contribuindo para o bem dos que amam a Deus, dos que buscam o seu reino. Esta verdade contribui para o ensino anteriormente citado.

É evidente, então, que tanto Sêneca quanto o ensino bíblico concordam em ver a ansiedade como nociva, a discordância surge nos meios empregados para combatê-la. O filósofo estoico parece apontar como solução a busca da sabedoria, um fundamento imanente, portanto. Algo que se mostra ineficaz em algumas situações já que a ansiedade parece estar associada a um déficit muito mais abrangente do homem. Neste sentido, o

ensino bíblico, ao postular um fundamento transcendente se apresenta mais eficaz e abrange um número mais amplo de situações-limite.

2.2 – Epistemologia bíblica

Em relação ao conhecimento e a busca dele, Sêneca diz que os filósofos tiram os homens das trevas e os levam para a luz. A sabedoria destes somada a uma vida de ócio era capaz de fazer alguém viver de verdade. Por esta razão, o conhecimento filosófico não só deve ser o alvo do ser humano, como a base para a sua própria vida.

As Escrituras reproduzem uma visão diferente de sabedoria e como ela deve ser alcançada. Escrevendo a um contexto grego o apóstolo Paulo diz que a sabedoria humana é loucura diante de Deus (1 Co 3.9), os gregos que buscaram a sabedoria (1 Co 1.22) não conseguiram encontrar a vida, que segundo as Escrituras é Deus que dá (Jo 3.16). Aqueles que estão buscando a sabedoria humana em detrimento da sabedoria de Deus são chamados, por Paulo, como “os que se perdem”, ou seja, morrem; no entanto, vale lembrar que a fé cristã não combate todo tipo de sabedoria humana, e sim, aquela que crê salvar o homem à parte de Deus ou de prover tudo o que é necessário para a vida por si mesma. A sabedoria humana que se apresenta como uma resposta às inquietações últimas do ser humano.

Sêneca acerta quando diz que a sabedoria traz vida, mas erra quanto ao que chama de sabedoria. A verdadeira sabedoria não é encontrada nos filósofos, segundo as Escrituras, mas é dada por Deus e revelada “em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria...” (1 Co 1.30). É neste sentido que o pensador cristão Blaise Pascal afirmará que “todo conhecimento sem Cristo é inútil”.

Além de divergir quanto ao que é sabedoria, as Escrituras também divergem do filósofo estoico quanto ao método pelo qual se deve buscá-la. Enquanto Sêneca a coloca como resultado de uma busca humana através do ócio, a Bíblia, mesmo não excluindo a responsabilidade humana de buscar o conhecimento de Deus, dá ênfase na ação do próprio Deus de revelar sua sabedoria. No mesmo contexto das passagens anteriormente citadas, Paulo diz que as coisas que Deus preparou para os seus filhos não foram vistas, ouvidas ou muito menos pensadas pelos homens em geral, porém “Deus no-lo revelou pelo Espírito”; outra passagem também testifica que é o Espírito que ilumina a mente do homem para que ele possa compreender a verdade (Ef 1.18). O que Sêneca atribui ao ócio

contemplativo, as Escrituras dão maior ênfase à ação divina de revelar sabedoria aos seus filhos através do Espírito Santo. Nesta busca o homem não é independente ou suficiente, mas necessita do começo ao fim da graça divina, um conceito claramente ignorado por Sêneca.

2.3 – A loucura da avareza (Lc. 12:13-21)

Uma das maiores críticas de Sêneca aplica-se ao homem que trabalha demasiadamente, que se preocupa com os bens financeiros, mas se esquece de viver, passando apenas a existir. Uma crítica parecida se encontra nos ensinamentos de Jesus. Em Lucas 12, Cristo adverte que “a vida de um homem não consiste na abundância de bens que ele possui” (v.15), o que fica claro é que Jesus, como Sêneca, critica a avareza, mas como adiante será mostrado, a motivação dos dois é bastante diferente.

Continuando seu ensino, Jesus conta a parábola de um homem que acumulou muitos bens e pretendia aproveitar dos prazeres que lhe estavam disponíveis, quando Deus lhe diz: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será”? Como sabemos, Cristo conclui que esta é a triste realidade daquele que entesoura para si mesmo mas não é rico para com Deus. O que Jesus tem em mente é a realidade eterna da alma humana. Longe de Deus ela irá perecer (Mt 18.9). Em relação a tal realidade é inútil se preparar para esta vida sem se preparar para a existência após ela, a eternidade. Aqueles que gastam seu tempo acumulando tesouros na terra, sem tê-los no céu são chamados de loucos e o ponto aqui não é o que diz Sêneca, que são tolos porque não se mantiveram em ócio buscando a sabedoria filosófica. Tais homens são loucos porque desprezaram o conhecimento de Deus, desprezaram a sabedoria divina e rejeitaram a salvação oferecida pelo Cristo (Lc 19.10).

Para resumir, enquanto Sêneca critica a avareza porque ela afasta o homem da busca da sabedoria, fazendo com que a preocupação futura estrague seu presente, Jesus reconhece que é necessário um tipo de preocupação em relação ao futuro, onde o homem, caso despreze a Deus no presente irá perder sua vida futura. Sêneca, claramente, se detém na esfera da temporalidade, da finitude, Jesus, por sua vez dirige a atenção dos seus ouvintes para a eternidade. Assim, viver para Sêneca é ser sábio, viver para Jesus é ser rico para com Deus.

3.4 – A meditação das Escrituras (Sl. 1)

Sêneca enfatiza a necessidade de meditação e reflexão mediante a um ócio filosófico, mas o conceito de meditação também é encontrado nas Escrituras, como é o exemplo do primeiro Salmo: “Bem-aventurado o homem [cujo] prazer está na lei do Senhor e na sua lei medita de dia e de noite”. Com efeito, o objeto de reflexão não é o ensino dos filósofos, como Sêneca defenderia, mas a revelação bíblica chamada de Lei do Senhor.

A lei divina dada no Antigo Testamento servia para conduzir o povo em santidade e em adoração a Deus, seu conteúdo é reverenciado como uma fonte de bênçãos para o povo: “A lei do Senhor é perfeita [...] é fiel e da sabedoria aos simplices ”(Sl 19). Tal lei restaurava a alma, alegrava o coração e iluminava os olhos (Sl 19). Curiosamente, estes três aspectos são referidos por Sêneca aplicado a algo totalmente diferente. Para ele, seria o pensamento dos filósofos que restaurava a alma em seus objetivos corretos na vida, que tranquilizava o espírito (ou alegrava o coração, traduzindo para termos judaicos) e iluminava os olhos para a verdade. A diferença aqui é significativa. As mesmas qualidades são aplicadas a objetos de reflexão completamente diferentes e aqui retomamos a epistemologia. Para Sêneca, o conhecimento que trazia verdade e vida era a meditação através dos filósofos, para o salmista, aquilo que traz estes benefícios é a meditação diária na Lei do Senhor.

Além do objeto da meditação, as Escrituras não parecem incluir a meditação num ócio, o que fica claro ainda no Salmo 1 verso 3. De fato, elogiando o homem que medita na lei do Senhor, o autor canônico complementa: “tudo quanto fizer será bem sucedido”. Aquele que medita de dia e noite, não é o que fica inerte ou alheio às atividades humanas, não, é por meio desta meditação constante que suas atividades são guiadas e abençoadas. As escrituras motivam ao trabalho, inclusive manual, ao esforço e às atividades, como forma de gozar daquilo que Deus dá (Eclesiastes).

A própria cosmovisão bíblica valoriza o trabalho manual na criação. No Antigo Testamento Deus não é apresentado como um ocioso, mas como aquele que criou um jardim e que trabalha com suas mãos para a formação do homem; e este homem tem o dever de cultivar o jardim e de desenvolver as potencialidades da criação. Já o Novo Testamento traz que o Deus encarnado teve em sua humanidade uma profissão braçal e em seu ministério público muitas vezes ficava cansado por sua rotina de trabalho.

Apesar do ócio ter valor em determinadas ocasiões, é difícil pensar que um homem como Paulo, que entendia a gravidade da realidade dos homens sem Cristo e a necessidade da expansão do Evangelho para a glória de Deus, ficasse longos tempos em ócio, meditando e alheio aos problemas de milhares de almas perecendo. A cosmovisão bíblica motiva o trabalho manual e principalmente o trabalho no evangelismo: “o vosso trabalho no Senhor não é vão” (1 Co 15.58).

Fazendo justiça, Sêneca não defendia a preguiça ou a inércia, mas defendia longos tempos de ócio para meditar, ao contrário, uma meditação bíblica não precisa de um ócio tão extenso, inclui sim retiros para reflexão e oração, mas pode haver o ato de meditar enquanto há o trabalho para a glória de Deus. Portanto, a meditação não está presa ao ócio, é uma atividade constante, em meio a todas as atividades de um coração voltado para Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, apesar de haver certas semelhanças nas abordagens de alguns temas, há divergências importantes nas motivações por trás das conclusões de cada um dos lados do diálogo. Em relação à ansiedade, as Escrituras defendem que além de abrir mão da ansiedade para a busca do reino de Deus, essa busca irá trazer a provisão das necessidades básicas ou o cuidado de Deus mesmo quando estas não forem supridas, porém, Sêneca não fornece respostas para a provisão das necessidades básicas do ser humano.

Quanto à Epistemologia, Sêneca e o ensino bíblico concordam que a sabedoria traz vida, mas enquanto aquele entende a sabedoria como um esforço humano, as Escrituras postulam como revelação e graça divinas. Seja na meditação ou na avareza, as Escrituras divergem mais uma vez de Sêneca, pois não analisam a vida como algo apenas presente, mas contemplam a eternidade e tal eternidade, incluindo a morte eterna de homens, não libera os crentes para um ócio extenso, sendo que precisam trabalhar para a salvação de almas e à glória de Deus. Os cristãos podem até se beneficiar com a leitura deste filósofo, mas seguindo a Bíblia é necessário remir o seu pensamento à luz das verdades divinas.

Independente das aproximações e diferenças há uma utilidade para o cristianismo o estudo de Sêneca, suas profundas reflexões sobre o perigo da ansiedade reverberam

pelo menos em um sentido o cuidado que todo cristão deve ter; além disso sua habilidade em argumentação e lógica é um exemplo vivo do que o reflexo da imagem de Deus no homem ainda pode fazer.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRAREN, Ingeborg. Por que Sêneca escreveu epístolas? **Letras Clássicas** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP, São Paulo, n. 3, p. 39-44, 1999.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. São Paulo: L&PM, 2006.